

AZUSA – REVISTA DE ESTUDOS PENTECOSTAIS

Volume XIV - Número 2

jul./dez. 2022

Revista Semestral da Faculdade Refidim

Joinville/SC

ISSN - 2178-7441

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais
Volume XIV– Número 2
jul./dez. 2022

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais. - v. XIV, n. 2
(jul./dez. 2022) - Joinville: REFIDIM, 2022.
Semestral.
136p.
Editor: Aílto Martins
ISSN: 2178-7441
I. Martins, Aílto. II. Título.

Editor:

Prof. Dr. Aílto Martins, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Editor Executivo:

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Joinville, SC, Brasil

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar, PUC/SP

Prof. Dr. Bernardo Campos - Perú

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Valdeinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Daniel Chiquete Beltrán - México

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Profa. Dra. Kathleen M. Griffin - Argentina

Prof. Dr. Luis Alberto Orellana Urtubia - Universidad Arturo Prat (Chile)

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória (UNIDA)

Comissão Científica *ad hoc*

Prof. Dr. Adriano Souza Lima, PUC/PR

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. Fernando Albano, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória/ES, Brasil

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Prof. Me. Regina Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Me. Valdeinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Profa. Ma. Andréa Nogueira dos Santos, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Revisão: Equipe de Pesquisa da Faculdade Refidim

Diagramação: Everton de Borba

Traduções Abstracts: Cristiane Luiza Salazar Garcia

Órgão Semestral editado pela

FACULDADE REFIDIM

Rua Cerro Azul, 888 - Bairro Nova Brasília - 89.213-480 - Joinville – SC

Fone/Fax (47) 3466 0058

E-mail: ceeduc@ceeduc.edu.br - Site: www.ceeduc.edu.br

Diretor Geral: Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening

Solicita-se permuta.

Biblioteca: Cristiane Luiza Salazar Garcia - biblioteca@ceeduc.edu.br - (47) 3466 0058

*Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente,
a opinião dos editores*

SUMÁRIO

1. EDITORIAL.....	4
2. GLOSSOLALIA: O LUGAR DO DOM DE LÍNGUAS NA VIVÊNCIA RELIGIOSA DOS CRISTÃOS PENTECOSTAIS	6
JOSÉ HÉLIO DE LIMA	6
MARCELO SERAFIM DE SOUZA	6
3. <i>O DISCIPULADO NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS: NECESSIDADE, DESAFIOS E URGÊNCIA</i>	35
AILTO MARTINS	35
FLAVIO JUNIOR ORTIZ	35
4. <i>DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO CRISTÃ RELEVANTE</i>	69
MARCOS ANDERSON TEDESCO	69
GILVAN NERY DE SOUZA	69
5. <i>O ÊXODO BÍBLICO E A MAGIA DA ESCRITA NA PERSPECTIVA DE GERALD WHEELER: UMA TENTATIVA DE RESPONDER AO PROBLEMA DA AUSÊNCIA DE EVIDÊNCIA</i>	90
ADRIANO DA SILVA CARVALHO	90
6. <i>A DOCTRINA DA TRINDADE: APONTAMENTOS HISTÓRICOS E CONFESSIONAIS</i>	110
LUCIANO AZAMBUJA BETIM	110

EDITORIAL

Com muita alegria finalizamos o ano com o segundo número da Azusa – Revista de Estudos Pentecostais (jul./dez. 2022). A presente edição mais uma vez reforça o compromisso interdisciplinar da equipe editorial da revista na análise e reflexão dos pentecostalismos e temas correlatos, tendo em vista que os leitores (as) encontrarão nesta edição temas e autores das mais diversas áreas.

O primeiro artigo, “*“Glossolalia: o lugar do dom de línguas na vivência religiosa dos cristãos pentecostais”*”, de autoria de José Hélio de Lima, e de Marcelo Serafim de Souza apresenta duas perspectivas sobre as manifestações os dons espirituais, a cessacionista da tradição do protestantismo histórico, e a continuísta da tradição pentecostal. Diante disso, os autores abordam os dons espirituais ou carismáticos o de glossolalia, também conhecido como diversidade de línguas ou “línguas estranhas”, em uma perspectiva da teologia prática pentecostal, destacando as experiências pentecostais, com este dom carismático, que mais suscita divergências.

Ailto Martins e Flávio Junior Ortiz, coautor e autor do segundo artigo, “*O discipulado na Igreja Evangélica Assembleia de Deus: necessidade, desafios e urgência*”, desenvolveram uma pesquisa sobre o discipulado cristão na perspectiva do cuidado com os novos convertidos, partindo da observação da necessidade, dos desafios e da urgência que há nas igrejas assembleianas, com relação ao planejamento, implantação e desenvolvimento do discipulado. A pesquisa direcionou ações práticas, com o intuito de aplicar, por meio de um plano de ação a implementação do discipulado em uma igreja das Assembleias de Deus.

Já, o terceiro artigo, “*Desafios para uma educação cristã relevante*”, do coautor Marcos Anderson Tedesco e autor Gilvan Nery de Souza, discute a problemática acerca da Educação Cristã, a qual deve lidar com os desafios propostos pela pós-modernidade. A pesquisa propõe uma reflexão acerca da relevância da Educação Cristã para os dias atuais. Desta maneira, abre uma discussão sobre como o professor de escola dominical deve procurar se atualizar utilizando subsídios e recursos pedagógicos em seu cotidiano, procurando em

todo a pesquisa ser coerente com a visão de que a Educação Cristã no ambiente eclesialístico, com enfoque para a Escola Dominical.

Passando para o quarto artigo “*O êxodo bíblico e a magia da escrita na perspectiva de Gerald Wheeler: uma tentativa de responder ao problema da ausência de evidência*”, de autoria de Adriano da Silva Carvalho analisa a possível explicação da ausência de documentos escritos sobre o êxodo bíblico. A hipótese levantada pela pesquisa perpassa a crença dos egípcios no poder mágico das palavras. Deste modo, a análise procura responder a essa problemática a partir da perspectiva de Gerald Wheeler, que afirma em seus estudos que o silêncio em relação ao êxodo bíblico pode ter relação com os aspectos da cultura egípcia.

Finalizando o quinto artigo, “*A doutrina da Trindade: apontamentos históricos e confessionais*”, de autoria de Luciano Azambuja Betim, analisa a doutrina da Santíssima Trindade. Examina a problemática se há base bíblico-teológica para formulação desse importante dogma de fé. Assim, realiza um exame os textos chave nas Sagradas Escrituras, e também as grandes formulações teológicas presente na tradição das igrejas protestantes.

Prof. Dr. Ailton Martins

Editor

GLOSSOLALIA: O LUGAR DO DOM DE LÍNGUAS NA VIVÊNCIA RELIGIOSA DOS CRISTÃOS PENTECOSTAIS

José Hélio de Lima¹
Marcelo Serafim de Souza²

RESUMO

Dentre as diferenças estabelecidas entre o protestantismo histórico e o pentecostal estão as manifestações ou continuidade dos dons carismáticos que caracterizaram a Igreja do primeiro século. Há dentre os cristãos históricos aqueles que integram a corrente dos cessacionistas, enquanto para o pentecostais ou carismáticos os referidos dons estão em plena atividade. Dentre os dons carismáticos o de glossolalia, também conhecido como diversidade de línguas ou “línguas estranhas” é o que mais suscita divergências. O presente artigo se propõe a abordar o assunto em uma perspectiva da teologia prática pentecostal e apontar o lugar do referido dom dentro da vivência dos cristãos pentecostais ou pentecostalizados.

Palavras-chave: **glossolalia, falar em línguas, batismo com Espírito Santo**

ABSTRACT

Among the differences established between historical Protestantism and Pentecostalism are the manifestations or continuity of the charismatic gifts that characterized the Church of the first century. There are among the historical Christians those who integrate the current of cessationists, while for the Pentecostals or charismatics the referred gifts are in full activity. Among the charismatic gifts, that of glossolalia, also known as diversity of languages or “strange tongues” is the one that raises the most divergences. The present article proposes to approach the subject from a perspective of Pentecostal practical theology and to point out the place of this gift within the experience of Pentecostal or Pentecostalized Christians.

¹ Teólogo graduado pelas Faculdade Batista do ABC e Universidade Metodista de São Paulo; Mestre em Ciências da Religião pela Universidades Presbiteriana Mackenzie; Doutorando em Teologia pelas Faculdades EST.

² Graduado em Direito pela Faculdade Batista de Vitória. Graduado em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória. Mestre e doutorando em Teologia pela Faculdades EST em São Leopoldo/RS.

KEY WORDS: Glossolalia, speak in tongues, baptism with Holy Spirit.

INTRODUÇÃO

É fato que no final do século XIX e início do XX, quando surgiram os primeiros grupos de protestantes que retomaram práticas litúrgicas e ênfase nas obras do Espírito Santo, a exemplo do que ocorria na vida da Igreja do século I, causou muitos questionamentos, oposições e prognósticos de que seria uma onda religiosa estadunidense que não vingaria e teria vida curta. No entanto, não foi isso que aconteceu. Aqueles cristãos estavam resgatando as obras do “Deus esquecido”³ e o evento inaugurado no dia do Pentecostes, de Atos 2, após uma releitura foi introduzida na vida da Igreja de forma definitiva.

A questão central envolvendo os pentecostais estão centradas nas manifestações dos dons espirituais, especialmente aqueles que são categorizados como “miraculosos”, e dentre eles o dom de línguas, sobretudo por ter sido categorizado como evidência do batismo com Espírito Santo. A glossolalia tem um lugar de relevância dentro dos movimentos e igrejas pentecostais. Mas, quais são os dons espirituais? Qual é a fundamentação bíblica para a atualidade dos dons de milagres dentro do pentecostalismo? Quem fala em línguas entra em um estado de transe ou êxtase? Qual é o lugar do dom de língua dentro das igrejas pentecostais? A proposta desse artigo é promover reflexão sobre a atuação do Espírito Santo na vida das igrejas pentecostais, através dos dons, especialmente o de línguas.

³ “O Deus esquecido” é o título e assunto tratado pelo teólogo Francis Chan, onde aborda a falta de ênfase dada pelos cristãos católicos e protestantes durante séculos, que foi trazido de volta as práticas cristãs pelos pentecostais e os adeptos da pentecostalidade.

1. FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DOS DONS DE MILAGRES

As questões envolvendo as crenças e práticas dos primórdios cristãos, e posteriormente das igrejas, desde sua gênese, diz respeito as interpretações que os seguidores de Jesus Cristo deram aos seus ensinamentos e da hermenêutica aplicada pelos apóstolos às profecias e outros conteúdos veterotestamentários. O cristianismo nasce em um reduto religioso judaico, bem como realizava algumas celebrações nos mesmos espaços, inicialmente no Templo em Jerusalém e posteriormente nas sinagogas⁴ entre judeus da diáspora⁵ nos Continentes asiático, europeu e africano.

As relações do cristianismo com o judaísmo não se restringiam apenas a pessoa de Jesus Cristo que nasceu da descendência do rei Davi, portanto um judeu, mas as doutrinas e teologia cristã postulam como continuidade da revelação de IAVÉ a humanidade, cabendo a Igreja a responsabilidade de proclamar a salvação a todos os moradores da terra. A nova aliança celebrada e estabelecida por Jesus Cristo, alusivo a substituição a Antiga Aliança, observada pela nação de Israel como resultado da entrega que IAVÉ fez dos mandamentos

⁴As sinagogas eram espaços sagrados dos judeus que, segundo Georg Fohrer, surgiram o ganhou relevância no período exílico babilônico (VI século a.C) e que substituiu o Templo construído por Salomão em Jerusalém, mas que havia sido destruído parcialmente pelo exército babilônico. Nas sinagogas “o povo reunia-se para uma forma simples de adoração que compreendia oração, hinos e uma preleção. [...] O povo reunia-se para a adoração do *Shabbath*, que, assim, adquiriu nova importância. Sua observância tornou-se o substituto mais importante do culto; guardar o santo *Shabbath* tornou-se uma obrigação religiosa decisiva. (FOHRER, 2006, p.405).

⁵ Antes mesmo da Era Cristã, com domínio dos povos da Palestina por reinos como os babilônicos, medos, persas, gregos e romanos, os judeus foram espalhados por várias partes do mundo, constituindo-se em um povo com cultura e religião monoteísta javista da diáspora. Com a instituição do cristianismo entre os judeus, eles fizeram das sinagogas os espaços de convívio sociorreligioso e cultural, assim como a difusão das novas doutrinas. (BÍBLIA de Estudo Vida. São Paulo: Editora Vida, 1999, nota da p.1692)

da Lei no Monte Sinai.⁶ Essa relação da Igreja surgente com as crenças e teologia judia fez com que os elementos doutrinários cristãos tivessem suas bases no monoteísmo judaico.

Com a implantação da Igreja em Jerusalém, seguindo o exemplo de Jesus no desenvolvimento do seu ministério terreno, os cristãos passaram a reproduzir milagres que viram ou ouviram dizer que ele fizera. Prodígios como cura, libertação ou exorcismo de pessoas possuídas de demônios, ressurreição de mortos, entre outros, caracterizaram os seguidores do Salvador. Entretanto, esses prodígios somente passaram a fazer parte do cristianismo depois do derramamento ou batismo no Espírito Santo, conforme previsto por Jesus Cristo.⁷ Os cristãos foram revestidos de poder e os milagres os seguiram.⁸ Nos próximos parágrafos veremos como se construiu a teologia protestante pentecostal e suas bases bíblicas vetero e neotestamentário.

1.1 Batismo no Espírito Santo

Dentre as doutrinas cristãs é comum a ideia, ou pelo menos a mais aceita entre as diversas correntes teológicas, o fato de que o Espírito Santo⁹, é Deus, é

⁶ Para diversas escolas rabínicas as Escrituras (AT) foram inspiradas por Deus, assim sendo ela é a Palavra de Deus e, por isso, no processo hermenêutico eles sempre consideravam a literalidade dos textos, mas com muitas possibilidades de aplicações. (DOCKERY, David S. *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*. tradução Álvaro Hattner. São Paulo: Editora Vida, 2005. p. 30)

⁷ Lucas 24.49 – (BÍBLIA SAGRADA: Nova Versão Transformadora: letra grande. 1ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2016. p. 1347)

⁸ Marcos 16.15-18 (BÍBLIA SAGRADA, 2016, p. 1298)

⁹ No Concílio de Niceia, no ano de 325 da Era Cristã, o Espírito Santo foi reconhecido e declarado doutrinariamente como Deus por ser procedente de Deus Pai, por ter atributos de Deus, ter sido partícipe da criação e ser, portanto, a terceira Pessoa da Trindade. (MENZIES, William W.; HORTON, M. Stanley. *Doutrinas Bíblicas*. 1.ed. - Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995. p. 54)

uma pessoa e que é ele quem capacita os cristãos através de dons espirituais para servir a Deus e seu reino. Segundo as profecias acerca da atuação do Espírito Santo na vida dos fiéis, no Antigo Testamento (AT) o profeta Joel registrou a promessa de Deus de que ele derramaria sobre a vida de todas as pessoas, inclusive mulheres e pessoas que viviam sob o regime de escravidão, fazendo velhos sonhar e jovens profetizar e ter visões.¹⁰

Já no Novo Testamento (NT), após ressuscitar, Jesus disse para que seus discípulos ficassem em Jerusalém até que eles recebessem o poder do Espírito Santo, como forma de preparação para o desenvolvimento da missão deles como igreja¹¹. Foram promessas como as mencionadas anteriormente que levou o apóstolo Pedro a interpretar que o fenômeno sobrenatural, que aconteceu por ocasião da festa judaica de Pentecostes, onde cerca de 120 pessoas que estavam reunidas no cenáculo de uma casa em Jerusalém e foram vistas falando línguas estrangeiras¹², era cumprimento de profecias, porque aqueles irmãos eram pessoas simples não versados nas línguas que estavam falando. Esse era o sinal físico de que eles haviam sido batizados no Espírito Santo. Aquela experiência transcendente, revestida de fé foi o que levou os discípulos de Jesus a vivenciar fenômenos sobrenaturais que não faziam parte de seu cotidiano, e como disse Peter Berger:

Embora o sagrado seja apreendido como distinto do homem, refere-se ao homem, relacionando-se com ele de um modo em que não o fazem os outros fenômenos não-humanos (especificamente, os fenômenos de natureza não-sagrada). Assim, o cosmos postulado pela religião transcende, e ao mesmo tempo inclui, o homem. O homem enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa

¹⁰ Joel 2.28,29. BÍBLIA SAGRADA, 2016. p. 1162)

¹¹ Lucas 24.49; At 1.8. (BÍBLIA SAGRADA, 2016, p. 1347)

¹² Atos 2.1-10. (BÍBLIA SAGRADA, 2016, p. 1384) O fenômeno registrado neste texto foi o que em grego chamam de glossolalia (γλῶσσα – *glossa*), falar em outras línguas, que posteriormente ficou conhecido como “línguas estranhas”, justamente pelo fato da pessoa que fala não conhecer o idioma.

realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida numa ordem, dotada de significado.¹³

E, por sagrado, na dicção de Peter Berger, [...] entende-se [...] uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia, relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos de experiência.¹⁴

E essa qualidade de poder misterioso e temeroso, que reside em certos objetos de experiência, distinto do homem, mas, relacionado com ele, encontra-se descrita em Atos 2.1-3. O Evangelista Lucas, fala acerca de “um som, como de um vento veemente e impetuoso”. E esse som, encheu toda a casa onde se encontravam reunidos os seguidores de Jesus (2.2). Fala também, no mesmo contexto de “línguas repartidas, como que de fogo” (2.3).

E, a isso, Peter Berger se refere como “objetos de experiência”, o que ele denomina de “qualidade de poder misterioso e temeroso”.

A consequência desses “objetos de experiência”, descrita por Lucas no versículo 4, do capítulo 2, desagua na famigerada glossolalia: “E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas”.

Contudo, há que se consignar que, no conceito dos cristãos pentecostais e dos pentecostalizados¹⁵, acerca da glossolalia, denominada de “batismo no

¹³ BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma sociológica da religião*. São Paulos: Paulus, 1985, p. 39.

¹⁴ BERGER, 1985, p. 38.

¹⁵ O Dr. David Mesquiat de Oliviera e o Dr. R. Kenner, baseando-se no argumento do teólogo pentecostal Bernardo Campos, afirmam que há um princípio fundante da teologia pentecostal: o princípio da pentecostalidade. A pentecostalidade não é a pentecostalização da igreja, diz eles, mas tem a ver com a ação do Espírito Santo de maneira ativa na igreja e na teologização, mais do que as formas clássicas de *Espírito do Filho* ou da *força* (energia) *de Deus*. A partir da pentecostalidade, a pessoalidade divina seria estimada, invocada e presente. (OLIVEIRA, 2018, p. 29) Assim, não somente os pentecostais seriam fruto da pentecostalidade, que pode gerar expressões concretas e culturais, dentre eles o próprio pentecostalismo, mas poderia atuar inclusive nas estruturas eclesiásticas.

Espírito Santo”, sua ocorrência não ficou restrita aos seguidores de Cristo, conforme Atos 2, mas, continua a acontecer naqueles que ainda creem nos dias de hoje.

Ainda que contestado pelos teólogos cessacionistas¹⁶, os pentecostais partem da premissa de que falar em línguas, por exemplo, é uma experiência pessoal que tem como elemento fundamental a fé, pois Jesus disse que esse seria um dos sinais que seguiriam aqueles que cressem.¹⁷ Portanto, estamos diante de um dom espiritual que é, sobretudo, uma experiência que exige obediência ao imperativo de “ir” e fê para falar novas línguas.

1.2 Diversidade de Dons

O professor de teologia da *Trinity Evangelical Divinity School*, o norte-americano Dr. Wayne Grudem, escrevendo sobre teologia sistemática deu uma contribuição pertinente aos leitores com uma definição de dons espirituais, que nos ajuda a compreender esse fenômeno transcendental que norteia a fé cristã deste do início da Igreja. Ele assim resume o que são dons espirituais:

[...] podemos definir dons espirituais da seguinte maneira:
 "Um dom espiritual é qualquer habilidade que é concedida

(OLIVEIRA, David Mesquiati de; KENNER R. C.: *Experiência e Hermenêutica Pentecostal*. Reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 29)

¹⁶ Os cessacionistas creem que os dons do Espírito Santo cessaram e não estão disponíveis para a igreja hoje. Baseiam-se em duas premissas. Uma delas diz que os dons eram características do ministério apostólico, são ‘marcas dos apóstolos’. Com a morte destes no século I os dons cessaram. Outra baseia-se em ICo 13:8. Para eles ‘o que é perfeito’ é a Bíblia Sagrada, ou seja, quando o cânon foi completado, as profecias cessaram e as línguas foram aniquiladas” Fonte: <http://www.cincosolas.com.br/2007/07/o-que-cessacionismo.html> visitado em 05/07/22

¹⁷ No imperativo de Jesus para que os seus discípulos fossem pregar o evangelho ele foi categórico ao dizer que “Os seguintes sinais seguiram aos que crerem: em meu nome expulsarão demônios, falaram novas línguas,” (Marcos 16.17. Bíblia Sagrada, 2016, p. 1298)

pelo Espírito Santo e usada em qualquer ministério da igreja. Essa definição ampla inclui tanto os dons que estão relacionados às capacidades espirituais (como ensino, misericórdia ou administração) quanto os dons que parecem mais "miraculosos" e menos relacionados a capacidades naturais (como profecia, curas ou discernimento de espíritos). A razão para isso é que, quando Paulo menciona os dons espirituais (Rm12.6-8; 1Co 7.7; 12.8-10,28; Ef 4.11) ele inclui ambas as espécies de dons. Todavia, nem toda capacidade natural que as pessoas têm está incluída aqui, porque Paulo é claro ao mencionar que todos os dons espirituais devem ser autorizados "pelo mesmo e único Espírito" (1Co 12.11), que eles são dados "visando ao bem comum" (1Co 12.7) e que todos eles devem ser usados "para a edificação da igreja" (1Co 14.26).¹⁸

Conforme Moróz:

No Novo Testamento as palavras traduzidas por “dons” nos principais textos referentes aos “dons espirituais” são carismata e pneumaticon, a primeira pode ser entendida como algo recebido sem mérito próprio, um presente recebido mediante a graça Divina. A segunda pode ser aceita como algo pertencente ao Espírito Santo ou Espírito de Deus.¹⁹

Dentre as correntes cristãs há uma tendência de se aceitar que existem dons espirituais para a Igreja de hoje e que o Espírito Santo é Deus agindo através de pessoas, dando-lhes habilidades que serão úteis na proclamação do Evangelho e edificação dos santos. A divergência está no fato de que os pentecostais acreditam que os dons de milagres, e não apenas os ministeriais, fazem parte da vida dos

¹⁸ GRUDEM, Wayne. *Manual de doutrinas cristãs: teologia sistemática ao alcance de todos*. tradução Heber Carlos de Campos. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 458

¹⁹ MORÓZ, Michel Wésley. *A atuação do Espírito Santo através dos dons sobrenaturais*. Kérygma. Ano 5. Número 2. 2º Semestre de 2009.

cristãos dos nossos dias. Quanto a esse assunto o Dr. Grudem fez o seguinte comentário:

No mundo evangélico de hoje há posições diferentes com respeito a esta pergunta: "Todos os dons mencionados no NT são válidos para o uso na igreja hoje?". Alguns dizem sim. Outros diriam não, e argumentariam que alguns dos dons mais miraculosos (como profecia, línguas e interpretação, e talvez curas e expulsão de demônios) foram dados somente no tempo dos apóstolos, como "sinais" para autenticar a pregação primitiva do evangelho. Eles afirmam primeiramente que esses dons não são mais necessários como sinais hoje e que cessaram no fim da era apostólica, provavelmente no final do século I ou no começo do século II d.C.²⁰

As igrejas pentecostalizadas, a exemplo das pentecostais, fazem uma hermenêutica do NT literal dos dons espirituais, e sua consecutiva aplicação os levam a crer e vivenciar experiências similares às encontradas nos textos neotestamentários. Seja dons de milagres ou de ministérios²¹ eles estudam, buscam e praticam. A seguir faremos umas exposições dos dons espirituais que são encontrados no NT.

Quantos dons há? As cartas do NT mencionam dons espirituais específicos em seis passagens diferentes. Considere a seguinte tabela:

1Coríntios 12.28: 1. apóstolo*, 2. Profeta, 3. Mestre, 4. Milagres, 5. dons de curar, 6. prestar ajuda, 7. Administração, 8. Línguas

1Coríntios 12.8-10:5. 9. palavra de sabedoria, 10. palavra de conhecimento, 11. Fé, (4) milagres, (5) dons de curar, (2) profecia, 12. discernimento de espíritos, (8) línguas, 13. interpretação de línguas.

²⁰ IBIDEN, p. 444

²¹ Myer Pearlman faz distinção entre dons e dom fazendo o seguinte comentário: "Os dons do Espírito devem distinguir-se do dom do Espírito. Os primeiros descrevem as capacidades sobrenaturais concedidas pelo Espírito para ministérios especiais; o segundo refere-se à concessão do Espírito aos crentes conforme ministrado pelo Cristo assunto aos céus (At 2.33)." (PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. 3. ed. São Paulo: Vida, 2009, p. 319)

Efésios 4.11: (1) apóstolo, (2) profeta, 14. Evangelista, 15. pastor-mestre

Romanos 12.6-8: (2) profecia, 16. Serviço, (3) ensino, 17. dar ânimo, 18. Contribuição, 19. Liderança, 20. misericórdia

1Coríntios 7.7: 21. Casamento, 22. Celibato

1Pedro 4.11: seja quem for que fale (compreendendo vários dons), sejam quem for que sirva (compreendendo vários dons)²²

1.3 O Dom de Línguas

A glossolalia, ou comumente conhecido como “dom de línguas”²³ faz parte daqueles dons que, em uma perspectiva dos pentecostais e pentecostalizados, são sinais miraculosos que o fiel recebe quando é batizado no Espírito Santo, sendo que há correntes teológicas defendidas por um segmento de igrejas pentecostais que acreditam ser esse o dom que evidencia o batismo no Espírito Santo. No entanto, não se trata de unanimidade, pois existem outros tantos pentecostais que entendem se tratar de mais um dos dons que uma pessoa recebe, ou não, na sua experiência cristã. Os que defendem o dom de línguas como evidência ou confirmação de batismo no Espírito Santo respaldam suas crenças nos acontecimentos relatados em Atos 2.3,4; 10.46; 19.6, onde a manifestação foi marcada pela evidência do derramar do Espírito com pessoas falando em outras línguas, a semelhança do ocorrido em Jerusalém.

²² GRUDEM, 2005, p. 439

²³ Com o auxílio do exegeta do Novo Testamento Prof. Marcelo Serafim conseguimos fazer um levantamento de todas as referências onde aparece o “dom de línguas”, no original grego e suas múltiplas formas e significados na língua neotestamentária. Mc 16.17 - *γλώσσαις καιραις* - línguas novas; At 2.3,4. (v. 3) *γλώσσαι πυρός* - línguas de fogo – (v. 4) *ετέραις γλώσσαις* - outras línguas – Atos 10.46 - *λαλούντων γλώσσαις* - falando línguas - Atos 19.6 *ελάλουν γλώσσαις* - falavam línguas - 1Co 12.10,28 (v. 10) *γένη γλωσσων* - gênero de línguas - (v. 28) *γένη γλωσσων* - gênero de línguas ou várias línguas. Em todos os casos “línguas” são idiomas que o falante não conhecia, mas passava a pronunciar como evidência da manifestação Espírito Santo, não como algo eles aprenderam didaticamente.

Os teólogos pentecostais William Menzies e Stanley Horton chamam a atenção para as similaridades e diferença entre os episódios envolvendo cristãos que foram batizados no Espírito Santo, cujas experiências foram registradas por Lucas, no livro de Atos dos Apóstolos. Para eles o falar em línguas se constituiu na exteriorização como confirmação de que algum fiel fora batizado com Espírito Santo.

No dia de Pentecoste, dois sinais antecederam o derramamento do Espírito Santo. Ouviu-se "um som, como de um vento veemente e impetuoso" e "foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles" (At 2.2,3). Esses sinais particulares não se repetiram em experiências posteriores de batismo no Espírito Santo. Um sinal, entretanto, fazia parte real do batismo pentecostal: todos quantos foram cheios com o Espírito Santo "começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (At 24.) Essas "línguas" eram idiomas que eles nunca tinham aprendido, distribuídas individualmente, à parte da compreensão de cada um. Alguns dos presentes, que compreendiam os idiomas, reconheceram que eles estavam declarando "as grandezas de Deus" (At 2.11). Esse sinal foi o mais espetacular dos fenômenos do dia de Pentecoste, e repetiu-se por várias vezes, duas das quais são registradas no livro de Atos (10.46 e 19.6).²⁴

A questão envolvendo o dom de línguas em nossos dias é saber para que serve esse dom. Nos dias apostólicos, como vimos anteriormente, ele servia como meio de se evangelizar ou como sinal sobrenatural na proclamação do Evangelho para pessoas que falavam outros idiomas e os cristãos não dominavam, mas e hoje? Menzies e Horton responde essa pergunta com as seguintes explicações:

As línguas pessoais, ou seja, o dom de falar em línguas desconhecidas, têm, nas devoções particulares, o valor de edificar quem estiver ocupado na oração. Orar em uma língua desconhecida é forma exaltada de adoração (1 Co 14.4). Orar em línguas é uma prática útil, e deveria ser cultivada na vida diária do crente, pois assim a pessoa é edificada em sua fé e na vida espiritual. [...] há também outro uso para as línguas.

²⁴ MENZIES; HORTON, 1995, p. 141-2

Embora seja o mesmo em essência, o dom de línguas empregado nos cultos públicos visa um propósito distinto. As línguas mencionadas no livro de Atos são evidenciais e privadas; as mencionadas nas epístolas são públicas, e visam a edificação geral. As línguas particulares não precisam ser interpretadas, visto que o indivíduo é edificado mesmo à parte de seu entendimento. Não obstante, as disciplinas acerca do emprego das línguas em reuniões públicas enfatizam a necessidade de interpretação, para que o culto seja abençoado (1Co 14.2-20)²⁵

Em uma perspectiva social do pentecostalismo moderno, a historiadora Dra. Karina Bellotti encontrou uma explicação, não teológica, para as manifestações de dons espirituais, dentre os quais está o de falar em línguas. Para ela os dons, assim como outras práticas próprias dos pentecostais, tem um cunho emocional que eleva a autoestima dos fiéis e dá a eles o sentimento de vitória. Diz ela:

Isto é, as soluções espirituais que os pentecostais oferecem para os problemas e as aflições das pessoas têm sido adotadas em maior ou menor grau em algumas igrejas históricas e avivadas. A cura divina e a rede de solidariedades; o uso da música e do louvor; a repetição dos milagres bíblicos, como a glossolalia; o batismo do [sic] Espírito Santo que fortalece a autoestima [sic] dos fiéis; o sentimento de vitória dentro de uma batalha espiritual.²⁶

2. ENTRE ÊXTASE E TRANSE

Dentre os pesquisadores das religiões brasileiras, em especial o pentecostalismo e suas manifestações, há uma tentativa de explicar o fenômeno espiritual que se dá quando os fiéis falam em outras línguas, ou em “línguas

²⁵ Ibidem, p. 145-6)

²⁶ BELLOTTI, Karina Kosicki. *Entre a cruz e a cultura pop: mídia evangélica no Brasil* in Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro. Organizado por João Cesário Leonel Ferreira. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009, p. 272

estranhas”. É plenamente compreensível que haja interesse em decifrar essa manifestação, até para nomeá-la e, preferencialmente encontrar uma explicação cientificamente plausível para o fato. Foi nessa busca que alguns cientistas sociais e teólogos categorizaram as manifestações do dom de línguas, que são vistas entre os pentecostais e entre as comunidades pentecostalizadas em suas reuniões de orações ou celebrações de cultos ou missas, como êxtase ou transe. Dentre eles estão: Leonildo Silveira Campos que usa tanto o termo “êxtase” como “transe”²⁷, assim como Davi Mesquiati de Oliveira e Kenner Terra²⁸; enquanto Émile Léonard²⁹ e André Luiz de Castro Mariano³⁰ classificam o falar em línguas como uma experiência em que os fiéis ficam em êxtase. Mas, do que eles estão falando? É possível encontrar um termo que defina uma experiência única que cada indivíduo tem com o Espírito Santo? Em seguida, procuraremos expor tanto os conceitos como abordagem empírica e bíblica que é dispensado às pessoas que tem o dom de línguas.

2.1 Definições de Conceitos

2.1.1 Êxtase

Para melhor compreensão do que está se falando quando se refere a experiência de falar em línguas, como manifestação do dom espiritual, fomos buscar nos dicionários de Português a compreensão do termo, e encontramos o

²⁷ CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro*: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. Revista USP, (nº 67), 100-115. 2005, (“transe” p. 102 - “êxtase” p. 104, 108, 112)

²⁸ OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 27

²⁹ Léonard, Émile, 1951, 1952, p. 343 in MARIANO, André Luiz de Castro. *Congregação Cristã do Brasil: Análise antropológica da primeira denominação pentecostal brasileira*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus Marília. 2021, p. 277.

³⁰ MARIANO, 2021, p. 148

seguinte significado da palavra êxtase: Etimologicamente a palavra deriva do grego "*ekstasis*", com o sentido de movimento para fora ou perturbação mental. Trata-se da condição daquele ou daquela que está emocionalmente fora de si ou tomado(a) por sensações adversas, intensas e contundentes como: prazer, alegria, medo, gozo íntimo, causado por uma grande admiração, enlevo ou pismo. Êxtase pode ser também uma patologia psíquica que é o estado nervoso caracterizado pela perda de consciência da própria existência e pela abolição da sensibilidade a toda e qualquer ação externa. Dentro da religião, caracteriza-se pelo estado de alma submergida na contemplação de Deus e das coisas do mundo sobrenatural.³¹

A partir das definições acima empregadas para a palavra “êxtase”, como descrição do estado que fica o cristão ou a cristã quando fala em línguas, impulsionado ou promovido pelo Espírito Santo, pode-se dizer que não seria essa a melhor definição verbal para uma experiência espiritual ímpar. Talvez aqui esteja a maior dificuldade que o saber empírico encontra no processo de entendimento de algo que é espiritual e não material, logo de ordem metafísica.

2.1.2 Transe

Outro conceito dado pela ciência ao estado físico de um fiel pentecostal quando está falando línguas é de que ele fica em transe, e segundo a definição etimológica do termo, que deriva da palavra francesa *transe*, que é um estado de intensa abstração, de exaltação ou de absorção, através do qual alguém sente que transcendeu a realidade sensível, e está conectado com algo fora do mundo físico. Condição semelhante é o que ocorre com a experiência do sono que altera a consciência, definida pela redução da capacidade de responder a estímulos, com ausência de noção do que ocorre no ambiente em que está. Patologicamente

³¹ Dicionário online da Língua Portuguesa <https://www.dicio.com.br/extase/> visitado em 07/07/22

falando, é quando um paciente fica fora do estado normal, fora de si, em circunstância aflitiva ou perigosa; momento crítico; crise, perigo.³²

Como está em transe implica em vivenciar um estado de inconsciência, com certeza não é essa a definição para a experiência pentecostal, seja no contexto bíblico neotestamentário ou dentro das comunidades carismáticas encontradas em nossa sociedade. Certamente qualquer pessoa pode ser estimulada ou ser portadora de uma patologia que a leve a entrar em transe, mas não é o caso do dom de línguas. Ainda que o estado de transe seja encontrado entre práticas religiosas das mais diversas vertentes, não é o que acontece com as pessoas que falam em “línguas estranhas”. Será que o dom espiritual de línguas, assim como outros de ordem pessoal e transcendental precisa ser explicado? Porque, quando explico o dom de Deus estou explicando Deus e, um Deus que se explica não é Deus!

2.1.3 A Experiência Longe do Campo de Compreensão Científica

Por mais relevante que seja a compreensão dos fenômenos religiosos por meios empíricos, a partir de intensas e necessárias pesquisas, há determinados fenômenos que se dão no ceio das comunidades de fé que não são passivas de compreensão ou interpretação. Esse é o caso de práticas e crenças que estão presentes nas igrejas pentecostais. As manifestações de alguns dons espirituais, como a glossolalia, cujas definições sociológicas ou psicológicas acabam não encontrando expressões verbais que se possa afirmar categoricamente o que seja. No entanto, isso não pode invalidar a necessidade que as ciências têm de estudar as religiões, inclusive o pentecostalismo, porque as sociedades possuem elementos que as constituem e são reflexos do conjunto de crenças e valores religiosos. Os sociólogos Cardoso e Rodrigues fizeram a seguinte constatação:

³² Ibidem <https://www.dicio.com.br/transe/>

As sociedades possuem valores, morais, normas e condutas que, em grande medida, relacionam-se com os elementos constituintes do religioso. Logo, em uma análise sociológica de qualquer sociedade, esbarra-se na necessidade de uma compreensão da religião, enquanto elemento que influencia e altera a vida cotidiana dos indivíduos. Assim, as concepções religiosas são cruciais para a compreensão da organização econômica, jurídica, política, entre outras.³³

Aquilo que alguns sociólogos, teólogos e cientistas sociais deduzem ser êxtase ou transe dentro do pentecostalismo, não passa de uma experiência individual ímpar e inexplicável de um cristão com o Espírito Santo. Quem tem o dom de línguas, especialmente na modernidade, ora em línguas como meio edificação própria e exaltação a Deus³⁴ e isso não tem explicação. Os cristãos ficam fora de si e não tem controle sobre as palavras e corpo? Não, mas simplesmente balbucia ou pronuncia palavras que são estranhas para o que fala.³⁵ Somente há um jeito de entender esse fenômeno, é sendo batizado com Espírito Santo e recebendo o dom de línguas e isso passa pela fé.³⁶ Assim como tem assuntos da ciência que somente a ciência pode explicar e entender, há coisas da fé que somente pela fé se pode entender e explicar.

³³ CARDOSO' Kaique; RODRIGUES, Donizete. *Durkheim e Weber: Uma Perspectiva Introdutória Acerca da Religião*. Curitiba: Revista Relegens Thréskeia. UFPR, 2019, p. 8

³⁴ 1Co 14.2-4. (BÍBLIA SAGRADA, 2016, p. 1464)

³⁵ O apóstolo Paulo, falando sobre os dons espirituais na vida dos cristãos, disse que: “Aqueles que profetizam têm controle de seu espírito e podem falar um por vez.” (1Co 14.32 - BÍBLIA SAGRADA, 2016, p. 1465), portanto, não se trata de um estado de êxtase ou transe porque a pessoa tem absoluto controle e consciência.

³⁶ O teólogo e filósofo norte-americano Francis Schaeffer disse que “A fé cristã nunca é fé na fé. À fé cristã nunca falta conteúdo. A fé cristã nunca é um salto no escuro. A fé cristã é sempre crer no que Deus disse. E a fé cristã repousa sobre a obra terminada de Cristo na cruz.” SCHAEFFER, Francis A. *Verdadeira espiritualidade*. Tradução: Hope Gordon Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2021. p. 94-5

3. O DOM DE LÍNGUAS NA EXPERIÊNCIA DE COMUNIDADES CRISTÃS

Apesar do movimento pentecostal ter colocado em evidência a doutrina do batismo com Espírito Santo e dos dons espirituais, nos quais figura a glossolalia, não foram eles que criaram ou iniciaram o processo de avivamento cristão. Campos fez a seguinte constatação sobre o assunto:

Há quem atribua a Montano, um cristão do segundo século, a luta pela recarismatização da cristandade. Isso porque, segundo Montano, por volta do ano 150, os cristãos já haviam abandonado certos carismas, por exemplo: “falar em línguas”, “receber revelações divinas” ou esperar pelo poder da divindade “sinais”, “curas” e “maravilhas”. Ora, as consequências da pregação de Montano foram intensas e fortes, pois séculos depois ainda existiam comunidades cristãs com um perfil semelhante ao de igrejas pentecostais modernas.³⁷

Após o estabelecimento das igrejas protestantes surgiram outros movimentos avivalistas que antecederam aos pentecostais³⁸ estadunidenses e outros tantos que aderiram as doutrinas do batismo com Espírito Santo praticado pelos pentecostais e pelas igrejas que vivem a pentecostalidade, dentre eles estão os protestantes históricos³⁹ e católicos romanos, como veremos a seguir.

3.1 Entre os Protestantes Históricos

³⁷ CAMPOS, 2005, p. 103.

³⁸ “Uma parte delas se tornaria igrejas tipicamente pré-pentecostais, quando então já se prenunciava no horizonte um salto de qualidade que se concretizaria com a chegada da ‘era pentecostal’: Church of God (Cleveland, 1886); United Holy Church of América Inc. (1886); Fire Baptized Holiness Church (1898); Pentecostal Holiness Church (1899); Pentecostal Union (1901). Algumas dessas igrejas iriam aderir oficialmente ao movimento pentecostal nos anos seguintes, seguindo os modelos implantados por William Seymour, em Azuza Street, a partir de 1906.” (CAMPOS, 2005, p. 106)

³⁹ Quando usamos o termo “protestantes históricos” estamos nos referindo as igrejas luteranas, presbiterianas, batistas, congregacionais e metodistas. (MENDONÇA, 1995)

Os primeiros estadunidenses que formaram as comunidades pentecostais eram líderes e membros de igrejas históricas e protestantes como anglicanas, metodistas, batistas e presbiterianas.⁴⁰ Passado pouco mais de uma década o movimento pentecostal já havia se consolidado e chegado nos Continentes americanos, europeu, africano e asiático, e nas décadas seguintes igrejas protestantes históricas tiveram entre suas comunidades aquelas que assumiram a pentecostalidade, isso quando não se dividiram com a saída de grupos que se pentecostalizaram e criaram as “Igrejas Renovadas”. Foi o que sucedeu no Brasil entre algumas denominações como as igrejas presbiterianas, batistas e metodistas.⁴¹ Seguindo a principal característica do pentecostalismo do período, o batismo no Espírito Santo, com o dom de línguas, era a principal marca dessas igrejas históricas pentecostalizadas, sendo que algumas, como a Presbiteriana Renovada assumiram uma posição teológica e dogmática e menos flexível, característica de pentecostais da época como Assembleia de Deus e Congregação Cristão do Brasil, que proibia o uso da televisão, assim como as mulheres não podiam cortar o cabelo e usar calças, joias ou maquiagens. Implantaram cultos de orações, vigílias e pregações onde incentivavam os membros a buscar o batismo com Espírito Santo.

3.2 Entre os Católicos Romanos

⁴⁰ CAMPOS, 2005

⁴¹ A década de 60 foi marcada pelo surgimento da “Igrejas Renovadas” no Brasil, onde líderes e fiéis das igrejas protestantes ou históricas como presbiteriana, os batistas e metodista dividiram entre tradicionais e renovados, além de pastores que saíram para fundar igrejas pentecostais. Foi assim que surgiram as Igrejas Batista Renovada, Presbiteriana Renovada e Metodista Wesleyana.

Já fazia quase que duas décadas desde que a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) havia aderido ao movimento carismático quando o Papa João Paulo II se dirigiu a comunidade católica com o seguinte apelo:

No nosso tempo, ávido de esperança, fazei com que o Espírito Santo seja conhecido e amado. Assim, ajudareis a fazer que tome a forma aquela “Cultura de Pentecostes”, a única que pode fecundar a civilização do amor e da convivência entre os povos. Com insistência fervorosa, não vos canseis de invocar: Vem, ó Espírito Santo! Vem! Vem! (João Paulo II)⁴²

Apesar dos historiadores católicos definir o ano de 1895 como o início da entrada da ICAR na era da pentecostalidade⁴³, foi somente em 1961, no Concílio do Vaticano II, quando o Papa João XXIII proveu uma abertura litúrgica e teológica que deu vasão para que se organizassem grupos de fiéis católicos que desejavam participar de movimentos carismáticos.⁴⁴ A Renovação Carismática Católica (RCC) teve suas primeiras reuniões no Brasil em 1970, através do Pe. Haroldo Hahn e Pe. Sales, que realizaram vários retiros que ficaram conhecidos como “Experiência de Oração”, mas a organização oficial ocorreu na cidade de Campinas, SP, através dos padres Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty, enquanto que entre 1970 e 1971 teve início a segunda comunidade da RCC na cidade paranaense de Telêmaco Borba, com Pe. Daniel Kiakarski, que teve contato com o movimento nos Estados Unidos em 1969.⁴⁵

⁴² Fonte: <https://metropolia.org.br/movimentos/movimento-da-renovacao-carismatica-catolica> visitado em 07/07/22

⁴³ No ano de 1895 uma freirinha italiana, chamada Elena Guerra, vinha recebendo revelações de que Deus queria que a experiência do Espírito Santo voltasse a ser plena na Igreja. Ela escreveu várias cartas ao Papa Leão XIII, pedindo pela pregação permanente do Espírito Santo. Atendendo ao apelo de Deus através da freira o Papa Leão XIII publicou duas encíclicas incentivando uma maior devoção e abertura ao Espírito de Deus, porém os católicos não se deixaram tocar por essa mensagem. (ibidem)

⁴⁴ VALLE, Edênio. *A Renovação Carismática Católica: algumas observações*. Estudos Avançados. 18 (52), 2004, p. 99-100

⁴⁵ Fonte: <https://metropolia.org.br/movimentos/movimento-da-renovacao-carismatica-catolica> visitado em 07/07/22

Como todos os movimentos cristãos carismáticos ou pentecostais, na RCC o batismo no Espírito Santo e o falar em línguas são as características que definem a presença da pentecostalidade entre os católicos, não só no Brasil, mas em todos os continentes onde há presença católica.

3.3 A Fé Como Fator Definidor Entre o Cessar e o Continuar

Quando o assunto são os dons espirituais, há uma divergência histórica entre protestantes não pentecostais e os que são pentecostais. Para os pentecostais ou carismáticos os dons espirituais estão todos em vigor, enquanto os cessacionistas afirmam que os “dons miraculosos”, como profecia, curas, discernimento de espíritos, variedades de línguas e interpretação de línguas cessaram com o fim da era apostólica. Os cessacionistas usam como argumentação bíblica o texto de 1Co 13.9,10, onde diz que “Agora nosso conhecimento é parcial e incompleto, e até mesmo o dom da profecia revela apenas uma parte do todo. Mas, quando vier o que é perfeito, essas coisas imperfeitas desaparecerão.”⁴⁶ O mesmo texto é usado pelos pentecostais para estruturar a sua fé e justificar a manifestação dos referidos dons em suas comunidades. Diz Grudem:

Semelhantemente, Paulo olha em direção ao tempo do retorno de Cristo e diz: "Quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá" (1Co 13.10), indicando também que esses dons "imperfeitos" (mencionados nos v. 8 e 9) estarão em operação até que Cristo retorne, quando eles haverão de ser substituídos por algo muito maior. De fato, o derramamento do Espírito Santo com "poder" no Pentecoste (At 1.8) era para equipar a igreja para pregar o evangelho (At 1.8) - algo que continuará até que Cristo retorne. E Paulo lembra aos crentes que no uso que eles fazem dos dons

⁴⁶ BÍBLIA SAGRADA, 2016, p. 1464

espirituais devem procurar “crescer naqueles que trazem a edificação para a igreja” (1Co 14.12).⁴⁷

A questão de ter ou não o dom de línguas, assim como outros “miraculosos” é que para receber, Jesus condicionou a dois fatores, obediência e fé. No evangelho de Marcos encontraremos Jesus organizando a “grande comissão” e ordenando que seus discípulos fossem pregar o Evangelho e que tanto salvação, de quem ouvisse, como prodígios, como falar novas línguas, para os pregadores, era necessário crer.⁴⁸ Não encontraremos explicações de algo metafísico usando métodos e princípios empírico. No que diz respeito as ações do Espírito Santo nem sempre teremos explicações, mas será necessário apenas crer e viver, viver e crer.

4. O DOM DE LÍNGUAS NA EXPERIÊNCIA CRISTÃ PENTECOSTAL NO TRANSCORRER DO SÉCULO XX

Apesar dos movimentos pentecostais anteceder o século XX, foi no início dos anos de 1900 que surgiram as primeiras igrejas que, em menos de dez anos as pregações e manifestações espirituais atribuídas ao Espírito Santo, como batismo de fogo e dons sobrenaturais, já estavam presentes em várias nações, dentre elas o Brasil. A seguir, apontaremos como os protestantes pentecostais se organizaram no norte da América e no Brasil.

4.1 No Início Do Pentecostalismo Estadunidense e Brasileiro - Início Século XX

Há dois grupos distintos de protestantes que são considerados marcos do pentecostalismo nos Estados Unidos. O liderado por Charles Fox Parham (1901)

⁴⁷ GRUDEM, 2005, p. 438

⁴⁸ Mc 16.17,18 (BÍBLIA SAGRADA, 2016, p. 1298)

de Topeka, no Estado do Kansas, e o que foi constituído pelo afro-americano William Joseph Seymour (1906), em Los Angeles, California. O segundo foi aluno do primeiro, mas Seymour acabou despontando como o principal líder do movimento. De toda forma, os pentecostais estadunidenses tinham uma identidade constituída por elementos espirituais que já estavam presentes dentro do protestantismo, que foram influenciados pelo *Holiness Movement* e outras manifestações avivalistas que surgiram no transcorrer do século XVIII. Sobre isso, diz Campos que:

Muitas das crenças, que iriam se unir na identidade pentecostal no final do século XIX, circulavam separadamente, em diversas camadas do protestantismo norte-americano, todas, porém, ligadas aos movimentos de santidade ou de reavivamento espiritual. Nesses meios enfatizavam-se a necessidade de conversão/novo nascimento; santificação; cura divina; volta de Jesus à Terra para inaugurar o milênio; retorno do Espírito Santo na forma de um “batismo de fogo”; coisas que provocariam sinais físicos, particularmente, o falar em línguas desconhecidas.⁴⁹

No mesmo artigo, Leonildo Silveira Campos, afirma que o ítalo-americano, Louis Francescon, inflamado pelo pentecostalismo, saiu dos Estados Unidos e veio para a América do Sul onde fundou igrejas na Argentina e Brasil. Ao encontrar uma colônia de imigrantes italianos, na cidade de São Paulo, arrebanhou alguns patrícios que eram membros de igrejas protestantes e fundou em 1910 a primeira igreja pentecostal em solo brasileiro, a Congregação Cristã do Brasil. A proposta religiosa de Francescon, que diferenciava daquelas que já estavam aqui era o batismo no Espírito Santo, com a presença do dom de línguas sendo falada entre os fiéis.⁵⁰

⁴⁹ CAMPOS, 2005, p. 109

⁵⁰ CAMPOS, 2005, p. 102

Os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, em 1910, a exemplo de Francescon, saíram de Los Angeles para anunciar o Evangelho no Norte do Brasil, na cidade de Belém, no Pará. Apesar de serem recebidos em uma Igreja Batista passaram a pregar e ensinar sobre batismo no Espírito Santo, o que resultou em divergência com o pastor batista local por causa das doutrinas que os suecos ensinavam. No ano seguinte saíram e fundaram a igreja que receberiam posteriormente o nome de Assembleia de Deus.⁵¹ Essa denominação que nasceu sob o signo de igreja pentecostal, ensinava e encorajava os fiéis a buscar o batismo no Espírito Santo e a falar em línguas.⁵²

Conforme Souza e Schmitt, [...] o batismo com o Espírito Santo [foi] a fagulha propulsora do fogo pentecostal que nos anos seguintes varreria a nação brasileira. Dessarte, o batismo com o Espírito Santo, visível tanto na glossolalia (línguas estranhas a quem as profere e as ouve) ou xenolalia (línguas conhecidas, mas estranhas a quem as profere [...]), evidenciam a presença do pentecostalismo.⁵³

4.2 Entre os Pentecostais Brasileiro em Meados do Século XX

O Brasil dos anos 50 foi marcado por mudanças nos construtos sociais e econômicos. O país ainda procurava se consolidar como uma república democrática, e uma grande quantidade de moradores dos interiores estavam mudando para as cidades, transformando os grandes centros em verdadeiros eldorados para os ex-trabalhadores rurais. No campo religioso, as igrejas pentecostais já não pertenciam exclusivamente a um protestantismo de italianos e

⁵¹ Inicialmente o nome da igreja era Missão Fé Apostólica, em 1918 passou a se chamar Igreja Assembleia de Deus. (Ibidem, p. 114)

⁵² HOLLENWEGER, 1976, p. 119

⁵³ SOUZA, Marcelo Serafim de; SCHMITT, Flávio. O pentecostalismo que conquistou o Brasil à partir da região amazônica. Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 12, n.1, jan./jun. 2021. p.72.

seus descendentes e de nortistas, assim como não se restringia apenas a duas denominações. Em cidades como, São Paulo, surgiram novas igrejas pentecostais com ênfase em cura divina, trazido por pregadores americanos como Harold Willian enviados pela *Four Square Gospel Church*, e que encontraram em brasileiros como o pernambucano Manoel de Mello e Silva, ex-diácono da Assembleia de Deus do bairro do Belenzinho, zona leste da capital paulista, a vocação evangelística e disposição para aderir ao movimento de cura divina.⁵⁴

Apesar das igrejas pentecostais que surgiram no Brasil entre os anos 50 e 60 darem ênfase a cura divina, elas não romperam teologicamente com suas matrizes brasileiras ou estadunidenses, pois continuavam crendo, pregando e ensinando que os cristãos precisavam receber o batismo no Espírito Santo, e o dom de línguas continuava ocupando um lugar de preferencia entre os fieis, porque se o dom de cura era uma marca dos pregadores que nem todos possuíam, o de falar em línguas era acessível a qualquer crente.⁵⁵

4.3 Entre os Pentecostais Brasileiros do Fim do Século XX

Dentro da abordagem proposta neste artigo, de apontar a relevância do dom de línguas dentro do pentecostalismo brasileiro, chegamos no fim do século XX onde constatamos que os pentecostais, em nove décadas desde os

⁵⁴ LIMA, José Hélio de. *Manoel de Mello & rádio: história da organização e expansão da Igreja O Brasil para Cristo*. Foco Editorial. Hortolândia, SP – 2009, p. 90-94

⁵⁵ Willian Read fez a seguinte constatação acerca das práticas dos pentecostais dos anos 50, aqui representado pelo Missionário Manoel de Mello: “Figura controvertida. Manoel de Melo [sic] tornou-se logo um dos pastôres [sic] mais populares dessas campanhas de tendas, sendo o favorito das grandes massas. Os pastôres [sic] das denominações tradicionais ficaram alarmados, porque as igrejas estavam perdendo membros. Algumas até cindiram-se devido às discussões doutrinárias e às implicações conflitantes da "cura divina", e do "falar línguas estranhas." (READ, William. *Fermento Religioso Nas Massas do Brasil*. Campinas, SP: Livraria Cristã Unida Ltda, 1967, p.148)

estabelecimentos no país, haviam passado por mudanças significativas nas estruturas denominacionais e ampliado ou dado destaque a outros “dons milagrosos”, o de cura, que já estava presente no início do movimento, mas a ênfase recaía sobre a glossolalia. No fim dos anos 90, o pentecostalismo brasileiro, a exemplo do que já ocorria com o praticado nos Estados Unidos, vê crescer dentro do seu núcleo um segmento que crê e dá ênfase ao enriquecimento dos fiéis como resultado de sua fidelidade e comprometimento financeiro com sua instituição. A difusão dessa modalidade de crença dentro do pentecostalismo brasileiro tem no Bispo Edir Macedo o principal expoente.⁵⁶

Em termos de diversificação denominacional, esse período foi o mais fértil, pois surgiram muitas novas comunidades, diversas cisões e acréscimos de ministérios e crescimento numérico substancial dos adeptos do pentecostalismo. Ainda que a prosperidade financeira, oriunda da fé, tenha estado sob os holofotes e atraído novos fiéis, o dom de línguas continua fazendo parte das crenças elementares do pentecostalismo, porque falar em línguas é sinônimo de pertencimento de uma pessoa que frequenta uma igreja pentecostal. Batismo no Espírito Santo e dom de diversidades de línguas, no pentecostalismo brasileiro, são vistas entre os fiéis como a mesma coisa. A crença popular é que: Quem é batizado no Espírito Santo fala em línguas e quem fala em línguas é batizado no Espírito Santo.

CONCLUSÃO

⁵⁶ Edir Macedo se converteu e foi membro da Igreja Vida Nova, estabelecida na capital fluminense e fundada pelo pregador canadense Walter Robert MacAlister. Em meados dos anos 70 saiu da Vida Nova para fundar a Igreja Universal do Reino de Deus. Há que atribua ao Bispo MacLister a implantação da “teologia da prosperidade” no Brasil. (MARIANO, 1995, p. 8)

Ainda que já faça mais de um século desde que teve início o protestantismo pentecostal, percebemos no transcorrer deste artigo que ainda há quem se oponha as suas doutrinas e práticas, especialmente por causa da presença dos dons de milagres. Entretanto, as convicções bíblicas desses cristãos são solidas o suficiente para permanecerem crendo, ensinando e vivendo os milagres que esses dons proporcionam, porque estas doutrinas estão passivas de análise do método hermenêutico, mas não de sua veracidade bíblica.

Quando as manifestações dos dons espirituais e os comportamentos físicos dos crentes, quando falam em línguas, ou recebem e praticam o dom de glossolalia, tem sido motivo de indagações e recorrentes interpretações, inclusive por teólogos pentecostais, na tentativa enquadrá-lo em uma tipologia psíquica e religiosa. Possivelmente a dificuldade que há quando se tenta entender esse fenômeno é porque se trata de algo pertinente a uma experiência única que homens e mulheres têm com o seu Criador. Sabe-se pelas Escrituras quais são os efeitos e propósitos do dom de línguas, mas o que ocorre no interior de um ou uma fiel que fala em línguas é algo metafísico que não se explica usando métodos empíricos.

O que se tem visto desde que surgiram os primeiros casos de cristãos e cristãs protestantes e, posteriormente católicos, ao serem batizados com o Espírito Santo e receberem o dom de línguas é que elas e eles se tornaram mais pessoas mais ousadas e tiveram sua autoestima aumentada. Passaram a se dedicar mais as práticas cristãs e influenciarem pessoas, deram mais ênfase a santidade e se multiplicaram como nunca dantes. O crescimento numérico, sobretudo nas Américas, das igrejas pentecostais e daquelas que assumiram a pentecostalidade serve de demonstrativo de que esse fenômeno religioso veio para ficar e assumir um lugar relevante nas sociedades.

Por fim, dentre os “dons milagrosos” proporcionados pelo Espírito Santo à Igreja, o de glossolalia figura entre os mais usados entre os fiéis. No transcorrer de pouco mais de um século o pentecostalismo se transformou no segmento religioso cristão que mais cresce no mundo, e falar em línguas é o dom mais comum entre os cristãos pentecostais e pentecostalizados, o que fica fácil entender é que esse é o dom que qualquer crente pode receber e que sua prática não depende de uma liderança ou de local sagrado, mas do simples ato devocional de homens e mulheres que se submetem a uma vida de oração e adoração.

REFERÊNCIAS

BELLOTTI, Karina Kosicki. *Entre a cruz e a cultura pop: mídia evangélica no Brasil* in Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro. Organizado por João Cesário Leonel Ferreira. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma sociológica da religião*. São Paulos: Paulus, 1985, p. 39.

BÍBLIA de *Estudo Vida*. São Paulo: Editora Vida, 1999

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. *Revista USP*, (nº 61), 146-163. 2004

_____. *Templo, Teatro e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997

_____. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*. *Revista USP*, (nº 67), 100-115. 2005

CARDOSO, Kaique; RODRIGUES, Donizete. *Durkheim e Weber: Uma Perspectiva Introdutória Acerca da Religião*. Curitiba: Revista Relegens Thréskeia. UFPR, 2019

DOCKERY, David S. *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*. tradução Álvaro Hattnher. São Paulo: Editora Vida, 2005.

FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. trad. Josué Xavier. - São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda/Paulus, 2006.

GRUDEM, Wayne. Manual de doutrinas cristãs: teologia sistemática ao alcance de todos. tradução Heber Carlos de Campos. São Paulo: Editora Vida, 2005

HOLLENWEGER, Walter. *El pentecostalismo: historia y doctrinas*. Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1976

HORTON, Stanley M. (ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011

_____. *A doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012

HORTON, Stanley M. (ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011

LIMA, José Hélio de. *Manoel de Mello & rádio: história da organização e expansão da Igreja O Brasil para Cristo*. Foco Editorial. Hortolândia, SP - 2009.

MARIANO, André Luiz de Castro. *Congregação Cristã do Brasil: Análise antropológica da primeira denominação pentecostal brasileira*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus Marília, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais. 2021

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Antônio Flávio de Oliveira Pierucci. São Paulo - 1995

MENZIES, William W.; HORTON, M. Stanley. *Doutrinas Bíblicas*. 1.ed. - Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

MEYER, Harding. *Die Pfingstbewegung in Brasilien: Die evangelische Diaspora*. Anales de la sociedade: Gustavo-Adolfo 39, 1968, (p. 9-50)

MORÓZ, Michel Wésley. *A atuação do Espírito Santo através dos dons sobrenaturais*. Kérygma. Ano 5. Número 2. 2º Semestre de 2009.

OLIVEIRA, David Mesquiati. *Teologia Prática Pentecostal. Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 56, n. 2, jul.-dez. 2016. p. 264-275

OLIVEIRA, David Mesquita de; TERRA, Kenner R. C.: *Experiência e Hermenêutica Pentecostal. Reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*, Rio de Janeiro: CPAD, 2018

PALMA, Anthony D. *O batismo no Espírito Santo e com fogo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013

PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. 3. ed. São Paulo: Vida, 2009

READ, William. *Fermento Religioso Nas Massas do Brasil*. Campinas, SP: Livraria Cristã Unida Ltda, 1967

SCHAEFFER, Francis A. *Verdadeira espiritualidade*. Tradução: Hope Gordon Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2021

SOUZA, Beatriz Muniz. *A Experiência da Salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969

SOUZA, Marcelo Serafim de; SCHMITT, Flávio. O pentecostalismo que conquistou o Brasil à partir da região amazônica. Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 12, n.1, jan./jun. 2021.

VALLE, Edênio. *A Renovação Carismática Católica: algumas observações*. Estudos Avançados. 18 (52), 2004

O DISCIPULADO NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS: NECESSIDADE, DESAFIOS E URGÊNCIA

Ailto Martins⁵⁷

Flavio Junior Ortiz⁵⁸

RESUMO

O presente artigo objetiva abordar sobre o discipulado cristão, na perspectiva do cuidado com os novos convertidos, partindo na observação da necessidade, os desafios e a urgência que há nas igrejas com relação à implantação e desenvolvimento do discipulado. Percebe-se que há muitas lacunas que necessitam serem trabalhadas para melhorar o sistema cristão da igreja. Busca-se neste trabalho delinear uma solução inerente, por meio de revisão bibliográfica e pesquisa qualitativa. Para alcançar o objetivo proposto, o trabalho se organiza em quatro capítulos. No primeiro serão apresentados os diversos conceitos de discipulado, que foram elaborados ao longo do tempo, contempla também a interpretação equivocada do termo, fazendo contraste com a definição coerente do verdadeiro discipulado, apontando resultados autênticos obtidos mediante a correta aplicação do discipulado a luz das sagradas escrituras. O segundo capítulo concentra-se na etimologia da palavra, explicando os diversos contextos de utilização dos termos discípulo e discipulado, trazendo uma aplicação para os dias atuais. O terceiro capítulo descreve o contexto histórico teológico do discipulado, e a visão das Assembleias de Deus. Por fim, o quarto capítulo se faz por meio de uma pesquisa qualitativa, percorrendo sobre como a igreja entendeu e desenvolveu o discipulado ao longo da história, desde os primeiros cristãos até a

⁵⁷ Doutor em Teologia – (PUC/PR). Professor da Faculdade Refidim. Coordenador de Extensão. E-mail: ailto@ceeduc.edu.br.

⁵⁸ Graduando em Teologia – sétimo semestre. E-mail: flavio.ortiz@bol.com.br.

realidade da igreja local. Na conclusão, propõe-se uma aplicação prática, levando em consideração o contexto da igreja local, apresenta-se um plano de ação, objetivando o crescimento saudável da igreja e principalmente o cuidado com os novos convertidos.

Palavras-chave: Assembleia de Deus; Crescimento; Discipulado; Discípulo; Igreja.

ABSTRACT

This article aims to address Christian discipleship, from the perspective of caring for new converts, starting from the observation of the need, the challenges and the urgency that exists in churches in relation to the implantation and development of discipleship. It is noticed that there are many gaps that need to be worked on to improve the Christian system of the church. The aim of this work is to outline an inherent solution, through a bibliographic review and qualitative research. To achieve the proposed objective, the work is organized into four chapters. The first will present the various concepts of discipleship, which have been developed over time, also contemplates the misinterpretation of the term, contrasting with the coherent definition of true discipleship, pointing out authentic results obtained through the correct application of discipleship in the light of the sacred scriptures. The second chapter focuses on the etymology of the word, explaining the different contexts in which the terms disciple and discipleship are used, bringing an application to the present day. The third chapter describes the historical theological context of discipleship, and the vision of the Assemblies of God. Finally, the fourth chapter is done through qualitative research, discusses how the church understood and developed discipleship throughout history, from the first Christians to the reality of the local church. In conclusion, a practical application is proposed, taking into account the context of the local church, an action plan is presented, aiming at the healthy growth of the church and especially the care for new converts.

Keywords: Assembly of God; Growth; discipleship; Disciple; Church.

INTRODUÇÃO

Visa-se ressaltar neste trabalho uma reflexão a respeito do Discipulado na Assembleia de Deus, suas necessidades, desafios e urgência. O trabalho parte de uma observação feita na comunidade eclesial, a partir do seguinte questionamento: O porquê grande parte das pessoas que decidem aceitar o evangelho (tornar-se membro da igreja) não conseguem permanecer firmes em sua decisão? Quais ações a Igreja precisa realizar, a fim de consolidar e integrar os novos convertidos?

A abordagem pretende direcionar ações práticas, que possam favorecer esta comunidade eclesial, e outras que estejam percebendo a mesma realidade. Para tanto a pesquisa irá utilizar como principal fundamento teórico o Disciplinado. Enfatizando a suprema tarefa da Igreja dada por Deus que, é justamente, pregar o evangelho e fazer disciplinados. O texto conhecido como "A grande comissão" registrada em Mt 28.19 confirma essa ênfase teológica. Essas fundamentações proporcionaram experiências úteis no que se refere aos métodos de instrução e integração de novos convertidos.

A observação do contexto eclesial evidencia, a necessidade, os desafios e a urgência da implementação do Discipulado. Concentrando esforços dentro do saber teológico, o objetivo é responder o que deve ser feito, e como desenvolver ações eficazes, que possam alavancar o crescimento saudável da Igreja. Os resultados a serem obtidos, atuarão como suporte permanente, na tarefa missionária da igreja.

Espera-se também que o projeto contribua para a formação de cristãos autênticos, discipuladores capacitados, com maturidade espiritual, sendo apto para conduzir outras pessoas ao conhecimento de Cristo. O trabalho de pesquisa seguirá alguns objetivos específicos, o primeiro é buscar examinar o discipulado: Conceito e definições, em seguida analisará no contexto histórico teológico a visão das Assembleias de Deus em relação ao discipulado. A conclusão do trabalho propõe um modelo de como implementar e desenvolver ferramentas fundamentais para planejamento e desenvolvimento discipulado. A metodologia a ser utilizada para o desenvolvimento do projeto será uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica explorando o que já foi elaborado sobre o assunto. Dessa forma, pode-se melhor compreender e interpretar determinados comportamentos, opiniões, expectativas, sentimentos, percepções, entre outros aspectos que ajudem a desenvolver na comunidade um olhar mais amplo a respeito do discipulado.

2. DISCIPULADO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

É notável que o discipulado merece um espaço amplo, tanto no contexto acadêmico teológico, quanto nas comunidades eclesiais (igrejas), percebendo a importância do referido tema, este trabalho se propõe em investigar as elaborações teológicas desenvolvidas especialmente nas últimas décadas, bem como observar de que forma existe e se desenvolve o discipulado nas comunidades eclesiais. É necessário pontuar que o discipulado cristão existe em duas principais perspectivas, a saber: “Vertical, ou seja, na relação do discípulo com Cristo e horizontal (ou missionária) está se refere à perspectiva de discipulado à luz de Mateus 28.19: “*fazei discípulos*”.⁵⁹ Porém tendo como

⁵⁹ CARVALHO, D. da C. *Discipulado, Perspectivas e Dimensões: um Diálogo em Busca da Complementariedade Entre o Discipulado na Comunidade, no Pequeno Grupo e no Relacionamento Um a Um*. Via Teológica, 20(39), 89–120, 2019, p.13.

objetivo central o desenvolvimento do discipulado na igreja, iremos conceituar o referido tema com ênfase na perspectiva horizontal.

A começar pelo que se observa no contexto da igreja, fica explícito que os conceitos em relação a esse assunto são rasos e não correspondem a importância merecida do referido termo. Por esse motivo inicia-se respondendo à pergunta: O que não é Discipulado? Entre os vários pensamentos que se distanciam de um conceito próprio de discipulado, ouve-se falar que o discipulado é “um cursinho pré-batismo” e este realizado na maioria das vezes as pressas, na semana que antecede o batismo. Esse pré-conceito é formado pela realidade vivenciada em muitas comunidades, como consequência de tal pensamento, essas comunidades não conseguem vivenciar os efeitos do verdadeiro discipulado. O pastor Joary Carlesso afirma que: “O discipulado é mais que um departamento da igreja, do que um programa, do que uma revista ou do que um curso pré-batismo. Tudo isso pode fazer parte do discipulado, porém discipulado é o cumprimento integral da Grande Comissão”.⁶⁰

Quando o discipulado é resumido a meras orientações pré-batismais, a igreja sofre os prejuízos, de negligenciar a ordem expressa de Jesus Cristo em Mateus 28: 18-20, por esse motivo percebemos um grande número de membros desorientados, e distantes do verdadeiro sentido de ser um cristão autêntico. “Uma igreja que não leva a sério o discipulado de Jesus está formando apenas membros ou assistentes de culto, e não discípulos”.⁶¹

Há também aqueles que entendem o discipulado, como sendo um grupo de pessoas, que se reúnem para estudar um livreto, essa provavelmente é a visão de discipulado, dentro de alguns contextos eclesiais. Porém o desafio

⁶⁰ CARLESSO, Joary Jossué (Org.) *12ª Oficina Discipulado para o Brasil*. Departamento de Discipulado da IEADJO: Joinville, 2022, p.24.

⁶¹ CARLESSO, Joary Jossué (Org.) *7º Congresso de Discipulado para o Brasil*. Departamento de Discipulado da IEADJO: Joinville, 2018. p.24.

apresentado é bem maior do que uma simples transferência de conhecimento.⁶² Jesus Cristo mostra um modelo eficaz de discipulado, o relacionamento. A proximidade entre o mestre e seus discípulos, foi muito além de um encontro semanal para transferir conhecimento, foi tão intenso em seu relacionamento com eles, que formou homens capazes de imitar suas ações. “O discipulado é o encontro de uma vida com outra. Não é apenas uma série de reuniões sobre determinado plano de estudo. É essencialmente relacional, um investimento de tudo que você é em outra pessoa”.⁶³ Por essa razão o discipulado deve ao assumir a função de ser mais do que a transmissão de um conhecimento teórico, precisa gerar na vida do discípulo a semelhança de seu mestre.

Conceitos equivocados sobre o discipulado são os mais variados, e quanto mais se observa a cenário cristão, aumenta a convicção da urgência de implantar o discipulado legítimo de Cristo na igreja, há quem entenda o discipulado como um programa, ou um departamento da igreja, que está na responsabilidade de alguns poucos líderes, a respeito disso Francis Chan comenta que “Fazer discípulos, no entanto, é mais que um programa. É a missão de nossa vida. É o que nos define”.⁶⁴ O Ide de Jesus foi extensivo a todos os membros do corpo de Cristo, conforme Keith Phillips “Cristo espera que cada cristão produza fruto espiritual”.⁶⁵ Ainda dentro desse contexto, podemos destacar o que diz Joary Carlesso. “A melhor forma de provar o nosso amor a Jesus é cuidarmos de vidas!”.⁶⁶ Igreja é a expressão do reino de Deus na terra, se ela deixar de cumprir sua vocação, perde a razão de existir. “A terra deve ser salva pela Igreja dos

⁶² ALVES, Tiago Cavalcanti. *Formação do Discipulador Com ênfase na Escola Bíblica*. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2021, p.29.

⁶³ PHILLIPS, Keith W. *A formação de um discípulo*. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.105.

⁶⁴ CHAN, Francis. *Multiplique: Discípulos que fazem discípulos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015, p.27.

⁶⁵ PHILLIPS, 2008, p.84.

⁶⁶ CARLESSO, 2022, p.25.

discípulos, mas a Igreja que deixa de ser o que é esta irrecuperavelmente perdida”.⁶⁷

Sem a pretensão de esgotar o assunto, respondendo a questão inicial: O que não é discipulado? Torna-se indispensável dizer, também que não se trata de uma inovação estratégica da igreja, desde os primórdios da igreja vemos claramente como a igreja crescia Atos 5.42 “E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a Jesus Cristo”. (ACF) o que ocorre é que falta o conhecimento bíblico, e isso ocasiona um olhar míope em relação ao tema. Por outro lado, a igreja ou líder que conhece a história da igreja fundada por Jesus Cristo, entende que a primeira tarefa de Jesus foi fazer discípulos, Kheit Phillips deixa uma excelente colaboração para um entendimento mais amplo a respeito do ministério do Messias.

Jesus poderia ter sido um escritor de renome, um mestre de ensino bíblico pelo rádio ou até mesmo a televisão. As opções de Deus não eram limitadas. No entanto, em vez de adotar qualquer um desses métodos sofisticados, Jesus optou pelo discipulado. Ele treinou pessoalmente um pequeno grupo de homens e equipou-os para que treinassem outros que pudessem ensinar outros. Ele ordenou que fizessem discípulos.⁶⁸

Há um perigo eminente quando nos distanciamos dos métodos utilizados pelo mestre Jesus e posteriormente seguido pela sua igreja, pois ali foram gerados verdadeiros e autênticos seguidores de Cristo. Se a igreja não entende o seu papel no mundo, então ela está fadada a ser confusa estagnada e ineficaz”.⁶⁹

⁶⁷ BENHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 1.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p.88.

⁶⁸ PHILLIPS, 2008, p.26.

⁶⁹ CHAN, 2015, p.229.

Devido à grande importância do referido termo, fica explícito que seria incoerente apresentar um único conceito de discipulado, por esse motivo antes de apresentar termos técnicos e etimológicos da palavra, apresentamos algumas definições objetivas, que vão desenhando uma visão mais ampla de alguns arautos, que vivem ou viveram plenamente o IDE do mestre. Cita-se frases conhecidas que nos fornecem uma base conceitual de discipulado, utilizando como ponto de partida a frase do pastor Sérgio Melfior, que com muita propriedade afirma que “Evangélizar é dar um copo com água. Discipular é mostrar a fonte”.⁷⁰ Parafraseando, evangelizar é indispensável, é mostrar que há esperança pra quem está nos últimos suspiros de vida sedento de Deus, nesse sentido é como dar um copo com água, que fornece substâncias vivificantes, capazes de restaurar parcialmente as forças recobrando o ânimo. Mas só o verdadeiro discípulo, conduzira com cuidado e amor o necessitado ao caminho da fonte que é Cristo. Pois como afirma Keith Phillips “O amor de uns aos outros é a marca do discipulado”.⁷¹

Em uma das obras mais marcantes da história no que se refere ao discipulado, o teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer afirma: “O discipulado é o compromisso com Cristo; porque Cristo existe, tem de haver discipulado”.⁷² Nessa breve frase percebemos o quanto é essencial para a igreja cristã à prática do discipulado, pois é fazendo discípulos que a igreja se identifica com o seu Senhor. Porém o fazer discípulos não se configura algo simples, rápido e fácil, todavia é totalmente possível. Uma das definições mais utilizadas para respaldar a necessidade urgente do discipulado, encontramos nas palavras de Waylon Moore “O novo crente é uma criança espiritual, e precisa ter cuidados imediatos,

⁷⁰ CARLESSO, Joary Jossué (Org.) *12ª Oficina Discipulado para o Brasil*. IN MELFIOR, Sérgio. *Discipulado Missional*. Departamento de Discipulado da IEADJO. Joinville 2022, p.10.

⁷¹ PHILLIPS, 2008, p.63.

⁷² BONHOEFFER, 2016, p.34.

maternos e paternos”.⁷³ Quando se fala em crianças seja no sentido físico ou espiritual, entende-se que o amadurecimento é um processo, assim também é o discipulado, a respeito disso vários autores são uníssonos, Chan comenta que “O processo do discipulado não tem fim. Parece-se muito com educar um filho: embora chegue o dia em que ele está pronto para se virar sozinho, o relacionamento não acaba”.⁷⁴ É certamente relevante à comparação feita por Keith Phillips entre o pai espiritual e o pai biológico, Keith afirma que: “O discipulado não pode ser separado da paternidade responsável. O pai espiritual, como o pai biológico, é responsável perante Deus pelo cuidado e pela alimentação do seu filho”.⁷⁵ Para Moore o que falta são discipuladores dotados de amor e paciência para tão nobre tarefa “Há muitos bebês espirituais em nossas igrejas, mas há poucos pais e mães espirituais assumindo responsabilidade por eles”.⁷⁶

Na perspectiva desses autores, discipular é cuidar e ensinar com amor paterno, são ações que devem estar presentes ativamente na igreja, assumindo o lugar de ser muito mais que um programa da igreja tornando-se uma cultura intrínseca no meio desta, entre tantos conceitos inerentes ao discipulado, podemos entender que absorver como cultura não terá um resultado instantâneo, tanto que esse não é o objetivo, mas sim produzirá para o futuro de nossas gerações, resultados concretos, o escritor Tiago Cavalcanti faz menção a isso quando escreve o seguinte:

O desafio deste momento é entendermos a abrangência do “fazer discípulos” e como todos os cristãos precisam vivenciar o discipulado de Jesus como uma cultura. Cultura que seja formada por uma doutrina. Doutrina no sentido de

⁷³ MOORE, Waylon B. *Multiplicando Discípulos: O Método Neotestamentário para o crescimento da Igreja* 4ª Ed. Rio de Janeiro: JUARP, 1995, p.43.

⁷⁴ CHAN, 2015, p.29.

⁷⁵ PHILLIPS, 2008, p.31.

⁷⁶ MOORE, 1995, p.77.

ser uma ordenança, como algo obrigatório na vida de quem pretende seguir os passos de Jesus.⁷⁷

Alves entende que implantar a cultura do discipulado é um desafio, o que de fato é, quando olhamos da perspectiva atual, como um assunto que encontra resistência em vários contextos. Porém com o aumento na produção literária, e as recentes discussões teológicas em torno do assunto, tendo por base os resultados de um crescimento saudável da igreja, viabilizado pela excelente prática do discipulado, abre portas e amplia a visão de muitos líderes. O teólogo Jhon Stott ao observar o crescimento “explosivo” da igreja a partir da segunda metade do século 20, salienta que a preocupação dos líderes evangélicos na atualidade, reside na superficialidade no discipulado, gerando assim, crescimento sem profundidade.⁷⁸ Nesse aspecto também o pastor Randy Pope contribui com a seguinte declaração:

Por tempo demais, a igreja concentrou-se no crescimento numérico, que bem pode ser no meio evangélico, o melhor significado para sucesso, em vez de priorizar um impacto saudável. O tipo de igreja que impacta o mundo para o reino não é necessariamente uma igreja que cresce em termos de metros quadrados ou membresia. É uma igreja saudável.⁷⁹

2.1 Definições etimológicas do termo discipulado.

Após expor que não de forma plena, alguns conceitos práticos relacionados ao discipulado, este trabalho apresenta as definições etimológicas do referido termo. Vale salientar que devido à vasta abrangência do termo, é coerente a definição a partir do contexto em que a palavra é utilizada, levando em consideração a perspectiva a que se propõe a pesquisa, o foco principal parte da aplicação do discipulado da grande comissão. A maior parte das obras literárias

⁷⁷ ALVES, 2021, p.41.

⁷⁸ STOTT, John W.R. Stott. *O Discípulo Radical*. Viçosa: Ultimato, 2011, p.33.

⁷⁹ POPE, Randy. *O Discipulado na Igreja Local*. Viçosa: Ultimato, 2017, p.89.

preferem a definição etimológica a partir da aplicação do termo no Novo Testamento, mas vale lembrar que desde o período patriarcal o sentido do termo já era trabalhado, por esse motivo é essencial recorrer aos escritos do Antigo Testamento onde pode ser encontrada a utilização da palavra em diferentes contextos. No primeiro Livro das Crônicas 25.8 podemos ler: “Deitaram sortes para designar os deveres, tanto do pequeno como do grande, tanto do mestre como do discípulo” (Bíblia ARC). Nesse contexto a palavra aplica-se aos músicos encarregados da adoração a Deus referindo-se aos alunos que estavam na fase de aprendizado. Entre o povo hebreu, do Antigo Testamento, usava-se a palavra hebraica “*talmidim*”. Ela era traduzida como discípulo, e indicava “aqueles que seguiam algum rabino específico e sua escola de pensamento”.⁸⁰ Ainda no Antigo Testamento temos a expressão “filhos dos profetas” o termo no original é *bene ba-nabiim* traduzido pela ARA 10 vezes por discípulos (2 Reis 2:3, 5, 7, 15; 4:1, 38, 5:22, 6:1, 9:1) os textos evidenciam que não se tratavam de filhos biológicos, mas designava todos àqueles que se tornavam discípulos e ajudantes dos profetas do Antigo Testamento.

A partir da perspectiva do Novo Testamento veremos o emprego da palavra com mais frequência, a Septuaginta na transliteração para o grego usou a palavra *mathetês*, no Dicionário do Novo Testamento grego traduz o significado de aluno, aprendiz, pupilo, discípulo.⁸¹

O discípulo no contexto bíblico do Novo Testamento não se distancia do que já foi apresentado no contexto do Antigo Testamento, pois é aquele que ouve o chamado do Mestre, e decide seguir seus passos. Em todas as vezes que se utiliza a palavra *mathetês* refere-se propriamente a um aluno, um adepto ou um

⁸⁰ RUSSELL Norman Champlin, *Enciclopédia de Bíblia*, Teologia e Filosofia. São Paulo: Hagnos, 2002, p.181.

⁸¹ TAYLOR, W. C. 1886-1971. *Dicionário do Novo Testamento grego*. 10. Ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991, p.130.

aprendiz. Ainda há outro termo que é amplamente utilizado nas páginas do Novo Testamento, conforme Karl Barth:

A palavra grega que traduz o sentido do discipulado é *akolouthein*, que significa “ir após ou atrás de alguém”. Esse verbo grego ganha especial importância no Novo Testamento quando é utilizado no chamamento feito aos discípulos para acompanhar o Mestre e para compartilhar sua vida e seu ministério.⁸²

Observamos o emprego da palavra *Akolouteo*, para designar os seguidores de Jesus, embora utilizada em alguns contextos para se referir as multidões que seguiam o mestre, o termo ganha maior relevância quando em algumas passagens, por exemplo, Mt 9.9 quando Jesus convida o publicano Mateus e diz “segue-me” ou ainda para enfatizar a força de tal expressão em Mt 19:21 ao desafiar o jovem rico a deixar tudo para tornar-se seu seguidor.

Pretendendo concluir acerca da etimologia da palavra, este trabalho, apresenta à definição do dicionário da língua portuguesa dada a palavra Discípulo que no latim é *discipulus*, significa “aquele que recebe instrução de outro; aluno; partidário declarado da doutrina, de opiniões ou ideias”.⁸³ Assim sendo, exercer o discipulado na perspectiva horizontal tema principal na abordagem desse trabalho, é a ação de aplicar na vida outrem, os princípios bíblicos que são vivenciados por um verdadeiro, e constante seguidor de Jesus.

3. CONTEXTO HISTÓRICO TEOLÓGICO A VISÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS EM RELAÇÃO AO DISCIPULADO

⁸² BARTH, Karl. *Chamada ao Discipulado*. Trad: Moisés Carneiro Coelho, São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p.38.

⁸³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. Ed. São Paulo: Editora Positivo, 1992, p. 365.

O contexto histórico do Discipulado, poder ser mais bem observado a partir do Novo Testamento. É especialmente nos evangelhos que a palavra discípulo é utilizada com mais frequência. Jesus Cristo escolheu doze homens para serem seus principais discípulos, e por várias vezes, utilizou o método conhecido hoje como pequenos grupos, ou células, para citar alguns exemplos, observa-se que, reunidos em uma casa, ele ensinava (Mateus 13:36). Na casa de um fariseu Jesus esclarece verdades do Reino, (Lucas 7:36). Em visita na casa de Zaqueu chega à salvação (Lucas 19). Não só os doze, mas também outras pessoas aprendiam, sobre o evangelho do Reino de Deus, em suas casas. Esse exemplo de Jesus é também seguido pelos seus discípulos e principais apóstolos da Igreja primitiva, pois após a partida do Mestre, eles dão continuidade no discipulado nas casas Atos 2:46; 5:42; 10:22. Também nos dias do apóstolo Paulo, havia igrejas que se estabeleciam nas casas (Romanos 16:3-5).

Esse meio de compartilhar a fé nos lares, contribuiu muito, para solidificar a Igreja do primeiro até o terceiro século. Nesse período a Igreja sofria uma grande perseguição movida pelos imperadores romanos. Conforme Passos “Com a demolição do templo pelo general romano Tito, não foram construídos outros no intuito de substituí-lo e então as reuniões continuaram a acontecer apenas nas casas”.⁸⁴ Desde o primeiro século a Igreja também possuía como forma didática de ensino, um documento chamado de Didaqué. De acordo com Silva “Em seus primeiros quatro séculos, a igreja cristã deu grande importância ao livro intitulado de Didaqué”.⁸⁵ Silva ainda complementa que a obra transmite

⁸⁴ PASSOS, Gomes Joazi dos. *Uma revolução chamada Assembleia de Deus: Uma proposta de crescimento e discipulado para os nossos dias*. São Paulo: Polo Books, 2018, p.35.

⁸⁵ SILVA, Anilton Oliveira da. *Estudo Introdutório a Didaqué: Além Da Reerência ao Batismo*. Revista Ensaios Teológicos – Vol. 04 – Nº 01 – Jun/2018 – Faculdade Batista Pioneira – ISSN 2447-4878, p. 113.

instruções morais a uma comunidade judaico-cristã, visando, dentre outras coisas, ser um manual para os novos convertidos.

Os principais temas abordados na Didaqué são: do amor ao inimigo, do amor ao dinheiro, da valorização dos profetas, dos sacrifícios aos ídolos, das instruções sobre o batismo, da oração, da ceia do Senhor, dos líderes cristãos, da liturgia do culto e do alerta sobre a volta de Jesus.⁸⁶ Apesar das perseguições sofridas a Igreja permanecia triunfante e cada dia mais pessoas abraçavam a fé cristã. Devido ao rápido crescimento, a Igreja vê uma necessidade de institucionalizar o ensino aos novos convertidos, surge então o catecumenato.

Caires observa o seguinte:

A partir do segundo século, as conversões ao cristianismo aumentavam significativamente. Pela expansão da fé, os cristãos passaram a ser vistos como ameaça a muitas estruturas sociais e, por isso, eram perseguidos. Além disso, na tentativa de amadurecer mais os conhecimentos sobre as verdades da fé cristã, começaram a surgir muitas heresias, as quais muitos dos crentes aderiram. Tais dificuldades exigiram da Igreja um maior rigor na instrução de seus fiéis, sendo neste contexto que surge o catecumenato institucionalizado, que estabelecia um tempo extremamente sério de formação, para que a fé fosse bem afirmada, a fim de que o fiel fosse resistente ao mundo pagão e oferecesse um testemunho fidedigno no seio da comunidade.⁸⁷

Para Caires o catecumenato exerceu uma função fundamental na formação de novos discípulos, pois continham três ensinamentos essenciais: a conversão, a instrução e o sacramento. Apesar da sua importância, o catecumenato no período medieval foi sendo reduzido, perdeu sua necessidade até desaparecer: Conforme Lima:

⁸⁶ DIDAQUÉ. Catecismo dos Primeiros Cristãos Para as Comunidades de Hoje. São Paulo: Editora Paulus 2005.

⁸⁷ CAIRES, Geislânio Luz. *A Relevância do Catecumenato enquanto inspiração para a Catequese segundo a proposta da ação evangelizadora da Igreja*. 2022. 66. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) Faculdade Católica de Campinas, 2022, p.17.

No longo período medieval não havia estruturas nem instituições de catequese, quer de crianças, quer de adultos. A fé era transmitida no seio da família e nas atividades do dia a dia. Pais e padrinhos assumiam no momento do Batismo o compromisso de educação na fé. Era uma catequese viva, feita de imitação e testemunho: sem esforço, aprendia-se com os adultos a pensar, a julgar, a rezar, a crer e obedecer às mesmas leis e autoridades.⁸⁸

A responsabilidade de discipular durante todo esse período ficou a cargo da família conforme observado. Porém na Idade Moderna, com as grandes transformações sociais ocorridas, veio também o fato de maior destaque no âmbito religioso, a Reforma Protestante.

A respeito disso Caires afirma:

Assim, a partir da reforma protestante e o Concílio de Trento surgiu a “Era dos Catecismos” do qual até os tempos atuais experimentamos resquícios. Fato é que, a partir dos catecismos a Igreja voltou a ter uma estrutura educativa, estável e definitiva, com uma organização que pode ser comparada somente com o catecumenato dos primeiros séculos da era cristã.⁸⁹

Em meio a esse contexto, ocorreu à descoberta das Américas, os colonizadores ao chegarem ao Brasil, trouxeram consigo missionários jesuítas, Caires informa que “Os irmãos da Companhia de Jesus tinham uma dupla tarefa: catequizar os colonos e os colonizados”.⁹⁰ O protestantismo por sua vez, estava ganhando força na Europa. Porém encontrou muitas dificuldades para se estabelecerem em terras brasileiras. Conforme afirma Curtis: “Imperava o sistema de padroado o qual dificultava a entrada de protestantes nessas terras de predominância católica, sem contar com a forte perseguição que havia mediante

⁸⁸ LIMA, Luiz Alves de. A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã. São Paulo, SP: Paulus, 2016, p.33.

⁸⁹ CAIRES, 2022, p.21-22.

⁹⁰ CAIRES, 2022, p.22.

os tribunais do Santo ofício”.⁹¹ Somente a partir de 1.808 isto é, mais de 300 anos após a chegada dos primeiros colonizadores, é que ocorre uma abertura para o protestantismo e demais religiões. Porém os primeiros anos não foi de muito êxito, Alves afirma que foi com a chegada dos missionários pentecostais em 1910 que o protestantismo é espalhado por todo o território nacional.⁹²

O presente artigo pretende destacar o contexto histórico do discipulado no Brasil, com ênfase no movimento pentecostal. Por ser a Assembleia de Deus a maior representante do movimento pentecostal, este artigo vai abordar fatores considerados importantes no desenvolvimento da referida denominação. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus, foi fundada em Belém do Pará no dia 18 de junho de 1911, por Gunnar Vingren (1879 – 1933) e Daniel Berg (1884 – 1963). Conforme o registro de Isael Araújo “Em um domingo com 18 pessoas presentes mais Vingren e Berg, nasceu na casa de Celina Albuquerque, a Missão da Fé Apostólica, que, em 11 de janeiro de 1918, foi registrada oficialmente como Sociedade Evangélica Assembleia de Deus”.⁹³

Nas últimas décadas as ADs têm crescido em ritmo acelerado o Pastor Eduardo Leandro Alves afirma: “Animados pela presença do Espírito Santo, evangélicos pentecostais multiplicam-se num ritmo impressionante. Configuram o maior fenômeno religioso do fim do século XX”.⁹⁴ Diversas pesquisas em torno do assunto buscam elucidar quais os métodos utilizados pela Igreja que atrai o público e a faz crescer, em percentuais acima das demais denominações. Ao analisar o contexto histórico das ADs, a partir de seus pioneiros, Daniel Berg e Gunnar Vingren, é possível observar uma estratégia eficaz de crescimento, o

⁹¹ CURTIS, Kenneth. A. *Os 100 Acontecimentos Mais Importantes da História do Cristianismo*. São Paulo: Editora Vida 2003, p. 93.

⁹² ALVES, Eduardo Leandro. *A Sociedade Brasileira e o Pentecostalismo Clássico Razões Socioculturais Entre a Teologia Pentecostal e a Religiosidade Brasileira*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021. P.17.

⁹³ ARAÚJO, Isael de. *História do Movimento Pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, P.34.

⁹⁴ ALVES, 2021 b, p. 54.

discipulado nos lares, ainda que não houvesse uma elaboração didática de discipulado, esse era o método que praticavam, e com muito êxito.

Os pioneiros no princípio não dependiam de uma estrutura de templo para anunciar o evangelho, pois aonde houvesse uma porta aberta para falar de Jesus ali se iniciava uma igreja. Conforme Joazi Gomes dos Passos “Foi assim que nós da Assembleia de Deus crescemos. Multiplicamos igrejas a partir de inúmeras casas. Usando esta estratégia de forma consciente ou inconsciente”.⁹⁵ A prática de se reunir nos lares, permitia aos novos convertidos, a troca de experiências com os mais velhos, dessa forma, tornavam-se convictos da sua fé, eram batizados e passavam a fazer parte da Igreja.

E assim também ocorreu na história dos primeiros tempos da Assembleia de Deus catarinense: homens, mulheres, jovens e crianças que encontravam um novo significado para suas vidas, por meio da mensagem pentecostal, eram instruídos a andar no caminho da comunhão com Cristo e com os irmãos que professavam a mesma fé.⁹⁶

Entre os motivos, que proporcionava o sucesso dos cultos nas casas, era a comunhão que havia entre eles. Passos entende que a comunhão é fator determinante na vida de um novo convertido, ele afirma que: “No centro do Cristianismo está a comunhão. E não é possível ter comunhão ao mesmo tempo com 100, 200 ou 1.000 pessoas. A comunhão passa pelo fato de estarem juntos, de caminharem juntos e de fazerem algo juntos”.⁹⁷

Outra importante forma discipular utilizado nas ADs é também através da EBD (Escola Bíblica Dominical) Antônio Gilberto escreve sobre a exata conceituação de “Escola Dominical” nas palavras de Gilberto “A Escola

⁹⁵PASSOS, 2018, p.25.

⁹⁶ SANTOS, Ismael dos. *Raízes da nossa fé: A História das Assembleias de Deus em Santa Catarina e no Sudoeste do Paraná*. Blumenau: Letra Viva, 1996, p.20.

⁹⁷ PASSOS, 2018, p.51.

Dominical é a escola de ensino bíblico da Igreja, que evangeliza enquanto ensina”.⁹⁸ Logo após dois meses de fundação a AD empregou a Escola Bíblica, como principal meio de ensino das doutrinas pentecostais, Gilberto aponta os objetivos centrais da EBD da seguinte forma, 1- Ganhar almas pra Jesus; 2- Desenvolver a espiritualidade e o caráter cristão nos alunos; 3- Treinar o cristão para o serviço do Mestre.⁹⁹ E foi por meio da Escola Bíblica Dominical, que as ADs. introduziram no ano de 1996 a primeira lição trimestral dedicada ao discipulado, com o título Discipulado e Integração (o segredo para o crescimento da igreja) comentada pelo pastor Geremias Couto com foco nos novos convertidos, a revista da EBD dedicou 13 lições com os seguintes temas: A Igreja e suas Prioridades; Integrando o Novo Crente à Igreja; Conduzindo o Novo Crente ao Discipulado; O Novo Crente e a Maturidade Espiritual; O Novo Crente e suas Motivações; O Novo Crente e a Sociedade; O Novo Crente e a Mordomia Cristã; O Novo Crente e a Oração; O Novo Crente e o Jejum; O Novo Crente e a Vida de Santificação; O Novo Crente e o Sofrimento; O Novo Crente e a Morte; O Novo Crente e a Vida Eterna.

O comentarista da Lição informa o seguinte: “Neste primeiro trimestre do ano, estudaremos uma série de lições voltadas para o no convertido, visando equipar a Igreja para que torne mais frutífero o seu trabalho na área da integração e discipulado.”¹⁰⁰ Abordando o tema da Grande Comissão, Couto incentiva aos leitores na tarefa discipuladora da Igreja, destacando A Integração e o Discipulado:

A evangelização não se esgota no ato de falar de Cristo a alguém. Ali apenas inicia-se o trabalho. A ordem do Mestre é

⁹⁸ GILBERTO, Antônio. *Manual da Escola Bíblica*: Um curso de treinamento para professores iniciantes e de atualização de professores veteranos da Escola Dominical. 17ª Ed. melhorada. Rio de Janeiro: CPAD, 1998, p.137.

⁹⁹ GILBERTO, 1998, p.152.

¹⁰⁰ COUTO, Geremias do (Org.) *Discipulado e Integração*: O segredo para o crescimento da Igreja. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p.4.

clara: “Fazei discípulos”. É algo que começa com o anúncio das boas novas e continua até que Cristo seja formado em cada novo convertido. A) A integração. O ato de tornar o novo crente parte natural do corpo de Cristo. B) O discipulado. O processo de formação espiritual do novo crente através do ensino bíblico adequado para esta fase. A integração e o discipulado são, portanto, prioridades da Igreja em sua tarefa de trazer os pecadores a Cristo.¹⁰¹

As ADs têm avançado de forma significativa, no desenvolvimento e implantação do discipulado. Conforme apresentado neste artigo, o discipulado que era realizado no compartilhamento das experiências, na comunhão das casas de maneira informal, ou através do ensino da EBD, não mudou em essência, pois tem o mesmo objetivo, integrar e consolidar os novos convertidos. Porém a Igreja avança com uma metodologia mais didática e mais dinâmica. Na visão de crescimento e salvação de almas, as ADs passaram a promover eventos de capacitação com o objetivo de despertar toda a membresia para executar a tarefa de discipular.

Uma das Igrejas que merece reconhecimento, na formação de discipuladores, é a IEADJO (Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Joinville) a Igreja, segue a visão assembleiana de discipulado, que tem foco principal nos novos convertidos. Atualmente é referência em discipulado no contexto das ADs no Brasil. A IEADJO organizou didaticamente o discipulado, a partir do ano 2000 criando as lições “Conhecendo o Amor de Deus”.

Joary Jossué Carlesso descreve:

Na época, coube a uma equipe de obreiros: Pb. Romeu José de Assis, Pb. Joel Luiz de Souza, Pb. Esdras Costa Benthó, entre outros, o desenvolvimento do modelo de trabalho do Grupo de Crescimento. Sob a supervisão do Pr. Valmor Leonel Batista, liderança do Pb. Romeu José de Assis e

¹⁰¹ COUTO, 1996, p.7.

participação da Faculdade Refidim, esta equipe criou um material para ser usado como subsídio às reuniões nos lares, que foi intitulado “Conhecendo o amor de Deus”, além de subsídios para os discipuladores.¹⁰²

Certamente esse período marcou a história da IEDJO como igreja que faz discípulos. Mas foi a partir de março de 2011, com a chegada do Pr. Sérgio Melfior que o Departamento de Discipulado cresceu de forma mais expressiva. O Pr. Sérgio assumiu a presidência da IEADJO, e trouxe consigo o Pr. Joary Jossué Carlesso, que naquela época era presbítero. Carlesso já possuía uma grande experiência, já havia dedicado cerca de dez anos na liderança do discipulado. Sobre o início dos trabalhos em Joinville na liderança do Pr. Sérgio Melfior, Carlesso fornece uma importante informação:

Ao assumir a Igreja de Joinville o Pr. Sérgio Melfior declarou que o “Discipulado é o carro-chefe da Igreja”. Para o Pr. Sérgio a igreja só pode crescer em quantidade e qualidade através de um trabalho consistente de discipulado. Assim entendendo a visão do Pastor Presidente e a urgência do discipulado, o Pb. Joary implementou uma visão arrojada de trabalho, abarcando todo o processo de ganhar e consolidar vidas em Cristo.¹⁰³

Motivados após uma visão que Carlesso teve a respeito do trabalho do discipulado em Joinville, ainda em 2011 o Pr. Sérgio decidiu realizar a primeira oficina de Discipulado. As oficinas de discipulado têm como principal objetivo a capacitação e motivação de novos discipuladores. Carlesso informa que a 1ª Oficina contou com 250 participantes, o resultado foi um sucesso, pois a visão foi compartilhada pelos participantes, alcançando cerca de 70% das congregações do

¹⁰² POMMENERING, Claiton Ivan (Org.) *Entre flores e espinhos: O Espírito em movimento na Assembleia de Deus*. IN CARLESSO, Joary Jossue. *Assembleia de Deus em Joinville: Há 80 anos fazendo discípulos*. Joinville: Refidim, 2013, p.51.

¹⁰³ POMMENERING. IN CARLESSO, 2013, p.53.

campo. Já em 2012 comprovando o êxito do trabalho, a 2ª Oficina de Discipulado contou com 700 inscritos.

As Oficinas são uma marca do Departamento de Discipulado. No ano de 2022 a 12ª Oficina de Discipulado para o Brasil registrou 1.007 inscritos presenciais, e outros 242 On-line. Anualmente as Oficinas trazem pessoas de vários cidades e estados do País, as palestras são ministradas por especialistas na área de Discipulado do Brasil e do Exterior. Além das Oficinas o Departamento de Discipulado realiza Congressos anualmente, em de 2012 a IADJO realizou o primeiro Congresso de Discipulado e Encontro de Novos Convertidos. “O evento durou três dias e reuniu cerca de 1.000 pessoas, sendo 250 novos convertidos, representando algumas congregações”.

Devido à expressividade que o discipulado alcançou, o departamento passou a se chamar Discipulado para o Brasil, pois se expandiu alcançando vários estados do país. Desde 2011 está sobre a Coordenação do Pr. Joary Jossué Carlesso. O pastor relata que: “Muitas pessoas vieram de outras cidades e estados para conhecer melhor o processo de discipulado em Joinville”.¹⁰⁴ Os dados atuais do 9º Congresso Discipulado para o Brasil informam que em 2022 o Congresso reuniu 1.591 inscritos presenciais, além das participações On-line. Sobre os frutos de uma visão que alcançou notável êxito nas ADs, ainda em 2013, Carlesso nos informa que:

Como fruto deste trabalho, foram feitas 160 palestras fora de Joinville nos últimos dois anos, e atualmente 170 campos usam este material de discipulado, especialmente nos estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul, Amazonas, Acre, Bahia e Distrito Federal.¹⁰⁵

¹⁰⁴ POMMENERING. IN CARLESSO, 2013, p.57.

¹⁰⁵ POMMENERING. IN CARLESSO, 2013, p.55.

A respeito da expansão, o Departamento de Discipulado para o Brasil informa que hoje já são mais de 600 campos atendidos pelo Departamento, e mais estados brasileiros estão aderindo o trabalho. O Departamento Discipulado para o Brasil envia palestrantes para auxiliar na implantação e desenvolvimento do discipulado, as Igrejas mais carentes também recebem o material didático doado pelo Departamento. O Departamento Discipulado para o Brasil é um claro exemplo, que o discipulado funciona nas ADs.

Na IEADB (Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Barracão PR) o discipulado iniciou nos moldes assembleianos, já apresentados anteriormente. No princípio do evangelho em Barracão PR, os cultos nas casas mostraram-se frutíferos. De acordo com o jornal Assembleia em Ação (2010) em 31 de julho de 1955, o Sr. Henrique Strasser chegou à cidade de Barracão PR, vindo da cidade de Vicente Dutra RS. Nos seus primeiros dias na cidade, perguntou ao seu amigo Osório Borges, que já estava a algum tempo na região, se havia “crentes” naquela localidade, informado que não havia evangélicos ali, então realizaram o primeiro culto pentecostal. Convidaram a vizinhança que após conhecerem o evangelho, também abriam suas casas para os cultos. E assim crescia o número de pessoas que se convertiam ao evangelho, os novos convertidos eram discipulados pela experiência dos mais velhos, e permaneciam na comunhão uns com os outros, e assim a Igreja cresceu e tornou-se relevante na sociedade.

O discipulado formal em Barracão PR teve início no ano de 2010, com o uso de materiais didáticos da CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), nesse período foram formados grupos, que visitavam as pessoas ensinando e consolidando novos convertidos.

Conforme Baumgart:

Um novo trabalho teve início na Igreja Assembleia de Deus de Barracão. São grupos de crescimento ou discipulado. Trata-se de um curso bíblico que se realizará nas residências das pessoas interessadas em conhecer melhor a Bíblia e a

Igreja. O curso é prático e trata das doutrinas básicas da fé cristã.¹⁰⁶

Passados 12 anos, a Igreja Assembleia de Deus em Barracão, colhe os frutos do trabalho já realizado no discipulado, ainda mantém uma metodologia de pequenos grupos, esses são formados quando há programação de batismo em águas. Porém a Igreja percebe a necessidade de desenvolver o discipulado de uma forma mais ampla. Sem deixar de seguir o exemplo dos pioneiros que tinham zelo especial pelos novos convertidos, Ismael dos Santos relata a respeito de Daniel Berg o seguinte: “Seu coração pulsava pelos perdidos e tinha um carinho todo especial pelos *novos convertidos*”.¹⁰⁷ Assim as Assembleias de Deus mantêm a mesma essência da visão de Berg, olhando com carinho especial os novos convertidos, conduzindo com amor até que obtenham maturidade na fé.

4. IMPLANTAR E DESENVOLVER O MINISTÉRIO DO DISCIPULADO NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS DE BARRACÃO.

Partindo do contexto apresentado até aqui, é possível observar que a (IEADB) desde a seu início em 1955, desenvolveu o discipulado de maneira informal, até o ano de 2010 a igreja não contava com uma estratégia didática de consolidação para os novos convertidos. Estes eram edificados na fé através da experiência dos mais velhos, e pelos cultos nos lares, que ainda é muito praticado. A comunhão que é peculiar em regiões interioranas, também se mostrou eficaz, e por muito tempo não se buscou um método formal, de desenvolvimento do discipulado.

¹⁰⁶ BAUMGART, Edson. Grupo de Crescimento ou Discipulado entra em ação. *Assembleia em Ação: Informação em prol do Reino*. Barracão PR, ano 1, n.3 set. 2010, p.4.

¹⁰⁷ SANTOS, 1996, p.28.

Porém com o crescimento da cidade, o êxodo rural, e as demandas da modernidade, as pessoas acabaram ficando desassistidas, muitas delas desistiram da fé ou migraram para outras denominações. O presente artigo informa que em 2010, houve uma tentativa de implantação do discipulado em pequenos grupos, porém não se consolidou. Em 2022 observando a necessidade local, iniciou-se um projeto de implementação do discipulado na IEADB. Esse trabalho vem de encontro com essa necessidade, e pretende apresentar algumas etapas importantes para que a igreja local possa desfrutar os resultados de um trabalho bem estruturado. A abordagem visa manter o foco dos pioneiros, assembleianos e discorre na perspectiva do discipulado para os novos convertidos.

Sendo assim, mediante ao que já foi descrito, esse artigo contempla algumas etapas estruturais do projeto e na conclusão, aborda o desenvolvimento na prática levando em consideração o contexto da igreja local. As etapas que esse artigo apresenta, são resultados de um intenso trabalho de pesquisa e análise, tendo como base as Igrejas que são exemplos para o Brasil na tarefa de fazer discípulos. Não se trata de “emprestar” uma visão que deu certo em outras comunidades. Esse trabalho pretende adequar à visão do discipulado a realidade local. “Necessariamente, não há nada de errado com uma visão emprestada. No entanto, cada contexto de ministério é diferente. Por isso, seria sábio adaptar uma visão particular a uma situação particular, ao invés de utiliza-la como esta”.¹⁰⁸

4.1 Plano de Ação 5w2h no Discipulado

Para implementar o discipulado na IEADB, este artigo propõe um plano de ação baseado no modelo 5W2H. Esse modelo segundo Rabello foi desenvolvido no Japão, por especialistas da indústria automobilística. No entanto

¹⁰⁸ CHAN, 2021, p.57.

pode ser utilizada em qualquer segmento.¹⁰⁹ O modelo proposto facilita a organização da tomada de ação na implementação do discipulado. Para Chiavenato e Sapiro, “a criação de um plano de ação tem a função de aperfeiçoar as formas de trabalho, valorizar o trabalho em equipe, visar à obtenção de resultados planejados”, ou seja, para que a Igreja possa ter crescimento saudável, e cuidar dos novos convertidos, é indispensável o estabelecimento de um plano de ação.¹¹⁰

Em virtude do exposto, foi definido para elaboração do plano de ação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, a ferramenta 5W2H, a qual permite uma análise completa e detalhada do cenário, pois traz bastante objetividade na execução da ação.

Assim sendo, segue proposta de análise acadêmica: respondendo as seguintes perguntas: O que? Por quê? Quem? Onde? Quando? Como? Quanto?

What?	Why?	Where?	When?	Who?	How?	How Much?
O que?	Por quê?	Onde?	Quando?	Quem?	Como?	Quanto?
Etapas do planejamento estratégico.	Proporcionar a implementação, e organização do Discipulado na Igreja Local.	Igreja Evangélica Assembleia de Deus Barracão PR.	2022 e 2023	Pastores e liderança da Igreja Local.	Através de reuniões de alinhamento estratégico envolvendo toda a equipe.	Custos ainda não mensurados, ou próximos de zero.
Ação 01	Proporcionará	Será	Terá	Pastores,	Através do	Custos ainda

¹⁰⁹ RABELLO, Guilherme. *O que é e como fazer um plano de ação 5W2H?* Siteware. Disponível em: <<https://www.siteware.com.br/metodologias/como-fazer-plano-acao-5w2h>> Acesso em 29/11/2022.

¹¹⁰ CHIAVENATO, Idalberto; SAPIRO, Arão *Planejamento Estratégico*.: Fundamentos e aplicações. 1. Ed.13ª tiragem. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, 361.

Implementação e Planejamento Estratégico do Discipulado, na Visão de crescimento, e consolidação dos novos convertidos.	a Igreja, uma visão de crescimento saudável, e servirá como carro-chefe na tarefa de fazer discípulos, dando suporte aos novos convertidos.	desenvolvido na Igreja Sede e com o tempo nas demais congregações do campo.	início no ano de 2022 e sua continuação no ano de 2023.	Obreiros e Líderes de departamento s.	aprimoramento de reuniões entre Pastores, liderança e membros da Igreja envisionando a.	não mensurados, sendo eles com materiais didáticos, oficinas e palestras.
Ação 02 To rnar o discipulado uma cultura na Igreja Assembleia de Deus em Barracão PR.	Promover a cultura de fazer discípulos é fundamental para as gerações futuras, além de inibir a evasão de novos convertidos.	Nos Departamentos da Igreja, Círculo de Oração, Jovens, Crianças etc.	A partir de 2022.	Todos os membros da Igreja irão se envolver, principalmente os líderes dos departamentos, e seus membros.	Através das ministrações, e do exemplo observado na liderança.	Custos ainda não mensurados, sendo eles com propaganda, e treinamentos e/ou cursos para os colaboradores.
Ação 03 Ca pacitação para Pastores, líderes e demais pessoas envolvidas.	Direcionar, ensinar o que fazer e como fazer o discipulado da forma correta.	Na Igreja Sede, posteriormente nas congregações.	A partir de 2023.	Todos aqueles que entenderam a visão do discipulado, e desejam se tornar um discipulador.	Através de Oficinas de Discipulado, treinamento prático, acompanhamdo discipuladores mais experientes.	Custos ainda não mensurados, sendo eles com material didático, Oficinas, coffe-break etc.

Fonte: Elaborada pelo autor

Primeira etapa, considerada também a base fundamental para uma implementação bem estruturada é o envisionamento da liderança local, este é um fator determinante para o sucesso do trabalho.

Edmund Chan afirma que:

Há uma diferença significativa entre consentimento da liderança e comprometimento da liderança. Consentimento é apenas concordar cognitivamente com uma ideia ou princípio. O comprometimento, entretanto, vai além do cognitivo (a mente) para o afetivo (o coração) e o volitivo (à vontade). Em uma Igreja disciplinadora, os líderes não estão apenas falando sobre fazer discípulos. Eles estão realmente fazendo isso e sendo exemplo para a congregação.¹¹¹

Chan argumenta que, quando os líderes estão comprometidos, o trabalho flui com mais força, é mais do que simplesmente ter o apoio do Pastor. “O progresso do trabalho, para alcançarmos vidas, depende muito da visão do Pastor da Igreja. O pastor precisa vestir a camisa do Discipulado”.¹¹² Chan amplia seu conceito a respeito da importância do engajamento do pastor no discipulado. “Ele vai pregar no púlpito e escrever a respeito disso no boletim da igreja, compartilhá-lo com sua equipe, envolver os líderes da igreja e fazer o que for necessário para transmitir a visão”.¹¹³ Todo o líder é naturalmente um influenciador, Jesus nos deu o maior exemplo de como isso funciona. “O que os discípulos viram e ouviram afetou-os de modo radical. Nunca se esqueceram da perfeita integração entre o ensino e a ação de Jesus.” Ainda nas palavras de Phillips fazer discípulos é um processo que começa com ser modelo. O pastor é para igreja o modelo que inspira.¹¹⁴

A segunda etapa desta implantação está diretamente ligada à primeira, pois a visão transmitida pelo pastor e adotada pela igreja começa a ganhar espaço

¹¹¹ CHAN, 2021, p. 49.

¹¹² CARLESSO, 2022, p.11

¹¹³ CHAN, 2021, p. 49.

¹¹⁴ PHILLIPS, 2008 p.157.

na comunidade, tendo como alvo tornar o discipulado uma cultura. Chegar a esse ponto é um dos maiores desafios enfrentados na maioria das igrejas, Thiago Faria entende que esse processo não acontece da noite para o dia.

Desenvolver uma mentalidade e cultura de discipulado não é algo que se faça com uma pregação ou com uma série de mensagens, nem mesmo criando uma classe de estudos bíblicos, nem estimulando todos a lerem um livro muito bom sobre o assunto. Isso se faz por meio de um processo estruturado que parte da compreensão profunda do discipulado por parte da liderança, que não apenas sabe, mas vivencia um processo experiencial de crescimento na fé.¹¹⁵

Promover a cultura do fazer discípulos também é uma ênfase relevante para Alves. “Todos os cristãos precisam vivenciar o discipulado de Jesus como uma cultura. Cultura que seja formada por uma doutrina. Doutrina no sentido de ser uma ordenança, como algo obrigatório na vida de quem pretende seguir os passos de Jesus”.¹¹⁶ A cultura por sua vez é um conjunto de ações que fazem parte da vida de um povo, nesse sentido, o discipulado uma vez plantado no coração da comunidade, fará parte de toda a sua história futura. Francis Chan ao falar sobre o envolvimento da igreja no discipulado enfatiza a responsabilidade de todos nessa nobre tarefa. “O objetivo da igreja é crescer em todos os aspectos a semelhança de Cristo. Mas a igreja nunca atingirá essa meta a menos que cada parte realize a sua função”.¹¹⁷

Após o envisionamento da liderança, e a absorção da cultura do discipulado pela igreja local, é momento de capacitar os discipuladores. Os discipuladores são pessoas que entenderam a visão e também verdadeiros discípulos que desejam envolver-se com o discipulado. Nessa etapa da capacitação, destaca-se a eficácia das oficinas de discipulado. O Departamento de Discipulado para o Brasil é referência nacional nesse aspecto. Na IEADJO, conforme já mencionado nesse artigo a

¹¹⁵ FARIA, Thiago. *A igreja que faz discípulos: construa um modelo de discipulado que você sonha para a sua igreja*. São Paulo: Editora Vida 2022, p.16.

¹¹⁶ ALVES, 2021, p.41.

¹¹⁷ CHAN, 2015, p.53

primeira oficina de discipulado foi um marco histórico, responsável por envisionar os participantes que compartilharam a visão com as congregações do campo. Esse modelo é o que se pretende implantar também na IEADB.

Complementando a etapa da capacitação é relevante dizer que o modo como se começa algo, é determinante para o sucesso de um trabalho. Randy Pope considera que “Capacitação é trabalhar a verdade até que ela se torne compreensível e utilizável”.¹¹⁸ Capacitar é mais do que reunir pessoas para transmitir conhecimentos teóricos, capacitar é também acompanhar, fazer junto. Pope observa que as igrejas investem em seminários e aulas para dar direções, o que não é errado, o problema é que se pulam etapas no processo. Pope defende que há quatro fases na capacitação: “Direcionar, é ensinar o que fazer; auxiliar é mostrar como fazer; acompanhar é ajudar a começar fazendo junto; delegar é deixar fazer”.¹¹⁹ As consequências de delegar a quem nunca fez, é a frustração tanto do aprendiz, quanto de quem delegou, por isso para obter um resultado proveitoso, é preciso respeitar cada fase da capacitação.

CONCLUSÃO

A pesquisa se concentrou em apresentar um tema dinâmico e considerado de muita relevância para a igreja contemporânea, o discipulado cristão. Observando que existem vários conceitos e perspectivas relacionadas ao assunto. Entre os conceitos relacionados ao longo do trabalho, descreve aqueles conceitos que não correspondem ao verdadeiro discipulado bíblico cristão. Através das revisões bibliográficas, diversos autores contribuíram para ampliar a visão conceitual do termo. Além disso, buscou na etimologia da palavra discípulo, a partir dos originais do hebraico e grego, para assim contextualizar o termo de forma coerente. Aprofundando o contexto histórico do discipulado, a pesquisa traçou uma linha cronológica, desde as raízes mais antigas, olhando a forma de discipular dos patriarcas, dos profetas, seguindo para o exemplo do maior e

¹¹⁸ POPE, 2017, p.32.

¹¹⁹ POPE, 2017, p.42.

melhor discipulador da história Jesus Cristo. Acrescentando a isso a pesquisa examinou na história da Igreja Antiga, medieval, moderna e contemporânea como desenvolveu-se o discipulado em todas as eras da igreja, enfatizando o contexto das Assembleias de Deus, sua visão e seus valores que mantém como alvo principal, os novos convertidos. Também apresentamos os meios para a implantação e desenvolvimento de um discipulado a partir de um plano de ação.

Todos os resultados obtidos por meio dessa pesquisa visam colaborar com as Igrejas que pretendem crescer. Todavia esse crescimento precisa ser saudável, para que isso aconteça toda a igreja precisa entender as implicações da grande comissão. O que foi apresentado ao longo desse exercício reflexivo, conclama tanto a liderança como também os membros da Igreja, a uma tomada de ação que terá como resultado uma Igreja mais viva, eficaz, saudável e cheia do amor de Cristo. Vale ainda salientar, que a pesquisa não teve por objetivo abranger o discipulado em todos os seus aspectos, mas limitou-se a suprir a demanda do contexto local. Por esse motivo, a principal abordagem do discipulado deu-se na perspectiva do cuidado com os novos convertidos, e ainda na ação de fazer discípulos

Foi possível observar, que existe ainda muita carência de elaborações teológicas concernentes ao discipulado, principalmente no meio pentecostal. Ficou evidente que é necessário um espaço mais amplo de discussões que abordem o discipulado nas Assembleias de Deus no Brasil. Esse tema precisa ser enfatizado nos espaços acadêmicos, nos púlpitos das igrejas, em seminários, palestras, escolas bíblicas, enfim de todas as esferas religiosas. Há mais do que uma necessidade, o desafio proposto é pensar sobre a urgência do discipulado na atualidade. A experiência, gerada por meio desse laborioso processo de pesquisa e aprendizado, foi extraordinária, elevando o nível de conhecimento, vislumbrando

a magnitude do que sempre significou para o mestre Jesus, o incalculável valor do discipulado.

Conclui-se, portanto, que a igreja precisa se comprometer integralmente em fazer discípulos, principalmente na era da modernidade líquida, marcada pelo individualismo, a ansiedade e a fragilidade dos relacionamentos. Tudo isso mostra um caminho de sucesso para a igreja, o caminho da comunhão, pois esta é uma das marcas peculiar da igreja, tal como era na igreja primitiva precisa nesse tempo investir nos relacionamentos. Jesus nossa principal referencia, nos deixou claro o princípio do amor e da comunhão como sendo as principais vias de um discipulado com excelência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. *A Bíblia Sagrada* (revista e atualizada no Brasil) 2 ed. São Paulo. Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.

ALVES, Eduardo Leandro. *A Sociedade Brasileira e o Pentecostalismo Clássico Razões Socioculturais Entre a Teologia Pentecostal e a Religiosidade Brasileira*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

ALVES, Tiago Cavalcanti. *Formação do Discipulador Com ênfase na Escola Bíblica*. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2021.

ARAÚJO, Isael de. *História do Movimento Pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

BARTH, Karl. *Chamada ao Discipulado*. Trad: Moisés Carneiro Coelho, São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

BAUMGART, Edson. Grupo de Crescimento ou Discipulado entra em ação. *Assembleia em Ação: Informação em prol do Reino*. Barracão PR, ano 1, n.3 set. 2010.

BAUMGART, Edson. *História de quem fez história. Assembleia em Ação: Informação em prol do Reino*. Barracão PR, ano 1, n.2, 1 ago. 2010.

BENHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 1.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BÍBLIA João Ferreira de Almeida Corrigida Fiel (ACF). São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil (SBTB), 2007.

CAIRES, Geislânio Luz. *A Relevância do Catecumenato enquanto inspiração para a Catequese segundo a proposta da ação evangelizadora da Igreja*. 2022. 66. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) Faculdade Católica de Campinas, 2022.

CARLESSO, Joary Jossué (Org.) *12ª Oficina Discipulado para o Brasil*. Departamento de Discipulado da IEADJO: Joinville, 2022.

CARLESSO, Joary Jossué (Org.) *12ª Oficina Discipulado para o Brasil*. IN MELFIOR, Sérgio. *Discipulado Missional*. Departamento de Discipulado da IEADJO. Joinville 2022.

CARLESSO, Joary Jossué (Org.) *7º Congresso de Discipulado para o Brasil*. Departamento de Discipulado da IEADJO: Joinville, 2018.

CARLESSO, Jossué, Joary. *2ª Oficina de Discipulado da IEADJO*. Joinville, 2022.

CARVALHO, D. da C. *Discipulado, Perspectivas e Dimensões: um Diálogo em Busca da Complementariedade Entre o Discipulado na Comunidade, no Pequeno Grupo e no Relacionamento Um a Um*. *Via Teológica*, 20(39), 89–120., 2019.

CHAN, Edmund. *Um Tipo Certo Discipulado intencional que redefine o sucesso no ministério*. Curitiba: Editora Betânia 2021.

CHAN, Francis. *Multiplique: Discípulos que fazem discípulos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

CHIAVENATO, Idalberto; SAPIRO, Arão *Planejamento Estratégico: Fundamentos e aplicações*. 1. Ed.13ª tiragem. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003

COUTO, Geremias do (Org.) *Discipulado e Integração: O segredo para o crescimento da Igreja*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

CURTIS, Kenneth. A. *Os 100 Acontecimentos Mais Importantes da História do Cristianismo*. São Paulo: Editora Vida 2003.

DIDAUÉ. *Catecismo dos Primeiros Cristãos Para as Comunidades de Hoje*. São Paulo: Editora Paulus 2005.

FARIA, Thiago. *A igreja que faz discípulos: construa um modelo de discipulado que você sonha para a sua igreja*. São Paulo: Editora Vida 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. Ed. São Paulo: Editora Positivo, 1992.

GILBERTO, Antônio. *Manual da Escola Bíblica: Um curso de treinamento para professores iniciantes e de atualização de professores veteranos da Escola Dominical*. 17ª Ed. melhorada. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã*. São Paulo, SP: Paulus, 2016.

MOORE, Waylon B. *Multiplicando Discípulos: O Método Neotestamentário para o crescimento da Igreja* 4ª Ed. Rio de Janeiro: JUARP, 1995.

PASSOS, Gomes Joazi dos. *Uma revolução chamada Assembleia de Deus: Uma proposta de crescimento e discipulado para os nossos dias*. São Paulo: Polo Books, 2018.

PHILLIPS, Keith W. *A formação de um discípulo*. São Paulo: Editora Vida, 2008.

POMMENERING, Claiton Ivan (Org.) *Entre flores e espinhos: O Espírito em movimento na Assembleia de Deus*. IN CARLESSO, Joary Jossue. *Assembleia de Deus em Joinville: Há 80 anos fazendo discípulos*. Joinville: Refidim, 2013.

POPE, Randy. *O Discipulado na Igreja Local*. Viçosa: Ultimato, 2017.

RABELLO, Guilherme. O que é e como fazer um plano de ação 5W2H?. Siteware. Disponível em: <<https://www.siteware.com.br/metodologias/como-fazer-plano-acao-5w2h>> Acesso em 29/11/2022.

RUSSELL Norman Champlin, *Enciclopédia de Bíblia*, Teologia e Filosofia. São Paulo: Hagnos, 2002.

SANTOS, Ismael dos. *Raízes da nossa fé: A História das Assembleias de Deus em Santa Catarina e no Sudoeste do Paraná*. Blumenau: Letra Viva, 1996.

SILVA, Anilton Oliveira da. Estudo Introdutório a Didaquê: *Além Da Reerência ao Batismo*. Revista Ensaio Teológicos – Vol. 04 – Nº 01 – Jun/2018 – Faculdade Batista Pioneira – ISSN 2447-4878.

STOTT, John W.R. Stott. *O Discípulo Radical*. Viçosa: Ultimato, 2011.

TAYLOR, W. C. 1886-1971. *Dicionário do Novo Testamento grego*. 10. Ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO CRISTÃ RELEVANTE

Marcos Anderson Tedesco¹²⁰

Gilvan Nery de Souza¹²¹

RESUMO

Este trabalho partiu da problemática sobre como a Educação Cristã deve lidar com os desafios propostos pela pós-modernidade propondo uma reflexão acerca da relevância da Educação Cristã para os dias atuais. Também há uma discussão sobre como o professor de escola dominical deve procurar se atualizar utilizando subsídios e recursos pedagógicos em seu cotidiano. Através de diversas pesquisas bibliográficas recorreremos a alguns teóricos como Tedesco, Fernandes, Price, Domingues, entre outros, procurando sempre correlacionar as discussões propostas de cunho descritivo com a visão proposta pelo nosso tema: desafios para uma Educação Cristã relevante, procurando em todo o texto ser coerente com a visão de que a Educação Cristã no ambiente eclesialístico, com enfoque para a Escola Dominical. Primeiramente, esse artigo busca responder o que é Educação Cristã, apontando os objetivos da Educação Cristã, qual é a função do educador cristão e a proposta de uma Educação Cristã que é também uma educação evangelizadora. No segundo tópico, abordamos como seria a Educação Cristã para o tempo presente, observando a relevância da Educação Cristã para os dias atuais e refletindo a questão da educação e aprendizagem, mas também a educação que transforma. Por último, identificamos possibilidades de como é a

¹²⁰ Mestre em Educação pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE; História (2001) pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Coordenador pedagógico na Educação Básica no Colégio Evangélico do CEEDUC em Joinville/SC e professor na Educação Superior na Faculdade Refidim. E-mail: marcostedesco@ceeduc.edu.br.

¹²¹ Graduando em Teologia pela Faculdade Refidim; 7º Semestre. Graduando em História pela Universidade Estácio de Sá, 3º Semestre. E-mail: gilvan29nery@gmail.com.

Educação Cristã na prática discutindo alguns conceitos sobre a vocação do educador cristão, conceitos sobre Jesus como um educador modelo e relações possíveis entre a Educação Cristã e a igreja. Não pretendemos aqui esgotar todo o assunto, este trabalho procura apenas dar alguns subsídios para futuras discussões no campo acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Cristã; Escola Dominical; Vocação do Educador Cristão; Educação Evangelizadora.

ABSTRACT

This work started from the problem of how Christian Education should deal with the challenges posed by post-modernity, proposing a reflection on the relevance of Christian Education for the present day. There is also a discussion about how the Sunday school teacher should try to update himself using subsidies and pedagogical resources in his daily life. Through several bibliographical research, we turned to some theorists such as Tedesco, Fernandes, Price, Domingues, among others, always trying to correlate the proposed discussions of a descriptive nature with the vision proposed by our theme: challenges for a relevant Christian Education, looking throughout the text be consistent with the vision that Christian Education in the ecclesiastical environment, with a focus on Sunday School. First, this article seeks to answer what Christian Education is, pointing out the objectives of Christian Education, what is the role of the Christian educator and the proposal of a Christian Education that is also an evangelizing education. In the second topic, we approach what Christian Education would be like for the present time, noting the relevance of Christian Education for the present day and reflecting the issue of education and learning, but also the education that transforms. Finally, we identify possibilities of what Christian Education is like in practice, discussing some concepts about the vocation of the Christian educator, concepts about Jesus as a model educator and possible relationships between Christian Education and the church. We do not intend to exhaust the whole subject here; this work only seeks to provide some subsidies for future discussions in the academic field.

KEYWORDS: Christian Education; Sunday School; Vocation of the Christian Educator; Evangelizing Education.

INTRODUÇÃO

Os desafios da Educação Cristã para os dias de hoje são muito pertinentes, num mundo pós-moderno onde cada vez mais as pessoas estão cheias de incertezas quanto ao cristianismo. Quero discutir neste artigo alguns aspectos de uma Educação Cristã que atenda as demandas do homem contemporâneo, que seja atual e dinâmica, por isso nesta pesquisa de caráter bibliográfico quero desenvolver uma reflexão sobre a Educação Cristã no ambiente eclesiástico.

Através de diversas consultas bibliográficas, o texto está dividido em três tópicos, com três subtópicos cada um. O primeiro tópico procuro abordar sobre o que é Educação Cristã. Procurando explicar quais são os objetivos da Educação Cristã, a função do educador cristão e a Educação Cristã como uma educação evangelizadora. No segundo tópico procura abordar como a Educação Cristã pode atuar no tempo presente. Discorrendo sobre sua relevância para os dias atuais, sobre como ela deve contemplar a aprendizagem. No terceiro tópico, sobre a prática da Educação Cristã. Discorrendo sobre a vocação do educador cristão, expondo Jesus como um educador modelo e sobre a Educação Cristã e a Igreja.

1 – O QUE É EDUCAÇÃO CRISTÃ

Educação cristã é a sistematização do ensino cristão na sociedade. Não se trata de apenas de ensinar um conjunto de regras e normas de fé, mas de ensinar como o cristão deve viver em sociedade pela ótica do evangelho.

A Educação Cristã não é apenas o saber religioso, mas cobre todas as esferas sociais da vida humana. Heitor Lamartine (2019) ressalta que a Educação Cristã tem como função não apenas o saber cristão, antes em todas as esferas sociais, onde cada crente, pastor ou não tem a função de ensinar. O ensino cristão é um processo para a vida toda, envolve a vida do cristão em sociedade, onde ele vai viver a prática do evangelho não apenas na teoria, mas no seu cotidiano.¹²²

1.1 - Quais são os principais objetivos da Educação Cristã

A Educação Cristã não é algo desconexo sem contato com nossa realidade, ao contrário, é algo que vai de encontro com a realidade do ser humano. Conforme Tedesco, a Educação Cristã não é algo simplista ou imediatista desconectado da realidade e restrita ao tempo e espaço. Como vimos a Educação Cristã é atual e dinâmica na igreja através do estudo constante das verdades bíblicas, sendo atualizada para os dias atuais.¹²³

A educação cristã não deve ser negligenciada pela igreja, mas deve se ter investimento da liderança em formar educadores para o reino de Deus. Conforme Andrade, alguns pastores em vez de encarar seus rebanhos como agências educadoras e de formação de adoradores, tem se tornado um meio de realização pessoal e financeira. O pastor deve prezar pelo ensino sistemático das escrituras para a edificação do corpo de Cristo. Ele deve focar no ensino da palavra em vez de buscar apenas o ganho financeiro.¹²⁴

Toda a história humana é produto do ensino e do aprendizado e assim desse modo produzir cultura. Através do ensino, desde a infância quando os pais

¹²² LAMARTINE, Heitor. *A Didática de Cristo: princípios didático-pedagógicos para a educação cristã*. REPAS, V. 6, 2019.

¹²³ TEDESCO, Marcos Anderson. *Teologia e Prática Educação Cristã*. Joinville: Faculdade Refidim, 2019.

¹²⁴ ANDRADE, Claudionor de. *Teologia da Educação Cristã: A missão educativa da igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

ensinam a criança a ler e a escrever, levam para a escola bíblica, colocam na escola secular, eles estão fazendo com que a criança adquira cultura e aprendizado.

A Educação Cristã tem como nobre objetivo a salvação dos perdidos, ou seja, ganhar almas. De acordo com Santos, o ensino cristão tem como objetivo ganhar almas para Jesus e trabalhar para a redenção do pecador.¹²⁵ Por isso a educação tem um papel primordial na igreja cristã, o da evangelização.

A Educação Cristã tem um olhar diferente propondo uma ótica centrada na Palavra de Deus. Tedesco afirma que essa percepção é amparada nos Antigo e Novo Testamentos indicando uma visão de mundo cristocêntrica e voltada para as Boas Novas, ou seja, a partir exclusivamente do evangelho de Cristo. A Educação Cristã também visa alcançar a perfeição e capacitação dos santos. Os alvos da Educação Cristã são o alcance da santificação e preparação dos santos para os o cumprimento do “ide de Jesus” (Mt.28.19).¹²⁶ Assim, a Educação Cristã, além do aperfeiçoamento dos santos, visa a disseminação do evangelho a toda a criatura.¹²⁷

1.2 A função de Educador Cristão

O educador cristão deve fazer o papel de mediador entre o conhecimento e o aluno, é um processo de constante aprendizagem e ensino das verdades bíblicas. O mediador tem uma clara noção das necessidades do aluno onde ele permite que os alunos pensem por si mesmos e os estimula a falarem sobre suas

¹²⁵ SANTOS, Valdeci da Silva. *Educação cristã: conceituação teórica e implicações práticas*. In.: FIDES REFORMATATA XII, Nº 2, 2008. p. 155-174.

¹²⁶ Referência a grande comissão de Jesus depois de sua ressurreição aos seus discípulos de ensinar o evangelho a todas as nações.

¹²⁷ TEDESCO, 2019.

percepções da sua própria realidade. Por isso o educador deve saber que ele tem acima de tudo o papel de mediador do conhecimento, ele não passa nada, não transmite, mas faz o papel de quem facilita a aprendizagem do aluno.

Quando o professor não ouve os alunos, ele está correndo o risco de sua aula se tornar entediante, monótona e sem sentido. Quando o professor não ouve os alunos e não lhes dá o tempo adequado para eles refletirem, a educação se torna sem qualidade. O professor deve ouvir os alunos e dar a eles tempo de reflexão, para assim eles terem uma educação mais profunda e prática.

Segundo Price, o professor que é eficaz não é sempre aquele que sabe dominar bem uma classe ou o que conhece os melhores métodos de ensino, mas aquele que tem empatia e interesse pelo seu aluno.¹²⁸ Sendo assim de acordo com essa perspectiva o professor eficiente sempre vai ser aquele que tem amor no que faz tanto por seus alunos como pelo seu trabalho.

O professor também precisa seguir o exemplo de Jesus que levava as pessoas a reflexão profunda, sobre suas vidas o que levava as pessoas a mudanças reais. Jesus levava as pessoas a ser transformadas, o que aflorava em seus íntimos o desejo por uma vida nova. Por isso devemos seguir o exemplo de educação transmitido por Jesus onde as pessoas realmente tinham suas vidas transformadas.

O professor precisa também saber dominar o assunto. Antônio Gilberto diz que o professor de escola dominical deve dominar o assunto tão bem quanto qualquer outro professor secular domina a sua matéria.¹²⁹ O professor de escola dominical que não domina o assunto corre o risco de passar vergonha e cair em descrédito.

¹²⁸ PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus: O mestre por excelência*. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

¹²⁹ GILBERTO, Antônio. *Manual da Escola Dominical*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

Vimos que o professor como um educador tem o papel de mediador onde ele deve ouvir o aluno e como educador ele deve seguir o exemplo de Cristo onde sua maneira de ensinar cativava a todos. O professor deve também ter um bom domínio da matéria a ser estudada, como todo bom professor secular.

1.3 A Educação Cristã como uma Educação Evangelizadora

O educador cristão tem a função de formar cristãos comprometidos com a causa do evangelho. Marchiori ressalta a qualidade de uma aula de escola dominical aumenta mais o interesse das pessoas pela aula e os resultados são mais positivos.¹³⁰ Sendo a aula de escola dominical a mais interativa e dinâmica para que haja interesse pelas abordagens.

A educação cristã deve cumprir seu papel no alcance das almas para Cristo. A Educação Cristã tem como alvo a preparação dos crentes nos preceitos divinos da grande comissão. O alcance das almas é a maior prioridade do Evangelho e a Educação Cristã tem a função de ser condutora dessa comissão.

A educação evangelizadora tem como objetivo fazer discípulos. Conforme Lima a Educação Cristã visa fazer discípulos e promover o desenvolvimento individual de cada crente, o crescimento da igreja tendo por base o “ide de Jesus”.¹³¹ Fazer discípulos é um desafio trabalhoso, mas indispensável para uma educação cristã relevante.

O ponto central da Educação Cristã deve ser o sacrifício de Cristo como único meio de obter salvação. O ensino como contexto de evangelização abrange

¹³⁰ MARCHIORE, Rogério Lacerda. *Os desafios da Educação Cristã na Escola Bíblica Dominical do Século 21*. Revista Ensaios Teológicos, v. 2, n. 2, 2016.

¹³¹ LIMA, Maria Jose Costa. *A educação cristã em uma perspectiva pentecostal*. In: Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST, v. 3, 2017. p. 315-323.

as palavras que expressam o amor de Deus como essência a possibilidade de comunhão entre criatura e criador e parte do princípio de que o sacrifício de Cristo é ponto principal do plano de salvação. O amor de Deus se manifesta de forma enfática através da cruz de Cristo.

O novo convertido deve desde os primeiros passos ser discipulado e ensinado sobre como deve seguir na caminhada cristã. Conforme Lima, o novo convertido deve ter de imediato contato com as doutrinas e os costumes da nova fé na participação nos cultos de doutrina e escola bíblica dominical.¹³² Por isso a necessidade de incluir o novo convertido nos cursos e departamentos de ensino da igreja.

O cristão que ama a Deus sempre vai demonstrar isso através dos seus frutos. O cristão quando ama a Deus demonstrando tal amor através de suas práticas, só permanecerá o honrando se alcançar o objetivo principal do seu chamado. E, por fim, um dos principais objetivos de um ensinador cristão é trazer almas para Cristo.

Um dos principais objetivos do educador cristão é ganhar almas para Cristo através do estudo da palavra. Por isso há a necessidade de incluir os novos convertidos nos grupos de estudos da Igreja para o fortalecimento da sua fé e de seu aprendizado.

O chamado a fazer discípulos é uma convocação da Igreja. Conforme os textos da grande comissão de Jesus (Mt 28.19-20; Mc 16.9-20). O mestre ordena que seus discípulos se dirijam a todas as nações e façam discípulos e ensinem eles a guardar todas as coisas que ele lhes ordenou. O Novo Testamento é o resultado da evangelização e da dedicação ao discipulado dos apóstolos de Cristo que deixaram seus ensinamentos não só para aquela geração, mas para todas as gerações seguintes.

¹³² LIMA, 2017.

2 UMA EDUCAÇÃO CRISTÃ PARA O TEMPO PRESENTE

Uma Educação Cristã que contemple o tempo presente deve ser ampla e atualizada relacionando-se com o mundo onde nós estamos inseridos. Ela abre espaço para um diálogo entre teoria e prática, ela atribui significados aos conceitos aprendidos e permite reinterpretações por parte dos alunos que agem de forma ativa nas suas comunidades.

A Educação Cristã só vai ser eficiente se ela se relacionar com o mundo de forma crítica e dialógica aonde ela vai se posicionar mostrando às pessoas o ensino bíblico demonstrando pela prática Cristã uma educação com significado que contemple a pessoa humana de forma integral. Desde nas comunidades pobres às grandes igrejas que com tantos recursos digitais como *tablet* e *smartphones* tomando espaço do cotidiano dos alunos, as aulas de escolas dominicais devem atrair a atenção dos alunos de tal forma que eles possam reinterpretar os conceitos bíblicos aprendidos para as suas vidas.

2.1 Educação Cristã e sua relevância para os dias Atuais

A Educação Cristã nos leva a sermos mais comprometidos com a sociedade onde vivemos. A educação tem função dupla: primeiro ela promove nos homens as condições para que possam ser comprometidos com a sociedade oportunizando situações em que o coletivo é respeitado e tem como alvo de ações concretas de bem-estar. A intensão da Educação Cristã também é a sensibilização do ser humano para se aproximar de Deus. Dessa forma, entendemos que a função do educador cristão é ser responsável com a sociedade e entender seus dilemas e sua complexidade oportunizando aos alunos condições para serem atuantes e sujeitos de si em suas trajetórias de fé.

Quando olhamos para o exemplo de Jesus e seu comprometimento com os dilemas da sociedade de sua época vemos um grande exemplo de um mestre que sabia muito bem como ser um agente de transformação. De acordo com Tedesco: “[...] se Jesus era atuante, buscava proximidade com as pessoas e era agente de transformação, assim também deve ser com o cristão”.¹³³ Como Jesus buscava estar próximo das pessoas e ser aquele que iria conduzir elas a transformação, assim é o educador cristão aquele que conduz as pessoas a mudança.

A educação na Escola Dominical tem a necessidade de estar atualizada com a mudança dos tempos. Fernandes ressalta que as mudanças nas comunicações e o amplo acesso ao conhecimento faz com que os alunos da escola dominical se tornem mais exigentes.¹³⁴ Isso comprova que o ensino cristão na igreja deve acompanhar as mudanças dos tempos. Para se ter uma educação transformadora e eficaz é necessário ter acesso ao conhecimento a partir das fontes da *internet* e das redes de comunicação além de livros e outras tantas possibilidades de fontes de estudo, assim o professor não deve se limitar apenas à revista com o texto base.

A educação transformadora nunca vai nos deixar conformados com a situação da sociedade atual. De acordo com Tedesco, Robert Raikes, no final do século XVIII, ficou muito incomodado com as situações das crianças e que estavam distantes das suas famílias. Estas trabalhavam numa rotina dura nas fabricas onde durava horas, Raikes sentiu-se mobilizado a fazer algo para trazer mais conforto para aquelas crianças. No dia em que estava disponível passou a andar pelas ruas da sua cidade convidando as crianças que achasse para dar aulas, o que depois ficou conhecido como Escola Dominical. Raikes ensinava os ensinamentos bíblicos, como também matemática, linguagem e outros

¹³³ TEDESCO, 2019, p. 42.

¹³⁴ FERNANDES, Regina. *Escola Bíblica Recriando a Dominical*. Campinas: Editora Saber Criativo, 2018.

conhecimentos fundamentais. Conforme vimos Robert Raikes serve de grande exemplo para nós de como o educador cristão deve buscar transformar a sociedade em que vive.¹³⁵

Como vimos no exemplo acima foi com Raikes que começou a Escola Dominical, que hoje tem milhões de alunos no mundo todo. A maior estratégia de Raikes foi abraçar o corpo, mas também a alma e o espírito. Enquanto aquelas crianças ouviam Raikes lhes ensinar as letras, elas eram tocadas no seu espírito pela Palavra de Deus. Este projeto que começou com poucas crianças hoje está incendiando o mundo. Conforme vimos neste exemplo, o educador cristão não se conforma com a dor e a miséria humana, ele sempre vai buscar mudar o que está em sua volta, e nada melhor de trazer essa mudança através da educação.

No início da Escola Dominical, os ensinamentos eram ministrados por pessoas leigas. Conforme Fernandes a liderança da escola dominical geralmente era de pessoas leigas que ensinavam a leitura, a escrita e os conhecimentos gerais por meio dos textos bíblicos.¹³⁶ Apesar de ser um movimento fundado por pessoas leigas, em todo mundo tem servido de alicerce para a fé de vários cristãos ao redor do mundo.

Através do estudo das sagradas escrituras, pela Educação Cristã, o cristão tem um aprofundamento maior e um aprendizado que ele vai levar para toda a vida. É pela propagação das sagradas escrituras que vamos ter um lugar de encontro entre a pedagogia e a teologia. A Educação Cristã só é um instrumento de transformação quando se coloca as escrituras como ponto central.

2.2 Uma Educação Cristã que contempla a aprendizagem

¹³⁵ TEDESCO, 2019.

¹³⁶ FERNANDES, 2018.

Para uma aprendizagem cristã significativa é necessário que haja planejamento e que se contemple o aluno como protagonista de seu aprendizado. Existe sempre uma relação do objeto de estudo com aquele que aprende, assim sendo, que cada aprendiz vai ter uma leitura própria do que é estudado, a partir de seu olhar. O ensinador precisa levar em consideração a subjetividade de cada aluno, deixando de lado o conceito que todos vão entender o assunto da mesma forma.

A aprendizagem é um trabalho artesanal, onde num conjunto entre professor e aluno se é construído o conhecimento. Para Almeida o aluno deve não apenas conhecer as informações, mas saber articulá-las entre si. Isto significa que o aluno não deve ser um depósito de informações, mas saber a partir delas produzir mais conhecimento.¹³⁷ Como vimos o conhecimento nunca é algo pronto e acabado, mas sempre deve ser articulado estimulando o aluno a ser protagonista no seu processo de aprendizagem.

O conhecimento é sempre um ato de contínuo aprendizado, onde o aluno a busca com diligência e cuidado. Neste processo, o professor deve buscar através de métodos pedagógicos que o aluno seja o protagonista deste processo. Segundo Domingues, o conhecer é um verdadeiro desafio que se impõem aos sujeitos que estão aprendendo numa tentativa de novas possibilidades.¹³⁸ A partir do conhecimento aprendido o aluno se abre as novas possibilidades de conhecer e aprender a ponto de atualizar a mensagem bíblica a sua realidade.

Sendo assim a mensagem bíblica deve estar contextualizada de acordo com a realidade do estudante. Conforme Domingues, a contextualização traz à

¹³⁷ ALMEIDA, Maria da Conceição X. de. *Educação como aprendizagem da vida. Educar em Revista*, Nº 32, 2008. p. 43-55.

¹³⁸ DOMINGUES, Gleyds Silva. *Dimensões Pedagógicas na Educação Cristã: uma visão interrelacional entre os sujeitos e o processo de ensino e aprendizagem. VIA TEOLÓGICA*, v. 2, n. 10, 2020. p. 158-165.

tona a análise do contexto tanto em termos culturais, histórico, sociais e políticos ao demonstrar o fenômeno por várias perspectivas.¹³⁹ Para que haja uma aprendizagem mais significativa o professor deve buscar atualizar a sua mensagem, sem negar as verdades bíblicas, mas trazer a aula para a realidade de seus alunos contextualizando sua mensagem.

2.3 Educação que transforma

A educação que transforma é aquela que nos torna discípulos de Cristo. George (2014) diz que quando Jesus chama os homens para se tornar seus discípulos é um convite e uma responsabilidade para toda a vida.¹⁴⁰ O chamado a educar é para toda a vida do cristão que se empenha em formar novos discípulos.

O ato de educar é um ato de amor e compaixão pelo próximo. Nós só iremos contribuir para a transformação do educando, se educarmos como um ato de adoração. Conforme George, Jesus deixou bem claro o mandamento da Igreja “Amarás o Senhor, teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento e de toda a tua força e amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12. 30-31). Cristo nos ensina a amar os outros de forma completa e integral. Nossa comunhão com Deus é o resultado do nosso amor por Deus e pelas pessoas.¹⁴¹ Nossa maneira de educar só vai trazer transformação se educarmos amando as pessoas e a Deus acima de todas as coisas.

A educação que transforma é aquela que o professor busca ao se imergir na realidade do aluno buscando fazer o papel de mediador entre o estudante e o

¹³⁹ DOMINGUES, 2020.

¹⁴⁰ GEORGE, Sherron Kay. *Educação cristã: um novo olhar sobre a totalidade da vida*. Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB, v. 6, n. 1, 2014.

¹⁴¹ GEORGE, 2014.

contexto bíblico. A educação leva o aluno a ser o protagonista das suas próprias escolhas e que dessa forma leve o aluno a interagir ativamente na sociedade. A educação só vai ser transformadora se o aluno através dos princípios ensinados na escola dominical, contribuir para uma transformação na sociedade.

O educador cristão comprometido com a causa do evangelho só vai ser eficaz se a sua maneira de educar fazer com que o educando também faça outros discípulos. O educador deve transmitir aos seus educandos o compromisso com a causa do evangelho. A Educação Cristã tem a missão de fazer com que crianças e adultos sejam maduros na fé de tal forma a fazer novos discípulos. A Educação Cristã só vai ser eficaz se estiver unida com o discipulado cristão.

A Educação Cristã que transforma vai proporcionar ao crente um crescimento integral na sua caminhada de fé. A educação vai proporcionar o desenvolvimento e crescimento espiritual do ser humano no meio onde vive. Por isso devemos enfatizar, para haver desenvolvimento espiritual, a educação que transforma sempre vai contemplar o ser humano de forma integral, não fragmentada, proporcionando uma visão ampla do mundo sempre atualizando sua mensagem para o tempo presente.

3 A Educação Cristã na Prática

A prática da Educação Cristã tem como objetivo formar um cristão que saiba manifestar-se de forma prática e atuante pela causa do evangelho na sociedade em que está inserido. Macedo, Nascimento e Mildenberg ressaltam que a Educação Cristã proporciona ao indivíduo libertação, transformação e capacitação para atuar no meio onde convive.¹⁴² Sendo assim a prática da

¹⁴² MACEDO, A. S; NASCIMENTO, O; MILDENBERG, E. *Percursos e desafios da Educação Cristã*. Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa, v. 38, n. especial, 2022. p. 45-70.

Educação Cristã significativa nos faz seres humanos comprometidos com a sociedade onde vivemos.

A Educação Cristã visa formar cristãos comprometidos com a causa do evangelho, por isso, na prática do educador cristão é necessário que haja dedicação, didática e uma profundidade nos conceitos bíblicos de maneira que o professor traga novidade para os alunos e não fique na simples leitura e exposição da lição. Veremos nessa seção alguns conceitos sobre a vocação do educador cristão, também faremos uma análise de Jesus como um educador modelo e por último como relacionar a Educação Cristã e a igreja.

3.1 A vocação do educador cristão

A função do educador cristão vai muito além da função de professor. Alex Santos enfatiza que a função do educador cristão é diferente de apenas transmitir conhecimento. De acordo com ele, o educador tem uma maior sensibilidade com as necessidades do aluno.¹⁴³ O educador é mais aplicado, companheiro e faz um papel de mediador, diferente do professor que só passa conhecimento.

O educador cristão tem como função formar o caráter do aluno, ou seja, o papel dele é mais didático, ele tem paixão pelo que faz. Alex Santos enfatiza o papel do educador como formador do caráter e pedagogo.¹⁴⁴ Sendo assim o educador é muito mais do apenas um expositor de conteúdo, mas ele vai fazer o papel de condutor e auxiliar no processo de aprendizagem.

¹⁴³ SANTOS, Alex. O. *O que significa ser educador e ser professor?* Revista Teológica, n. 7, 2016.

¹⁴⁴ SANTOS, 2016.

O educador cristão, para ser um educador comprometido com o evangelho de Cristo, precisa se auto avaliar. Segundo Tedesco, ele deve olhar para dentro de si e ver se é discípulo de Cristo ou de seus próprios conceitos.¹⁴⁵ O educador cristão deve fazer como diz o texto da santa ceia “examine-se o homem a si mesmo” (1Co 11.28). Isso é fundamental para o educador cristão. Como cristão que serve a Deus é importante o docente ter a paixão pelo ensino, nunca fazer nada por obrigação ou de maneira desleixada, mas fazer o trabalho de Deus com excelência.

Conclui-se que o trabalho do educador cristão tem por objetivo transmitir aos alunos valores de cidadania e o caráter cristão, fazendo o papel de mediador do conhecimento nunca impondo nada, por isso é necessário que o educador seja um constante pesquisador e que tenha compromisso com o evangelho de Cristo.

3.2 Jesus como um educador modelo

Jesus foi o maior mestre de todos os tempos, era um professor por excelência. Price justifica que Jesus diferente dos mestres da lei não se apoiava em escoras humanas, mas o seu ensino vinha de dentro dele. Ele não citava nenhum outro mestre, sua palavra era suficiente.¹⁴⁶ Jesus, conforme os evangelistas, ensinava com autoridade e não como os escribas que se baseavam na tradição (Mt 7.28-29).

Jesus sabia que a única forma eficaz de gravar a mensagem do seu evangelho nos discípulos era através do ensino. Conforme Fernandes, umas principais formas de mediação do conhecimento das coisas divinas se manifestaram na pessoa de Jesus que é realizado através da transmissão da

¹⁴⁵ TEDESCO, 2019.

¹⁴⁶ PRICE, 1980.

palavra de Deus, seja pelo culto quanto pelo testemunho de fé cristã.¹⁴⁷ A mensagem de Cristo é dinâmica, não estática, atual e nunca envelhece.

Como educadores do evangelho, devemos seguir o exemplo de oração de nosso Senhor Jesus, que mesmo sendo Deus, conservava uma vida de íntima comunhão com o Pai. Cada educador da escola dominical deve ensinar, orar e agir para que cada aluno se submeta ao Senhor o mais cedo possível na sua vida. O professor além de sua vida como um estudioso da palavra de Deus, deve manter sua vida de oração e comunhão com o criador.

Jesus, como modelo de um educador cristão por excelência, tinha como objetivo transformar não apenas o intelecto dos seus discípulos, mas sua alma e emoções. Como educadores devemos enfatizar nos nossos alunos a necessidade de uma vida devocional com Deus, assim como Jesus sempre enfatizou. Conforme o evangelista Mateus, Jesus sempre procurou despertar nos discípulos a necessidade da oração, buscando ao Pai Celeste com insistência (Mt 7.7-11).

A religião cristã é baseada no ensino. Conforme Rogge, Jesus, quando fundou a religião cristã, queria que ela fosse a religião do ensino.¹⁴⁸ Aprendemos muitas coisas com o mestre dos mestres e assim percebendo com clareza que no seu ministério houve uma notável dedicação à didática e ao ensino. Quando Ele foi para junto do Pai prometeu aos seus discípulos que não os deixaria órfãos, mas enviaria o consolador e ele lhes ensinaria todas as coisas. (Jo 14.16-26).

Um educador que preze pelo ensino deve observar em Jesus o modelo de um ensinador perfeito que nos influencia e ensina até hoje. Cristo, como educador, não se baseava em outros mestres de seu tempo, antes ensinava com

¹⁴⁷ FERNANDES, 2018.

¹⁴⁸ ROGGE, Juliana Hoffmann Schvanz. *Educação Cristã: A relevância do ensino no contexto da igreja*, Faculdade Batista Pioneira, Ijuí, 2009.

autoridade em todos os momentos. Ensinou seus discípulos a orar e ainda deu o próprio exemplo de uma vida de oração nos fazendo refletir sobre como a religião cristã sempre foi uma religião de ensino e de prática. A melhor maneira de ensinarmos é observando e seguindo o exemplo de Jesus.

3.3 A Educação Cristã e a Igreja.

A Educação Cristã é uma obrigação da Igreja. Como uma agência educadora, a Igreja não pode ficar insensível ao chamado a educar. Fernandes (2018) destaca isso muito bem. A Educação Cristã nunca será uma opção da Igreja, mas faz parte da sua natureza e essência o chamado a educar como uma comunidade pedagógica.¹⁴⁹ No evangelho de Mateus, Jesus enfatiza o papel da Igreja de ensinar e fazer discípulos por todas as nações (Mt 28.19-20).

Como uma comunidade educadora nós devemos anunciar a Jesus como sendo aquele que tem a única chave redentora da salvação da humanidade. Segundo Gangel e Hendricks, a praticidade do ensino de Jesus é vinculada a sua obra de expiação.¹⁵⁰ Segundo o apóstolo Paulo, a sua pregação não consistia na demonstração de sabedoria humana, antes, consistia na demonstração do Espírito e de poder (1 Co 2.4). Por isso a necessidade de a educação ser cristocêntrica e com base na ação do Espírito Santo.

A igreja só vai conseguir ter uma base sólida de crescimento espiritual na prática da Educação Cristã. Tedesco enfatiza que é na prática docente que a Igreja vai conseguir transformar a nossa sociedade, que já não acredita nos valores humanos, sempre exercendo a misericórdia e a solidariedade gerando real

¹⁴⁹ FERNANDES, 2018.

¹⁵⁰ GANGEL, Kennneth O. & HENDRICKS, Howard G. *Manual de ensino para o educador cristão* - Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

mudança.¹⁵¹ A Educação Cristã na Igreja deve também partir por esse objetivo, o da transformação da sociedade em que vivemos.

A função da Educação Cristã é dupla: primeiramente levar o homem a conhecer a Deus e, num segundo momento, gerar a transformação da nossa sociedade. Para Tedesco, a Educação Cristã tem como função promover nos homens para que possam ser comprometidos com a sociedade em que vivem, oportunizando aos homens o bem-estar social. Também deverá oportunizar aos homens conhecer a si mesmo enquanto seres criados a imagem de Deus.¹⁵² A educação só vai ser completa se promover no ser humano o desejo profundo de ser ético e responsável tanto consigo mesmo com também com o próximo.

A igreja deve investir na Educação Cristã para que tenha crescimento espiritual e social na vida em sociedade. Segundo Macedo, Nascimento e Mildenberg, a Educação Cristã proporciona ao indivíduo a libertação e a capacitação tanto de si mesmo como do meio em que ele atua.¹⁵³ Sendo assim é o papel da Igreja ser uma agência de educação e ensino, para proporcionar a comunidade todas as bênçãos prometidas na palavra de Deus.

CONCLUSÃO

A partir do que foi discutido aqui, percebemos que a Educação Cristã tem uma função fundamental para a igreja moderna. A Educação Cristã é relevante para a igreja de Cristo. Diante de uma sociedade que valoriza pouco o estudo sistemático das escrituras, vimos que a Educação Cristã pode sim ser ainda uma agência de transformação e mudança para a nossa sociedade. Utilizando outras

¹⁵¹ TEDESCO, 2019.

¹⁵² TEDESCO, 2019.

¹⁵³ MACEDO, 2022.

ciências como auxiliares a teologia, como a pedagogia e a psicologia, por exemplo, fazendo assim da escola dominical um ambiente mais dinâmico e que contempla a aprendizagem do aluno de forma integral, de forma que o estudante leve o que aprendeu na escola dominical para o seu cotidiano e para a sua vida de modo geral.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Educação como aprendizagem da vida. Educar em Revista*, Nº 32, 2008.

ANDRADE, Claudionor de. *Teologia da Educação Cristã: A missão educativa da igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Dimensões Pedagógicas na Educação Cristã: uma visão interrelacional entre os sujeitos e o processo de ensino e aprendizagem. *VIA TEOLÓGICA*, v. 2, n. 10, 2020.

FERNANDES, Regina. *Escola Bíblica Recriando a Dominical*. Campinas: Editora Saber Criativo, 2018.

GANGEL, Kennneth O. & HENDRICKS, Howard G. *Manual de ensino para o educador cristão* - Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

GEORGE, Sherron Kay. *Educação cristã: um novo olhar sobre a totalidade da vida*. Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB, v. 6, n. 1, 2014.

GILBERTO, Antoni. *Manual da Escola Dominical*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

LAMARTINE, Heitor. *A Didática de Cristo: princípios didático-pedagógicos para a educação cristã*. REPAS, V. 6, 2019.

LIMA, Maria Jose Costa. *A educação cristã em uma perspectiva pentecostal*. In: Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST, v. 3, 2017. p. 315-323.

MACEDO, A. S; NASCIMENTO, O; MILDENBERG, E. *Percursos e desafios da Educação Cristã*. Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa, v. 38, n. especial, 2022.

MARCHIORE, Rogério Lacerda. *Os desafios da Educação Cristã na Escola Bíblica Dominical do Século 21*. Revista Ensaios Teológicos, v. 2, n. 2, 2016.

PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus: O mestre por excelência*. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

ROGGE, Juliana Hoffmann Schvanz. *Educação Cristã: A relevância do ensino no contexto da igreja*, Faculdade Batista Pioneira, Ijuí, 2009.

SANTOS, Alex. O. *O que significa ser educador e ser professor?* Revista Teológica, n. 7, 2016.

SANTOS, Valdeci da Silva. *Educação cristã: conceituação teórica e implicações práticas*. In.: FIDES REFORMATATA XII, Nº 2, 2008.

TEDESCO, Marcos Anderson. *Teologia e Prática Educação Cristã*. Joinville: Faculdade Refidim, 2019.

O ÊXODO BÍBLICO E A MAGIA DA ESCRITA NA PERSPECTIVA DE GERALD WHEELER: UMA TENTATIVA DE RESPONDER AO PROBLEMA DA AUSÊNCIA DE EVIDÊNCIA

Adriano da Silva Carvalho¹⁵⁴

RESUMO

Alguns estudiosos têm afirmado que se o êxodo descrito na bíblia tivesse ocorrido, os egípcios, que tinham uma grande obsessão em registrar quase tudo, teriam deixado algo escrito sobre esse evento. Mas é possível explicar a ausência de documentos escritos sobre o êxodo bíblico? Esta pesquisa pretende responder a essa pergunta a partir da perspectiva de Gerald Wheeler, segundo o qual a crença dos egípcios no poder mágico das palavras poderia explicar a ausência de testemunhos escritos sobre o êxodo. A pesquisa bibliográfica foi utilizada como metodologia. Como resultado, será apontado que a falta de evidências escritas do êxodo bíblico pode ser justificada pela convicção de que um relato escrito poderia trazer à existência um evento já ocorrido.

Palavras-chave: Êxodo. Antigo Testamento. Egito. Evidências. Hebreus.

ABSTRACT

Some scholars have claimed that if the exodus described in the bible had occurred, the Egyptians, who had a great obsession with recording almost everything, would have left something written about this event. But is it possible to explain the absence of written documents about the biblical exodus? This

¹⁵⁴ Mestre em Estudos Hermenêuticos, Novo Testamento e Divindade. Professor do Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas do Instituto Brasileiro de Educação Integrada-IBEI/RJ. Contato e-mail: adriano3656@gmail.

research intends to answer this question from the perspective of Gerald Wheeler, according to whom the Egyptians' belief in the magical power of words could explain the absence of written testimonies about the exodus. Bibliographical research was used as a methodology. As a result, it will be pointed out that the lack of written evidence of the biblical exodus can be justified by the conviction that a written account could bring into existence an event that had already occurred.

Keywords: Exodus. Old Testament. Egypt. Evidence. Hebrews.

INTRODUÇÃO

De acordo com a maioria dos egiptólogos e historiadores não há qualquer evidência do êxodo dos hebreus em documentos egípcios, o que os leva a concluir que toda a narrativa bíblica é um mito.¹⁵⁵ Para esses estudiosos essa história contada na Torá deve ser considerada como uma mitologia nacional sem mais base histórica do que a saga homérica das viagens de Ulisses ou a saga de Virgílio sobre a fundação de Roma.¹⁵⁶ Mas, é importante destacar que não há consenso entre os estudiosos sobre esse assunto. Na verdade, os historiadores são notórios por discordarem uns dos outros sobre quase tudo.¹⁵⁷ Assim, alguns concluíram que a falta de evidências arqueológicas e escritas indicam que o êxodo

¹⁵⁵ GERTOUX, Gerard. Moses and the Exodus: what evidence? Disponível em:<https://www.academia.edu/13001480/Moses_and_the_Exodus_what_evidence>. Acesso em: 22 jul. 2022.

¹⁵⁶ FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. The Bible Unearthed. New York. Touchstone, 2002, p.36.

¹⁵⁷ GRIM, Valerie; PACE, David; SHOPKOW, Leath. Learning to use evidence in the study of history. New directions for teaching and learning, 2004, 57.

descrito na bíblia nunca ocorreu.¹⁵⁸ Outros conjecturam que os escritores bíblicos não teriam inventado as origens de Israel na escravidão, e, portanto, o êxodo deve ter alguma base histórica:¹⁵⁹ a falta de registros históricos pode ser simplesmente o resultado da preservação aleatória. O clima seco do Egito não garantiria que tudo sobreviveria. Além disso, incêndios, guerras, acidentes e outros fatores podem ter causado a perda de alguns documentos.¹⁶⁰ Também foi sugerido que os egípcios ignoraram os hebreus por não os considerar importantes.¹⁶¹ Outros estudiosos viram o silêncio dos egípcios como deliberado, isto é, decorrente de motivações propagandísticas. Porém, como observou Gerald Wheeler, o silêncio em relação ao êxodo bíblico pode ter relação com dois aspectos da cultura egípcia, um que envolveu o propósito de inscrições monumentais e o outro a forma como os egípcios viam a própria natureza da escrita. Esta pesquisa sugerirá que esses dois aspectos podem ter sido os responsáveis pelos egípcios não terem feito qualquer referência histórica ao êxodo bíblico.

1. ISRAEL EM FONTES EXTRABÍBLICAS

A menção mais antiga de Israel num texto extrabíblico foi encontrada no Egito, na estela que descreve a campanha do faraó Meneptah - o filho de Ramsés II - em Canaã, no final do século XIII a.C.¹⁶² A inscrição relata uma destrutiva campanha militar egípcia naquela região, durante a qual um povo chamado Israel foi dizimado ao ponto de faraó se vangloriar de ter destruído a

¹⁵⁸ WHEELER, Gerald. *Ancient Egypt's Silence about the Exodus*. Andrews University Seminar Studies, vol.40, No. 2, 2002, p.257.

¹⁵⁹ WHEELER, 2002, p.257.

¹⁶⁰ WHEELER, 2002, p.257.

¹⁶¹ WHEELER, 2002, p.257.

¹⁶² FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p.57.; O texto da estela apresenta apenas o uso mais antigo conhecido de um nome, ver: THOMPSON, Thomas L. *The mythic past: biblical archaeology and the myth of Israel*. London: Basic Books, 1999, p.79.

semente de Israel.¹⁶³ Algum grupo conhecido como Israel estava em Canaã naquele período: “dúzias de povoados relacionados com os antigos israelitas apareceram na região montanhosa de Canaã na mesma época”.¹⁶⁴ A expressão “hebreu” como um termo que se refere a um povo vai muito mais para trás para se referir a uma classe ou tipo de pessoa.¹⁶⁵ Termos relacionados aparecem em textos sumérios, assírio-babilônicos e egípcios nas formas “*SA.GAZ*”, “*Hapiru*” e “*Apiru*”, referindo-se a indivíduos e grupos que não foram aceitos dentro das estruturas políticas de alianças patronais e lealdades que governavam a sociedade: “esses ‘hebreus’ eram literal e figurativamente ‘foras da lei’, não muito diferentes de personagens lendários na história como o Davi de I-II Samuel ou o Abraão de Gênesis 12 e 14, onde são chamados de hebreus”.¹⁶⁶

1.1. Datação

O êxodo dos hebreus tem sido fonte de controvérsia durante muitos anos, diferentes grupos de estudiosos debateram tanto a sua historicidade quanto a sua data.¹⁶⁷ A cronologia bíblica em 1 Reis 6.1 afirma que o êxodo ocorreu 480 anos antes do rei Salomão começar a construir o Templo em Jerusalém. Os estudiosos que estudam as cronologias bíblicas sugerem a data aproximada do início da construção do Templo entre os anos de 960 a.C. a 1012 a.C., esse intervalo colocaria o êxodo entre 1440 e 1491 a.C., durante o século XV a.C.¹⁶⁸ O problema surge quando os egiptólogos consideram os governantes que

¹⁶³ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p.57.

¹⁶⁴ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p.57.

¹⁶⁵ THOMPSON, 1999, p.79.

¹⁶⁶ THOMPSON, 1999, p.79.

¹⁶⁷ HOFFMEIER, James K. *What is the Biblical date for the Exodus?* A response to Bryant Wood. *Journal of the Evangelical Theological Society*, 50,2 p. 225- 247, 2007, p.225.

¹⁶⁸ KLENCK, Joel. *The Exodus from Egypt: archaeological data and expectations*. Flórida: Prc Press, 2010, p. IV.

presidiram o Egito neste período.¹⁶⁹ Segundo alguns estudiosos, se houve um êxodo histórico deve ter ocorrido no final do século XIII a.C.¹⁷⁰

1.2. O êxodo com poucas pessoas

No Livro de êxodo lemos que o número de israelitas que saíram do Egito foi de cerca de 600 mil homens a pé, sem contar mulheres e crianças.¹⁷¹ Isso sugere que o número de hebreus que saíram do Egito pode ter passado de dois milhões de pessoas. Mas, as pesquisas históricas e a falta de evidências não comportam um êxodo com essa multidão. Na verdade, as pesquisas têm sugerido um panorama diferente do apresentado na bíblia. Por exemplo, não se pensa em numa multidão, mas em israelitas emergindo de modo gradual como um grupo distinto de Canaã no final do século XIII a.C.¹⁷² Mas, Richard Elliott Friedman sublinhou: "poucos de nós pensaram que esse número fosse histórico de qualquer maneira".¹⁷³ Ele também observou que não há evidências arqueológicas contra a historicidade do êxodo, se foi um grupo menor que deixou o Egito:¹⁷⁴ "(...) a primeira menção bíblica do êxodo, o Cântico de Miriam, que é o texto mais antigo da Bíblia, nunca menciona quantas pessoas estiveram envolvidas no êxodo, e nunca fala de toda a nação de Israel".¹⁷⁵ Para esse autor, as alegações de alguns arqueólogos de que o êxodo nunca aconteceu não se baseiam em evidências, mas em grande parte em sua ausência.¹⁷⁶

¹⁶⁹ KLENCK, 2010, p. IV.

¹⁷⁰ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p.57.

¹⁷¹ Êx. 12.37.

¹⁷² FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p.57.

¹⁷³ THE EXODUS is not Fiction. An interview with Richard Elliott Friedman. Disponível em:<<https://reformjudaism.org/exodus-not-fiction>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

¹⁷⁴ THE EXODUS is not Fiction. An interview with Richard Elliott Friedman. Disponível em:<<https://reformjudaism.org/exodus-not-fiction>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

¹⁷⁵ THE EXODUS is not Fiction. An interview with Richard Elliott Friedman. Disponível em:<<https://reformjudaism.org/exodus-not-fiction>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

¹⁷⁶ THE EXODUS is not Fiction. An interview with Richard Elliott Friedman. Disponível em:<<https://reformjudaism.org/exodus-not-fiction>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

1.3. A ocupação

Já foi defendido que o Livro de Josué era composto das mesmas quatro fontes que encontramos no Pentateuco, a saber: J, E, D e P, E: esses quatro documentos concordavam que as doze tribos entraram em Canaã juntas pelo oriente, sob o comando de Josué, que derrotou as coalizões dos reis cananeus tanto no sul quanto no norte.¹⁷⁷ D e P acrescentam que ele capturou todas as cidades da terra, e deu essas cidades às tribos de Israel.¹⁷⁸ J e não registram conquistas tão extensas, e em várias passagens J afirma que não foram conquistadas as cidades que D e P afirmam terem sido tomadas por Josué; J também diz que várias cidades foram tomadas por outras pessoas que não Josué.¹⁷⁹ J e E também concordam que os cananeus não foram aniquilados: D e P. J nos dizem que os cananeus ainda "habitam no meio de Israel até hoje"; e na legislação de J (Ex. 34 11-13) é assumido que eles ainda são uma ameaça.¹⁸⁰ O documento E diz o seguinte sobre os cananeus: "não os expulsarei de diante de ti em um ano, para que a terra não fique desolada, e os animais do campo se multipliquem contra ti (...)".¹⁸¹ Já no livro de Juízes conhecemos uma relato da conquista diferente: vimos às tribos conquistando seus territórios separadamente, ou no máximo em pares, e não considera os cananeus exterminados, mas retendo todas as cidades importantes.¹⁸²

1.3. 1. As teorias

¹⁷⁷ PATON, Lewis Bayles. *Israel's Conquest of Canaan*. Journal of Biblical Literature. Vol. XXXII, 1913, p.1.

¹⁷⁸ PATON, 1913, p.1-2.

¹⁷⁹ PATON, 1913, p.2.

¹⁸⁰ PATON, 1913, p.2.

¹⁸¹ PATON, 1913, p.2.

¹⁸² PATON, 1913, p.2.

Três teorias foram apresentadas numa tentativa de explicar a ocupação de Canaã. Pensou-se em uma conquista única; em uma infiltração; e ainda em uma revolta camponesa.¹⁸³ Embora existam variações essas três teorias parecem ser representativas dos argumentos centrais das demais teorias.¹⁸⁴ Os proponentes da teoria da conquista, aceitaram o livro de Josué como base histórica, e os dados arqueológicos são usados para apoiar o relato de Josué sobre a ocupação da terra.¹⁸⁵

A teoria da infiltração pacífica é baseada principalmente na crítica de texto e declarações em várias partes do Antigo Testamento que se referem a povos migratórios indo e vindo em uma base bastante rotineira.¹⁸⁶ Nessa perspectiva certos elementos nos livros de Crônicas, Samuel e Reis foram lidos como apoio à narrativa de Juízes enquanto interpretava os mesmos elementos como refutando a narrativa de Josué.¹⁸⁷

A teoria do levante camponês pode ser considerada uma extensão da teoria da infiltração, pois requer a inserção das tribos israelitas como pré-condição.¹⁸⁸ Sugeriu-se que as tribos estivessem presentes por toda a terra, mas posicionadas na base da escala socioeconômica como camponeses.¹⁸⁹ Eventualmente, a população camponesa, tanto os israelitas quanto os cananeus, rebelaram-se por razões desconhecidas e afastaram seus opressores, isto é, a classe dominante.¹⁹⁰ Desta forma, a sociedade hebraica

¹⁸³ HARGUS, Coyt David. *Theories of the Israelite occupation of the Land of Canaan*. Austin, 2000, p.6.

¹⁸⁴ HARGUS, 2000, p.6.

¹⁸⁵ HARGUS, 2000, p.6 -7.

¹⁸⁶ HARGUS, 2000, p.10.

¹⁸⁷ HARGUS, 2020, p.10.

¹⁸⁸ HARGUS, 2000, p.16.

¹⁸⁹ HARGUS, 2000, p.16.

¹⁹⁰ HARGUS, 2000, p.16.

superou a sociedade Cananéia por dentro.¹⁹¹ Os cananeus sobreviventes foram simplesmente assimilados à sociedade israelita.¹⁹²

1.4. O êxodo como mito

A fronteira entre Canaã e o Egito era estritamente controlada.¹⁹³ E, se uma grande massa de israelitas fugitivos tivesse passado pelas fortificações de fronteira no regime faraônico deveria existir algum registro.¹⁹⁴ Porém, as abundantes fontes egípcias que descrevem a época do Novo Império em geral, e o século XIII em particular, não fazem referência aos israelitas, e nem mesmo dão uma única pista.¹⁹⁵ A estela de Meneptah se refere a Israel como um grupo de pessoas que já viviam em Canaã:¹⁹⁶

(...) Israel inexistia como possível inimigo do Egito, como amigo ou como nação escravizada (...). Não há achados no Egito que possam ser diretamente associados à noção de um grupo étnico estrangeiro distinto (em oposição a uma concentração de trabalhadores migrantes de muitos lugares) vivendo em uma área distinta do Delta oriental, como está implícito no relato bíblico dos filhos de Israel vivendo juntos na Terra de Gósen

Como os egípcios deixaram registros escritos tão extensos, seria de esperar alguma alusão ao incidente. Porém, nenhum aparece.¹⁹⁷ Richard Elliott Friedman reconheceu em uma entrevista que um êxodo com dois milhões de pessoas deveria realmente ter deixado alguns vestígios.¹⁹⁸ Além disso, embora o

¹⁹¹ HARGUS, 2000, p.16.

¹⁹² HARGUS, 2000, p.16.

¹⁹³ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p.57.

¹⁹⁴ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2000, p.57.

¹⁹⁵ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2000, p.59.

¹⁹⁶ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2000, p.60.

¹⁹⁷ WHEELER, 2002, p.257.

¹⁹⁸ THE EXODUS is not Fiction. An interview with Richard Elliott Friedman. Disponível em: <<https://reformjudaism.org/exodus-not-fiction>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

livro bíblico de Êxodo descreva com grande detalhe as calamidades que os egípcios sofreram durante o evento, os registros egípcios não fazem menção aberta sobre esses eventos.¹⁹⁹ Devido à falta de inscrições egípcias que mencionam o êxodo, durante o século XV a.C., alguns estudiosos declararam o evento como um mito ou uma invenção.²⁰⁰ Em outras palavras, o êxodo nunca ocorreu.²⁰¹ Tem sido assumido que a história de Jacó, que lutou com Deus, e que foi o pai de doze filhos, é ficção, baseada na suposta existência de Israel em suas doze tribos:²⁰² “poucos estudiosos bíblicos duvidariam disso hoje”. De acordo com alguns autores, a linha principal da história de Gênesis-Josué, isto é, a entrada no Egito, o êxodo, coleções completas de leis e o deserto é uma construção literária artificial.²⁰³ Eles também defendem que os escritores do antigo Israel sabiam pouco ou nada sobre a origem de Israel, sobre o êxodo, a conquista, e o período dos Juízes.²⁰⁴ Aliás, acredita-se que esses períodos nunca existiram.²⁰⁵ O Israel da bíblia está em nítido contraste com o Israel conhecido dos textos antigos e do trabalho de campo arqueológico.²⁰⁶

1.5. A arqueologia

David Wolpe, o rabino sênior do Templo Sinai em Westwood - Los Angeles, a principal sinagoga conservadora na Costa Oeste, em uma manhã de Páscoa, quando 2.200 pessoas vieram ouvir a Torá, fez a seguinte colocação sobre o êxodo:²⁰⁷ “a verdade é que praticamente todos os

¹⁹⁹ KLENCK, 2010, p. v.

²⁰⁰ KLENCK, 2010, p. v.

²⁰¹ WHEELER, 2020, p.257.

²⁰² THOMPSON, 1999, p.78.

²⁰³ HOFFMEIER, 2007, p.225.; THOMPSON, 1999, p.78.

²⁰⁴ HOFFMEIER, 2007, p.225.

²⁰⁵ HOFFMEIER, 2007, p.225.

²⁰⁶ THOMPSON, 1999, p.78.

²⁰⁷ NEUSNER, Jacob. How should we teach the history of Judaism? The Case of Rabbi Wolpe. *Journal of Jewish Education*, Vol. 68, No. 2, p.4-6, 2006, p.4.; WATANABE, Teresa. Doubting the Story of Exodus. *Los Angeles Times*, 2001. Disponível

arqueólogos modernos que investigaram a história do êxodo, com poucas exceções, concordam que a maneira como a Bíblia o descreve, não é como realmente aconteceu, se é que aconteceu”. De acordo com alguns estudiosos a evidência de uma conquista histórica de Canaã é fraca.²⁰⁸ Na verdade assim como acontece com a história do êxodo, a arqueologia descobriu uma discrepância considerável entre a Bíblia e a situação dentro de Canaã na data sugerida da conquista entre 1230 e 1220 a.C.²⁰⁹ Embora se saiba que um grupo chamado Israel já estava presente em algum lugar de Canaã por volta de 1207 a.C., "as evidências sobre o cenário político e militar geral de Canaã sugerem que uma invasão relâmpago por esse grupo teria sido impraticável e improvável ao extremo".²¹⁰ As descobertas arqueológicas manifestaram um acentuado desacordo com as narrativas bíblicas sobre a ocupação e conquista de Canaã.²¹¹ Por exemplo, descobriu-se que as cidades de Canaã não eram fortificadas e não havia muros que pudessem desmoronar.²¹² Aliás, no caso de Jericó, não havia vestígios de qualquer tipo de assentamento no século XIII a.C., e o antigo assentamento de Bronze tardio, datado do século XIV a.C., era pequeno e pobre, quase insignificante e não fortificado.²¹³ Então temos uma pergunta, as histórias da escravidão, êxodo e da conquista como descritas na bíblia não aconteceram? Para alguns autores os escritores bíblicos não teriam inventado as origens de Israel na escravidão, e, portanto, supõem que o êxodo deve ter alguma base histórica: "não é o tipo de tradição

em:<<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2001-apr-13-mn-50481-story.html>>.

Acesso em: 31 jul. 2022.

²⁰⁸ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p.73.

²⁰⁹ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p.76.

²¹⁰ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p.76.

²¹¹ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p.82.

²¹² FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p.81.

²¹³ FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p.82.

que qualquer povo inventaria!"²¹⁴ A falta de registros históricos pode ser simplesmente o resultado da preservação aleatória.²¹⁵ Mesmo o clima seco do Egito não garantiria que tudo sobreviveria. Além disso, incêndios, guerras, acidentes, e outros fatores também poderiam ser a causa da extinção de documentos importantes.²¹⁶

2. A CULTURA EGÍPCIA E O SILÊNCIO

O êxodo foi retratado na bíblia como um evento que devastou os egípcios. No entanto, não existem evidências de que o antigo Egito tenha feito qualquer referência histórica a esse evento.²¹⁷ O que há é um silêncio absurdo. Mas, Gerald Wheeler comentou que tal silêncio não deveria nos surpreender por causa de certos aspectos da cultura egípcia: “um envolve o propósito de inscrições monumentais e outro a forma como os egípcios viam a própria natureza da escrita”.²¹⁸

2.1. A propaganda

Wheeler escreveu que os monarcas egípcios nunca foram dados a registrar derrotas e desastres, “e certamente não o fariam em relação a uma perda de uma brigada de carruagens durante a perseguição de escravos fugitivos”.²¹⁹ Os antigos egípcios queriam colocar a melhor face em tudo o que acontecia.²²⁰ Um exemplo frequentemente citado é o encontro de Ramsés com os hititas em Qadesh, no rio Orontes.²²¹ O exército hitita esperando na emboscada permitiu que a primeira divisão passasse, depois

²¹⁴ WHEELER, 2002, p.257.

²¹⁵ WHEELER, 2002, p.257.

²¹⁶ WHEELER, 2002, p.257.

²¹⁷ WHEELER, 2002, p.257.

²¹⁸ WHEELER, 2002, p.257.

²¹⁹ WHEELER, 2002, p.257.

²²⁰ WHEELER, 2002, p.257.

²²¹ WHEELER, 2002, p.257.

atacou a segunda divisão enquanto a terceira ainda lutava pelo vau de Shabtuna.²²² Os soldados de faraó começaram a fugir do ataque e o governante egípcio quase foi capturado. Ramsés procurou a ajuda do deus egípcio Amon, e, então reuniu suas tropas e abriu caminho através das forças hititas. No dia seguinte, o líder hitita Muwatdlis enviou um emissário pedindo uma trégua.²²³ Aparentemente considerando-o o ponto alto militar de seu reinado, Ramsés teve a batalha registrada nas paredes de muitos de seus templos, incluindo Abidos, Karnak, Luxor, Ramesseum e Abu Simel.²²⁴ Relatos também sobreviveram em papiro, tornando-o o incidente militar mais bem documentado da história egípcia.²²⁵ Mas, os estudiosos modernos veem a batalha de Qadesh sob uma luz bem diferente. Em vez de uma vitória, Ramsés fez pouco mais do que libertar seu exército.²²⁶ Apenas a chegada oportuna de mais de suas tropas o salvou.²²⁷ A batalha recomeçou no dia seguinte, mas terminou em impasse.²²⁸ Ramsés se recusou a fazer um tratado com os hititas, e assim que os egípcios saíram, os hititas recuperaram o controle da região e empurraram a área de influência egípcia de volta para Canaã.²²⁹ Eventualmente, Ramsés teve que fazer um tratado de não agressão com o novo rei hitita, Hattusilis, para que as duas nações pudessem combater a crescente ameaça do império assírio liderado por Salmaneser I.²³⁰ Assim, portanto, o que Ramsés retratou como um grande triunfo foi provavelmente

²²² WHEELER, 2002, p.257-258.

²²³ WHEELER, 2002, p.258.

²²⁴ WHEELER, 2002, p.258.

²²⁵ WHEELER, 2002, p.258.

²²⁶ WHEELER, 2002, p.258.

²²⁷ WHEELER, 2002, p.258.

²²⁸ WHEELER, 2002, p.258.

²²⁹ WHEELER, 2002, p.258.

²³⁰ WHEELER, 2002, p.258.

pouco mais do que um empate militar.²³¹ Alguns autores reconhecendo a natureza propagandista dos registros egípcios destacaram que a falta de qualquer menção egípcia explícita de um êxodo não tem importância histórica, dado seu papel desfavorável no Egito e a perda quase total de todos os registros relevantes em qualquer caso.²³² Porém, o silêncio egípcio em relação ao êxodo pode ter uma razão mais complexa.²³³

2.2. O objetivo das inscrições

De acordo com Gerald Wheeler não poderíamos encontrar um evento como o êxodo registrado em inscrições monumentais no Egito.²³⁴ Isso porque os faraós usavam inscrições no templo para lembrar ao deus particular do templo que eles haviam governado com sabedoria e justiça em favor da divindade.²³⁵ Tais registros ajudariam o rei egípcio quando enfrentasse o julgamento na vida após a morte, demonstrando que ele havia vivido de acordo com os princípios de Ma'at.²³⁶ Assim, inscrições monumentais definitivamente não seriam o lugar para mencionar um evento como o êxodo bíblico.²³⁷ As pragas que precederam a partida dos hebreus pareciam indicar ira (fúria) ou punição por parte dos deuses.²³⁸ Além disso, as pragas podem ser vistas como um ataque à compreensão do Egito sobre criação, ordem e harmonia (Ma'at) no universo.²³⁹ Os egípcios não gostariam de nenhum lembrete público dessa experiência, desse ocorrido.²⁴⁰

²³¹ WHEELER, 2002, p.258.

²³² WHEELER, 2002, p.258.

²³³ WHEELER, 2002, p.258.

²³⁴ WHEELER, 2002, p.259.

²³⁵ WHEELER, 2002, p.259.

²³⁶ WHEELER, 2002, p.259.

²³⁷ WHEELER, 2002, p.259.

²³⁸ WHEELER, 2002, p.259.

²³⁹ WHEELER, 2002, p.259.

²⁴⁰ WHEELER, 2002, p.259.

2.3. Os poderes mágicos das palavras

A ausência de documentos escritos descrevendo o êxodo dos hebreus por parte dos egípcios pode ser creditada a uma crença nos poderes mágicos das palavras.²⁴¹ O termo egípcio para escrever, “*medu netcher*”, significa “as palavras dos deuses”, “palavras divinas”.²⁴² As palavras escritas eram a contrapartida humana das palavras dos próprios deuses e, portanto, compartilhavam seus poderes mágicos.²⁴³ Para os antigos egípcios, as palavras eram criativas em um sentido muito real.²⁴⁴ Elas continham o modelo para dar vida às coisas que representavam.²⁴⁵ O deus criador “*Ptah*” trouxe os outros deuses e outras coisas à vida através da fala performativa.²⁴⁶ Um texto antigo descreveu Ptah como “a boca que pronunciava o nome de tudo”.²⁴⁷ Suas palavras criativas não eram apenas “o que a cabeça pensava e a língua comandava, mas eram mágicas, contendo a essência do que representavam”.²⁴⁸ Por exemplo, um insulto, uma maldição ou uma ameaça tinha o poder de se tornar realidade.²⁴⁹ A palavra falada era uma arma que tinha o poder de subjugar ou aniquilar os inimigos.²⁵⁰ Nomear algo era fazê-lo realmente existir.²⁵¹ “Quando um visitante piedoso de uma tumba lia em

²⁴¹ WHEELER, 2002, p.259.

²⁴² WHEELER, 2002, p.259.

²⁴³ WHEELER, 2002, p.259.

²⁴⁴ WHEELER, 2002, p.259.

²⁴⁵ WHEELER, 2002, p.259.

²⁴⁶ WHEELER, 2002, p.259.

²⁴⁷ WHEELER, 2002, p.259.

²⁴⁸ WHEELER, 2002, p.259.

²⁴⁹ WHEELER, 2002, p.260.

²⁵⁰ WHEELER, 2002, p.260.

²⁵¹ WHEELER, 2002, p.260.

voz alta a fórmula de oferenda inscrita ali: mil pães, mil jarras de cerveja, isso trazia os itens à existência para o falecido".²⁵²

A magia e o poder inerentes às palavras, também eram intrínsecos a elas quando escritas.²⁵³ Da mesma forma que com a palavra falada, cada signo hieroglífico continha o modelo ou a essência de um ser, uma coisa ou o mundo, que os deuses poderiam querer trazer à existência.²⁵⁴ Acreditava-se que um signo continha a propriedade da própria vida.²⁵⁵ Os egípcios criam que se algo estivesse comprometido com a escrita poderia repetidamente acontecer por meio de magia.²⁵⁶ Mas, essa "magia" tinha uma base altamente racional.²⁵⁷ Textos religiosos em tumbas e templos, textos mágicos e feitiços funcionavam todos com base no princípio de que as palavras acionavam "*heka*", a potência primordial que deu poder ao deus criador no início.²⁵⁸ Os modernos tendem a pensar na magia como invocando a ajuda de forças sobrenaturais ou ocultas.²⁵⁹ Mas, os egípcios também consideravam a magia como forças ativadoras inerente à estrutura do próprio cosmos.²⁶⁰ A magia escrita e falada era um tanto análoga à construção de uma máquina que operava com leis físicas naturais.²⁶¹ No antigo Egito, a magia era a ferramenta ou mecanismo de controle para restaurar todas as formas de ordem e harmonia.²⁶² E escrever era um aspecto importante dessa magia.²⁶³ A escrita podia trazer os poderes do mundo invisível ou espiritual para o mundo

²⁵² WHEELER, 2002, p.260.

²⁵³ WHEELER, 2002, p.260.

²⁵⁴ WHEELER, 2002, p.260.

²⁵⁵ WHEELER, 2002, p.260.

²⁵⁶ WHEELER, 2002, p.260.

²⁵⁷ WHEELER, 2002, p.260.

²⁵⁸ WHEELER, 2002, p.260.

²⁵⁹ WHEELER, 2002, p.260.

²⁶⁰ WHEELER, 2002, p.260.

²⁶¹ WHEELER, 2002, p.260.

²⁶² WHEELER, 2002, p.260.

²⁶³ WHEELER, 2002, p.260-261.

físico e visível.²⁶⁴ Seja um ritual ou um feitiço mágico, um texto constituía palavras cuja eficácia cruzava a fronteira entre os dois reinos.²⁶⁵ Como as mensagens escritas podiam a qualquer momento se transformar em realidade, era preciso ter cuidado com o que se escrevia.²⁶⁶ Se escrever podia fazer algo acontecer, o inverso também era verdadeiro.²⁶⁷ "Tal era o poder da palavra escrita que ao excluir toda menção de um ato específico de um texto, o ato em si poderia ser entendido como não tendo ocorrido".²⁶⁸

2.4. Remoções

De acordo com Wheeler, a remoção de algo de um texto já escrito é um aspecto fácil de detectar.²⁶⁹ Ele lembra, por exemplo, da tentativa de apagar o nome do faraó feminino Hatshepsut da história, talvez porque o conceito de uma governante feminina forte não se encaixasse em como os egípcios pensavam que o universo deveria ser governado.²⁷⁰ Se o nome de Hatshepsut fosse completamente apagado, seria como se ela nunca tivesse existido.²⁷¹ Outro exemplo de remoção tem a ver com o faraó Akhenaton. Este faraó procurou eliminar ou reduzir a existência dos deuses tradicionais do Egito destruindo sistematicamente inscrições contendo seus nomes; então seus sucessores tentaram removê-lo da história erradicando (apagando) todos os seus próprios registros.²⁷² Como se pode perceber, os egípcios eram

²⁶⁴ WHEELER, 2002, p.261.

²⁶⁵ WHEELER, 2002, p.261.

²⁶⁶ WHEELER, 2002, p.262.

²⁶⁷ WHEELER, 2002, p.262.

²⁶⁸ WHEELER, 2002, p.262.

²⁶⁹ WHEELER, 2002, p.262-263.

²⁷⁰ WHEELER, 2002, p.262-263.

²⁷¹ WHEELER, 2002, p.263.

²⁷² WHEELER, 2002, p.263.

cuidadosos com o que registravam.²⁷³ Por causa do poder mágico inerente às próprias palavras, o que eles escreviam poderia acontecer novamente.²⁷⁴ Por isso, teriam relutado em registrar qualquer evento que pudesse ameaçar sua existência.²⁷⁵ Eles tentariam evitar qualquer coisa que pudesse perturbar o que eles chamavam de “*ma’at*”.²⁷⁶

3. O ÊXODO E O AUTOR DE HEBREUS

O autor da carta aos Hebreus no Novo Testamento apresentou uma leitura do êxodo que destoa daquela apresentada no livro de Josué: Israel foi tirado do Egito, mas nunca entrou na terra que Deus lhes havia prometido.²⁷⁷ Ao longo da carta aos Hebreus, o autor demonstra que a terra da promessa nunca foi realmente possuída, mas apenas peregrinada.²⁷⁸ Ele apresenta uma releitura do êxodo, mas sob a perspectiva da jornada espiritual dos crentes nesse mundo.²⁷⁹ Por meio dessa reconfiguração o autor da epístola demonstra que a experiência de seus leitores está em continuidade com toda a história de Israel, e deve ser considerada como evidência do fato de que eles são filhos de Deus, a quem o descanso tão esperado ainda está em aberto.²⁸⁰

CONCLUSÃO

A falta de evidências escritas (e de outro tipo) sobre o episódio conhecido na bíblia como o êxodo dos hebreus, tem levado a muitos a

²⁷³ WHEELER, 2002, p.263.

²⁷⁴ WHEELER, 2002, p.263.

²⁷⁵ WHEELER, 2002, p.263.

²⁷⁶ WHEELER, 2002, p.263.

²⁷⁷ THIESSEN, Matthew. Hebrews and the End of the Exodus. *Novum Testamentum*, 49, 2007, p.354-355.

²⁷⁸ THIESSEN, 2007, p.355.

²⁷⁹ THIESSEN, 2007, p.355.

²⁸⁰ THIESSEN, 2007, p.369.

duvidar que o tal evento tivesse realmente acontecido. Mas, a ausência de documentos egípcios que indiquem o êxodo dos hebreus pode ter a ver, como bem argumentou Wheeler, com a crença dos egípcios no poder mágico inerente às próprias palavras. Eles acreditavam que escrever era empregar uma tecnologia que controlava as próprias forças do cosmos.²⁸¹ Acreditavam que aquilo que foi escrito poderia vir a acontecer novamente. Por conta disso, os escribas egípcios teriam relutado em mencionar qualquer evento que já tivesse trazido o caos para o seu país.²⁸² Pois criam que o próprio relato histórico poderia explodir espontaneamente e novamente mergulhar a nação no desastre.²⁸³ Por isso, os egípcios não eram afeitos a registrar suas tragédias e derrotas. E, nesse caso, se o êxodo descrito na bíblia realmente aconteceu, os escribas e historiadores egípcios teriam boas razões para não tê-lo mencionado. Entretanto, essa e outras informações parecem ser irrelevantes para aqueles que defendem que o êxodo e outros eventos relacionados com o Israel da Bíblia são apenas criações literário-teológicas. Contudo, o autor da carta aos hebreus, com o êxodo dos hebreus em mente, escreve sobre um descanso que está aberto ao povo de Deus, um descanso a ser desfrutado ao final da peregrinação espiritual.²⁸⁴ Esse êxodo ainda não terminou!

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

²⁸¹ WHEELER, 2002, p.263-264.

²⁸² WHEELER, 2002, p.263.

²⁸³ WHEELER, 2002, p.263.

²⁸⁴ Hb. 4.8-11.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *The Bible Unearthed*. New York. Touchstone, 2002.

GERTOUX, Gerard. *Moses and the Exodus: what evidence?* Disponível em:<https://www.academia.edu/13001480/Moses_and_the_Exodus_what_evidence>. Acesso em: 22 jul. 2022.

GRIM, Valerie; PACE, David; SHOPKOW, Leath. *Learning to use evidence in the study of history*. New directions for teaching and learning, 2004.

HARGUS, Coyt David. Theories of the Israelite occupation of the Land of Canaan. Austin, 2000. 132p. Dissertação. The University of Texas at Austin.

HOFFMEIER, James K. *What is the Biblical date for the Exodus?* A response to Bryant Wood. Journal of the Evangelical Theological Society, 50,2 p. 225-247, 2007.

KLENCK, Joel. *The Exodus from Egypt: archaeological data and expectations*. Florida: Prc Press, 2010.

NEUSNER, Jacob. *How should we teach the history of Judaism?* The Case of Rabbi Wolpe. Journal of Jewish Education, Vol. 68, No. 2, p.4-6, 2006.

PATON, Lewis Bayles. Israel's Conquest of Canaan. Journal of Biblical Literature. Vol. XXXII, p.1-53, 1913.

THIESSEN, Matthew. *Hebrews and the End of the Exodus*. Novum Testamentum, 49, p.353-369, 2007.

THE EXODUS is not Fiction. *An interview with Richard Elliott Friedman*. Disponível em:<<https://reformjudaism.org/exodus-not-fiction>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

THOMPSON, Thomas L. *The mythic past: biblical archaeology and the myth of Israel*. London: Basic Books, 1999.

WATANABE, Teresa. *Doubting the Story of Exodus*. Los Angeles Times, 2001. Disponível em: <<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2001-apr-13-mn-50481-story.html>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

WHEELER, Gerald. *Ancient Egypt's Silence about the Exodus*. Andrews University Seminar Studies, vol.40, No. 2, 2002

A DOCTRINA DA TRINDADE: APONTAMENTOS HISTÓRICOS E CONFSSIONAIS

Luciano Azambuja Betim²⁸⁵

RESUMO

Com raras exceções, as grandes tradições cristãs professam a doutrina da Santíssima Trindade. Considerando essa ampla aceitação, perguntamos: Há base bíblico-teológica para formulação desse importante dogma de fé? Este artigo objetiva responder essa pergunta, iniciando primeiramente um exame em textos chave nas Sagradas Escrituras. Apontamos também textos de grandes teólogos, bem como formulações teológicas presente nas Confissões de Fé das principais igrejas cristãs situadas no protestantismo.

PALAVRAS-CHAVE: Confissões de Fé; Divindade; Santíssima Trindade.

ABSTRACT

With rare exceptions, the great Christian traditions profess the doctrine of the Holy Trinity. Considering this wide acceptance, we ask: Is there a biblical-theological basis for the formulation of this important dogma of faith? This article aims to answer this question by first starting an examination of key texts in the Holy Scriptures. We also point out texts by great theologians, as well as theological formulations present in the Confessions of Faith of the main Christian churches located in Protestantism.

²⁸⁵ Mestre em Teologia pela PUC-PR; Pós-graduado em Estudos Teológicos pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (Mackenzie); Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada pela FABAPAR; Graduado em Teologia pela FEPAR; Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil; E-mail: lucianobetim@outlook.com.br

KEYWORDS: Confessions of Faith; Divinity; Holy Trinity.

INTRODUÇÃO

Cremos em Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Essa é uma profissão de fé essencial exigida pelas grandes igrejas na ordenação de oficiais e recepção de membros. Para Werbick, a Trindade é consenso no cristianismo, embora não sem a presença de certas dificuldades, mas precisamente um paradoxo.²⁸⁶ A doutrina da Santíssima Trindade está presente nas formulações de fé das grandes tradições cristãs, elas o Catolicismo, o Protestantismo Histórico, bem como os principais grupos Pentecostais. Um olhar nos principais manuais de dogmática ou teologia sistemática dessas igrejas, revelará em seu bojo um capítulo inteiro dedicado a explicar esse importante tema de fé.

Diante dessa constatação, perguntamos: Há base bíblico-teológica para formulação dessa importante crença? De modo que neste artigo buscaremos responder essa pergunta, tendo como ponto de partida alguns textos nas Sagradas Escrituras. Esses textos servem de apontamentos como bíblica para formular esse importante ponto de fé. Dialogamos também com as Confissões de Fé históricas, bem como os grandes teólogos no movimento protestante.

²⁸⁶ WERBICK, Jürgen. *Doutrina da Trindade*. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. Vol. 2. Trad. Ilson Kayser. Petrópolis: Vozes, 2001, p.431.

As Sagradas Escrituras apontam diversos textos evidenciando uma revelação trinitária. Conforme passagens como Gênesis 1.26; 3.22; Genesis 18; Isaías 6.8 e outros, trazem algum indício da Trindade divina, entretanto a ênfase do Antigo Testamento repousa no conceito do monoteísmo.²⁸⁷ Outras passagens no Novo Testamento, entre elas Mateus 28.18-20; 2 Coríntios 13.13 e Efésios 1.4-13, evidenciam uma estrutura trinitária.

O artigo divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo buscamos apontar os principais textos nas Sagradas Escrituras, considerados fundamentais na defesa da Trindade. No segundo capítulo assinalamos alguns pontos no desenvolvimento histórico do dogma Trinitário. No terceiro e último capítulo, apresentamos a doutrina da Trindade nas principais Confissões de Fé ou Declarações de Fé das principais igrejas no protestantismo.

1. REVELAÇÃO TRINITÁRIA: APONTAMENTOS BÍBLICOS

Seria o dogma da Santíssima Trindade uma crença genuinamente bíblica? Wayne Grudem observa que embora o termo “Trindade” não está presente na Bíblia, a ideia concebida por essa palavra se faz presente em muitas de suas partes”.²⁸⁸ Em perspectiva teológica “[...] Deus é um, existindo, porém,

²⁸⁷ WERBICK, 2001, p.432.

²⁸⁸ GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: exaustiva e atual*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 165.

eternamente em três pessoas.²⁸⁹ Não trata de três deuses, mas um único Deus manifesto em três pessoas distintas.

Esse não foi e ainda não tem sido um tema de fácil compreensão. McRoberts observa que o ensinamento sobre a Trindade está rodeado de mistérios.²⁹⁰ Por outro lado, Strong, esclarece que embora não seja possível um entendimento total, há indícios dela mesmo no Antigo Testamento, sendo ela mais claramente revelada no Novo Testamento.²⁹¹ Apesar dessas dificuldades reais e reconhecidas, é mesmo assim possível compreender o assunto.

Alguns textos na teologia bíblica do Antigo Testamento merecem destaque: Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança [...] Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (Gn 1.26,27 - NVI). Neste texto os antigos padres da igreja observaram e sugeriram o mistério da Santíssima Trindade.²⁹²

Geoffrey Bromiley, biblista de na tradição reforma comenta:

O plural em Gn 1.26 e 11.7 deve ser notado, como também a forma plural do nome divino e a natureza da aparição divina perante Abraão em Gn 18. A importância da Palavra (SI 33.6), e

²⁸⁹ ERICKSON, Millard. *Dicionário Popular de Teologia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 200.

²⁹⁰ MACROBERTS, kerry. *A Santíssima Trindade*. In: HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: Uma perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p.156.

²⁹¹ STRONG, Augustos Hopkins. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2003, p.452.

²⁹² VAUX, R. *Gênesis*. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002, p.34

especialmente da Sabedoria (Pv 8.12ss.) de Deus, é um indício adicional, e num versículo misterioso como Is 48.16, num contexto fortemente monoteísta, temos algo que se aproxima muito da formulação trinitariana.²⁹³

O Novo Testamento apresenta uma revelação mais clara sobre a Trindade: “Assim que Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento os céus se abriram, e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba e pousando sobre ele. Então uma voz dos céus disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado” (Mt 3.16,17 - NVI). Outro texto está em 1 Coríntios 13.14: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês” (NVI). O texto de Mateus 28.18-20, tem sido tradicionalmente entendido como referencia a Trindade, embora, como indica Benoît um texto mais tardio, possivelmente uma formula liturgia da igreja em seus primeiros dias.²⁹⁴

Em relação ao texto de Mateus 3.16-17:

Por ocasião do batismo de Jesus, no rio Jordão, as três pessoas podiam ser distinguidas; o Filho, que estava sendo batizado, o Pai que falava do céu, e o Espírito que descia no símbolo objetivo de uma pomba. Jesus, tendo dessa maneira recebido o testemunho do Pai e do Espírito, recebeu autoridade para balizar com o Espírito Santo. João Batista parece ter reconhecido desde bem cedo que o Espírito Santo viria da parte do Messias, e não meramente em companhia dele. A terceira pessoa,

²⁹³ BROMILEY, Geoffrey W. *A Trindade*. In: ELWELL, Walter. *Enciclopédia Histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p.576.

²⁹⁴ BENOÎT, P. *Mateus*. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002, p.1758.

era, dessa forma, tanto Espírito de Deus como Espírito de Cristo.²⁹⁵

Alguns textos indicam também a divindade da pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus. O evangelho de João relata: “No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus” (Jo 1.1 - NVI). O sentido do texto aponta que a Palavra existia na mais estreita comunhão possível com o Pai, e que ele tinha um prazer supremo nessa comunhão”.²⁹⁶ Nas cartas paulina há também evidências de divindade de Jesus (Rm 9.5; Tt 2.13).

A divindade do Espírito Santo aparece em diversos textos. O livro dos Atos dos Apóstolos, conforme registra Lucas: “Ananias, como você permitiu que Satanás enchesse o seu coração, a ponto de você mentir ao Espírito Santo [...] O que o levou a pensar em fazer tal coisa? Você não mentiu aos homens, mas sim a Deus” (At 5.4 - NVI). Tradicionalmente essa é uma das maiores evidências da divindade do Espírito Santo. Simon Kistemaker escreve:

Pedro não faz nenhuma distinção entre Deus e o Espírito Santo. No versículo 3, ele declara que Ananias mentiu ao Espírito Santo e no versículo seguinte diz que Ananias mentiu a Deus. Portanto, Pedro identifica o Espírito Santo com Deus. Num versículo subsequente (v. 9), ele menciona o Espírito do Senhor. Logo, para

²⁹⁵ FINLAYSON, R. F. *Trindade*. In: DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário bíblico*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2002, p.247.

²⁹⁶ HENDRIKSEN, Willian. *Comentários do Novo Testamento: João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p.101.

ele o Espírito Santo é Deus; é a terceira pessoa da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.²⁹⁷

2. A DOCTRINA DA TRINDADE NA HISTÓRIA

Neste capítulo buscamos apresentar alguns breves comentários sobre o desenvolvimento histórico da doutrina da Santíssima Trindade, considerando sua importância nas correntes mais ortodoxas do Cristianismo histórico. Werbick aponta a presença de ideias trinitárias na Didaquê, nos escritos de Justino e Irineu.²⁹⁸ Charles Hodge, teólogo presbiteriano, argumenta que esse dogma é peculiar ao Cristianismo, embora admita a ideia de uma tríade estejam presentes também em outras religiões.²⁹⁹

Qual era pensamento dominante sobre Deus no primeiro século entre os Judeus? Segundo Louis Berkhof, nos dias de Jesus era bastante enfatizado a ideia da unidade de Deus, sendo que essa ênfase influenciou a igreja cristã nascente.³⁰⁰ Dentro do cristianismo nascente, isso não era necessariamente uma negação da Santíssima Trindade.

Alguns movimentos desafiaram a perspectiva bíblica. Por questão de espaço, apenas duas serão aqui destacadas. A primeira delas, foi denominada de “arianismo”. Conforme Berkhof, se tratava de uma crença cuja essência negava a divindade de Jesus e

²⁹⁷ HENDRIKSEN, 2003, p.247.

²⁹⁸ WERBICK, 2001, 437.

²⁹⁹ HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2001, p.333.

³⁰⁰ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p.79.

do Espírito Santo, vendo em Jesus a primeira criação de Deus.³⁰¹ As origens desse desvio doutrinário se acham nos ensinamentos de Ário, um teólogo do século IV, cujas crenças foram condenadas no concílio de Nicéia no ano 325 d.C.³⁰² Um resquício desse pensamento ainda sobrevive em grupos como as Testemunhas de Jeová.

A segunda delas veio ser conhecida como “modalismo” ou “monarquismo”. Conforme explica Jenson, nesse sistema, Deus está acima do tempo, mas que aparece como Pai, Filho e Espírito Santo em épocas diferentes.³⁰³ Erickson escreve que as origens desse pensamento se encontram no pensamento de Sabélion, na qual Deus assumiu três formas de manifestação em tempos diferentes.³⁰⁴ Alguns grupos unicistas situados no pentecostalismo sustentam essa crença na atualidade.

Diante desses desvios a igreja daqueles primeiros anos reagiu, formulando oficialmente a doutrina da Santíssima Trindade. Segundo Berkhof, a declaração trinitária clássica ocorreu por volta do quarto século, nos concílios de Nicéia e Constantinopla.³⁰⁵ Jenson observa que “Pai, Filho e Espírito Santo, se tornou o nome que a Igreja Cristã dá a seu Deus, porque reúne em uma só

³⁰¹ BERKHOF, 2001, p.79.

³⁰² ERICKSON, 2011, p.19.

³⁰³ JENSON, Robert. W. *O dogma niceno-constantinopolitano*. In: BRATEM, Carl E; JENSON, Robert W. *Dogmática Cristã, volume 1*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p.135.

³⁰⁴ ERICKSON, 2011, p.173.

³⁰⁵ BERKHOF, 2001, p.79.

expressão o conteúdo e a lógica das descrições identificadoras do mesmo”.³⁰⁶ Desde então esse tem sido o padrão de fé em todas as igrejas cristãs.

3. A DOCTRINA DA TRINDADE NAS CONFISSÕES PROTESTANTES

As principais correntes do Protestantismo histórico estão ligadas a Lutero e Calvino. Tanto a fé luterana quando a reformada (calvinista) enfatizam a crença trinitária ortodoxa cristã, expressando-a também nas Confissões de Fé e Catecismos. A tradição Wesleyana e Pentecostal seguem a mesma perspectiva.

Lutero, reformador alemão escreveu: “Cada uma dessas pessoas é o Deus completo, fora do qual não há outro Deus”.³⁰⁷ E conforme as confissões luteranas:

Em primeiro lugar, ensina-se e mantém-se, unanimemente, de acordo com o decreto do Concílio de Nicéia, que há uma só essência divina, que é chamada Deus e verdadeiramente é Deus. E, todavia há três pessoas nesta única essência divina, igualmente poderosas, igualmente eternas, Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, todas três uma única essência divina, eterna, indivisa, infinita, de incomensurável poder, sabedoria e bondade, um só criador e conservador de todas as coisas visíveis e invisíveis.³⁰⁸

³⁰⁶ JENSON, 2002, p.135.

³⁰⁷ LUTERO apud MUELLER, John Theodore. *Dogmática Cristã*. Porto Alegre: Editora Concordia, 2004, p.157.

³⁰⁸ *A Confissão de Augsburg*. São Leopoldo: Sinodal, 1980, p.6.

Outro importante reformador foi João Calvino, pai da chamada tradição reformada. Conforme o reformador de Genebra “Nas escrituras, desde a própria criação, se ensina essência única de Deus, que em Si contém três pessoas”. A Confissão Belga (1561) importante documento da Fé Reformada (Calvinista), expõe a doutrina da Trindade no artigo 8:

Conforme esta verdade e esta palavra de Deus, cremos em um só Deus, que é um único ser, em que há três Pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Estas são, realmente e desde a eternidade, distintas conforme os atributos próprios de cada Pessoa. O Pai é a causa, a origem e o princípio de todas as coisas visíveis e invisíveis. O Filho é o Verbo, a sabedoria e a imagem do Pai. O Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho, é a eterna força e o poder (AS TRÊS formas de Unidade, 2017, p. 21).³⁰⁹

Após o período da reforma, surgiram alguns movimentos dentro da tradição protestante histórica. Um desses movimentos veio ser denominado de “Metodismo”, sob a liderança de John Wesley. Essa tradição desenvolveu-se também nas igrejas de Santidade ou Igrejas do Nazareno.

Nos artigos de Fé da Igreja Metodista lemos:

Nós, metodistas, cremos na Trindade. São elas: Deus Pai, Deus filho e Deus Espírito Santo. Deus Pai é Criador e Sustentador do universo. Ele é Deus em sua preocupação com toda a criação, incluindo a nós. Deus Pai revelou-se a si mesmo no universo e em sua

³⁰⁹ AS TRÊS FORMAS de Unidade das Igrejas Reformadas: Confissão Belga, Catecismo de Heidelberg e Cânones de Dort. Recife: Clire, 2017, p.21.

preocupação geral pelo valor de seus filhos. Deus Filho é o redentor e recriador de nossas almas. Neste aspecto, Deus revelou-se em Jesus Cristo.³¹⁰

Mais recentemente, no século XX, nasce o movimento Pentecostal, vindo a tornar-se um dos maiores grupos no protestantismo, presente em todos os países do mundo. O Pentecostalismo clássico é representado pelas igrejas Assembleia de Deus e Igreja do Evangelho Quadrangular. Essas comunidades são também de confissão trinitária, conforme expõem dois grandes teólogos representantes do movimento:

O Deus Único e Verdadeiro revelou-se como o eterno e auto-existente “Eu ou”, o Criador dos céus e da terra, e o Redentor da humanidade. Ele também se revelou como aquele que incorpora os princípios de relação e associação como Pai, Filho e Espírito Santo.³¹¹

Conforme observado nas referências supracitadas acima, desde o início da história do cristianismo o cristianismo tem sustentado o dogma da Santíssima Trindade. Sob a reforma com Martinho Lutero e João Calvino, as grandes Confissões de Fé dessas duas correntes, passando pelo movimento Metodista e chegando no movimento Pentecostal, a crença no Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo tem sido crido e ensinado.

³¹⁰ STOKES, Mack. *As crenças fundamentais dos Metodistas*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992, p.24.

³¹¹ HORTON, Stanley; MENZIES, Willian. *Doutrinas bíblicas: uma perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p.39.

CONCLUSÃO

Neste artigo, sob o título “Dogmática Trinitária: uma perspectiva bíblica, teológica e confessional”, propomos responder o seguinte questionamento: “Há base bíblico-teológica para formulação dessa importante crença? Buscamos responder tendo como ponto de partida alguns textos nas Sagradas Escrituras, dialogamos também com as Confissões de Fé históricas, declarações de fé, bem como os grandes teólogos no movimento protestante.

A doutrina da Santíssima Trindade é parte do conjunto de crenças fundamentais da fé cristã. Entretanto ela não foi sempre aceita de bom grado pela comunidade religiosa. Desde os primeiros anos do cristianismo ouve tentativas de negar esse dogma. Grupos como o Arianismo e Sabelianismo estão entre aqueles que rejeitaram essa doutrina. Esses dois grupos encontram hoje eco em grupos como as Testemunhas de Jeová e Igreja Unicistas.

Na teologia das igrejas reformistas se conserva o dogma bíblico-teológico trinitário. Martinho Lutero e João Calvino, mantiveram-se nos arraiais ortodoxos da dogmática trinitária. A Confissão de Augsburgo – luterana – e as Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas, mantiveram-se na trilha do cristianismo histórico. O mesmo ocorreu com o movimento Metodista, e mais recentemente o movimento Pentecostal.

A negação do dogma da Santíssima Trindade acarreta em sérias consequências para a fé cristã. Se Jesus não é Deus, então não é ele capaz de satisfazer as exigências de Deus. Para que os pecados da humanidade fossem expiados, havia a necessidade alguém que fosse verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. O mesmo ocorre com a negação da divindade do Espírito Santo. Não se trata apenas de uma força ou energia, porém de uma pessoa exercendo atributos divinos.

REFERÊNCIAS

A Confissão de Augsburgo. São Leopoldo: Sinodal, 1980.

AS TRÊS FORMAS de Unidade das Igrejas Reformadas: Confissão Belga, Catecismo de Heidelberg e Cânones de Dort. Recife: Clire, 2017.

BENOÎT, P. Mateus. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002, p.1758.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

BÍBLIA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2004.

BROMILEY, Geoffrey W. *A Trindade*. In: ELWELL, Walter. *Enciclopédia Histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.

CALVINO, João. *Institutas da Religião Cristã, vol.1*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

FINLAYSON, R.F. *Trindade*. In: DOUGLAS, J.D. *O novo dicionário bíblico*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2002.

HENDRIKSEN, Willian. *Comentários do Novo Testamento: João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley; MENZIES, Willian. *Doutrinas bíblicas: uma perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

JENSON, Robert. W. *O dogma niceno-constantinopolitano*. In: BRATEM, Carl E; JENSON, Robert W. *Dogmática Cristã, volume 1*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

KISTEMAKER, Simon. *Comentários do Novo Testamento: Atos, vol. 1*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

MACROBERTS, kerry. A Santíssima Trindade. In: HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: Uma perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

MILLARD, Erickson. *Dicionário Popular de Teologia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MUELLER, John Theodore. *Dogmática Cristã*. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2004.

WERBICK, Jürgen. *Doutrina da Trindade*. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática. Vol. 2*. Trad. Ilson Kayser. Petrópolis: Vozes, 2001.

WILLIAMS, Derek. *Dicionário bíblico Vida Nova*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.

STRONG, Augustos Hopkins. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2003.

STOKES, Mack. *As crenças fundamentais dos Metodistas*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992.

VAUX, R. *Gênesis*. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.